Danielle Truffi Lima Davanço

Um estudo sobre o imaginário coletivo de homicidas acerca do matar.

CAMPINAS, 2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Ciências Médicas

UM ESTUDO SOBRE O IMAGINÁRIO COLETIVO DE HOMICIDAS ACERCA DO MATAR

DANIELLE TRUFFI LIMA DAVANÇO

Dissertação de mestrado apresentada à pós-graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP para obtenção de título de mestre em Ciências Médicas, área de concentração em Ciências biomédicas. Sob orientação do Prof. Dr. Joel Sales Giglio.

CAMPINAS, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
ROSANA EVANGELISTA PODEROSO – CRB8/6652
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP

D271e

Davanço, Danielle Truffi Lima, 1982 -
Um estudo sobre o imaginário coletivo de homicidas acerca do matar / Danielle Truffi Lima Davanço. – Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Joel Sales Giglio.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.

1. Homicídio. 2. Criminologia. 3. Crime. 4. Psicanálise. I. Giglio, Joel Sales. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: A study on the collective imagination of murderers on killing.
Palavra-chave em inglês:
Homicide
Criminology
Crime
Psychoanalysis
Área de concentração: Ciências Biomédicas
Titulação: Mestre em Ciências Médicas
Banca examinadora:
Joel Sales Giglio [Orientador]
Tânia Maria José Aiello Vaisberg
Neury José Botega
Data da defesa: 28-02-2012
Programa de Pós-Graduação: Ciências Médicas

Banca examinadora da Dissertação de Mestrado

Danielle Truffi Lima Davanço

Orientador: Prof. Dr. Joel Sales Giglio

Membros:

1. Prof. Dr. Joel Sales Giglio -
2. Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello Vaisberg -
3. Prof. Dr. Neury José Botega -

Curso de pós-graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 28/02/2012

Dedicatória

Ao Daniel, meu horizonte.

Aos meus pais, por tudo que sou.

Aos meus filhos, Vinícius, Vallentina e Violleta (no forno), com muito carinho.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Joel Sales Giglio, pelos ensinamentos, confiança e companheirismo no decorrer dos últimos quatro anos.

Aos examinadores de minha pré-banca, professores Tania Maria José Aiello-Vaisberg, Neury José Botega, Cláudio Müller Banzato e Eriksson Felipe Furtado, pelas valiosas sugestões, que enriqueceram a lapidação deste trabalho.

Aos meus irmãos, Cristiano e Adriano, que, mesmo a distância, continuam presentes em meus pensamentos e em minha vida.

À supervisora e agora amiga, Fabiana Follador e Ambrosio, pela dedicação em me mostrar o caminho a ser trilhado.

À equipe, companheira de trabalho do Centro de Ressocialização de Mogi Mirim, pela ajuda e permissão da realização de minha pesquisa.

Às integrantes do grupo LASER, Ana Maria, Bartira, Bianca e Suzana, pelas risadas, pela atenção em me ouvir e pelo apoio mútuo.

Aos meus sogros, Wagner e Neli, por me apoiarem e se orgulharem de mim como sua filha.

Aos meus amigos, que, por felicidade, são muitos e realmente queridos. Mesmo que cada um tenha me apoiado à sua maneira, agradeço especialmente a Fernanda, Raquel, Mylene e Lucas, que me ouviram, embora o assunto não fosse assim tão interessante a eles, e entenderam a minha ausência nos últimos oito meses da elaboração deste trabalho.

À CAPES, pela concessão de bolsa de mestrado, sem a qual não poderia ter mergulhado exclusivamente neste processo.

Resumo

Davanço, DTL. Um estudo sobre o imaginário coletivo de homicidas acerca do matar. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

O presente trabalho objetiva a investigação psicanalítica do imaginário coletivo de homicidas acerca do matar. Compreendendo o método psicanalítico como um método investigativo nas ciências humanas e partindo de um paradigma intersubjetivo, realizamos seis entrevistas individuais para a abordagem da pessoalidade coletiva da pessoa que comete homicídio – réus confessos do crime de homicídio do Centro de Ressocialização de Mogi Mirim, SP - acerca do ato de matar. Valemo-nos de uma mediação dialógica conhecida como Procedimento Desenhos-Estórias com Tema, desenvolvida por Aiello-Vaisberg. As entrevistas foram realizadas dentro da própria Unidade prisional referida, mediante convites aos participantes, antecedidos por pesquisas em prontuário criminológico. A partir das entrevistas, narrativas transferenciais sobre o acontecer clínico foram confeccionadas; o material, considerado psicanaliticamente à luz da Teoria dos Campos de Herrmann e de interlocução com o pensamento winnicottiano, foi tomado para a captação dos campos de sentido afetivo-emocional que organizam o imaginário coletivo estudado. O quadro geral permitiu a organização das concepções imaginativas enquanto emergentes de três campos de sentido afetivo-emocional: **"Acontecimento fatídico "Um mundo próprio";** e **"Dramática humana".** A partir deste estudo, criamos/encontramos três motivações que poderiam estar sustentando o ato de matar no Imaginário Coletivo de nossos entrevistados.

Palavras-chave: homicídio, criminologia, crime, psicanálise.

Abstract

Davanço, DTL. A study on the collective imagination of murderers on killing. Master's Dissertation. School of Medical Sciences. State University of Campinas. Campinas, 2012.

This paper is intended as a psychoanalytical investigation of the collective imagination of murderers on killing. In our understanding of the psychoanalytical method as an investigative method for the Humanities, and with an intersubjective paradigm as the starting point, we conducted six personal interviews for an approach to the collective personality of people who commit murder – defendants who admitted to have committed murder and are undergoing reeducation at the Resocialization Center of Mogi Mirim, SP – regarding the act of killing, [and] we resorted to a dialogic mediation known as Procedure Drawings-Story with Theme, developed by Aiello-Vaisberg. The interviews were conducted inside the prison facility itself through invitations extended to those undergoing participants, preceded by research of criminal records in order to locate those who were serving sentences for the aforementioned crime. With the interviews as a starting point, transferential narratives on clinical events were carefully prepared; the material, considered psychoanalytically under the light of Herrmann's Field Theory and an interlocution with Winnicottian thought, was considered in order to capture the affective-emotional sense fields that organize the Collective Imaginary subject to study. This overview allowed imaginative conceptions to be organized while emerging from three affective-emotional sense fields: "**fateful event**"; "**one's own world**" and "**human dramatics**," which is organized around the belief that human living, a very complex phenomenon, encompasses both destructive and violent deeds and constructive and kind deeds, and such deeds are capable of being done by every human being. We concluded that, based on this study, three motives could be supporting the Collective Imaginary for the conduct of the interviewed murderers.

Keywords: homicide, criminology, crime, psychoanalysis.

Lista de Abreviaturas

AMPAC: Associação Mogimiriana de Proteção e Assistência Carcerária

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CID: Classificação Internacional de Doenças

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CR: Centro de Ressocialização

DEINTER: Departamento de Polícia Judiciária de São Paulo Interior

DSM: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

FCM: Faculdade de Ciências Médicas

FUNAP: Fundação de Amparo ao Preso

LASER: Laboratório de Saúde, Espiritualidade e Religião

LEP: Lei de Execução Penal

ONG: Organização Não Governamental

PUCC: Pontifícia Universidade Católica de Campinas

SIC: Segundo Informações Coletadas

SIM: Sistema de Informação de Mortalidade

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

Tabelas

Tabela 1: Número de Homicídios por UF e Região. Brasil. 2000/2010.

Tabela 2: Resumo das Várias Abordagens Teóricas sobre as Causas da Criminalidade.

Sumário

Resumo ..... **xi**

Abstract ..... **xiii**

Lista de abreviaturas ..... **xv**

Tabelas ..... **xvii**

Apresentação ..... **xxi**

I. Introdução e revisão da literatura **25**

1. Considerando a criminalidade e o comportamento criminoso 27
1.1. Criminalidade 27
1.2. Comportamento criminoso 31
1.3. Parâmetros biológicos acerca do comportamento criminoso 32
1.4. Parâmetros psicológicos acerca do comportamento criminoso..... 35
1.5. Parâmetros sociais acerca do comportamento criminoso 37
2. Apresentando o Centro de Ressocialização de Mogi Mirim (CR)..... 42
3. Objetivo 48

II. Apresentando metodologicamente a pesquisa **49**
1. Esclarecendo o paradigma da psicanálise como método de pesquisa 51
2. Abordando o Imaginário Coletivo como conduta 56
3. A configuração dos encontros com os homicidas 58
4. O registro e a comunicação do acontecer – Narrativas Psicanalíticas..... 64
5. Criando/encontrando os campos de sentido afetivo-emocional 65

III. O Material **69**
1. Narrativas psicanalíticas..... 71
1.1. Narrativa do encontro com Aquino 71
1.2. Narrativa do encontro com Bartolomeu 77
1.3. Narrativa do encontro com Benedito 83
1.4. Narrativa do encontro com Antônio 94
1.5. Narrativa do encontro com Bento 100
1.6. Narrativa do encontro com Agostinho 104

IV. Resultados **113**
1. Criando/encontrando campos de sentido afetivo-emocional 115

V. Discussões e reflexões **121**

VI. Considerações finais **139**

VII. Referências Bibliográficas **149**
VIII. Anexos **165**
ANEXO 1 – Homologação do comitê de ética **167**
ANEXO 2 – termo de Consentimento Livre e Esclarecido **169**

Apresentação

Para a realização do presente trabalho, tive como objetivo investigar psicanaliticamente o Imaginário Coletivo de homicidas, réus confessos do Centro de Ressocialização de Mogi Mirim/SP acerca do matar.

Mesmo que esta pesquisa tenha sido realizada no decorrer dos dois anos e meio de mestrado, seria mais certo apresentá-la como algo que vem sendo formado desde a minha especialização em Psicologia Jurídica.

Durante todo meu histórico profissional procurei manter-me, primordialmente, em contato com os meios jurídico e forense, dando prioridade aos assuntos relacionados ao homicídio. É fato que o assassinato é algo que traz grande perplexidade para a maioria da população, por ser um ato de extrema violência. A mim, tal atitude também sempre trouxe inquietudes internas que procurei sanar no decorrer de minha carreira profissional. Durante minha experiência com o curso de perfil criminal e na especialização em psicologia jurídica, pude entrar em contato com as diferentes realidades dos homicidas e dos homicídios. Para um maior aprofundamento de meus estudos, passei grande parte do meu percurso pesquisando as diversas obras acerca do tema. Tive a oportunidade de estudar: investigações de perfis criminais, etiologia do comportamento criminoso, criminologia e vitimologia.

No decorrer de minha especialização em Psicologia Jurídica, frequentei por um ano a Penitenciária Feminina de Sant'Ana, atendendo mulheres que cumpriam pena por homicídio qualificado. Minha intenção com o trabalho com as detentas foi atentar para as características da personalidade psicopata e para o processo prisional na carceragem feminina.

No entanto, dados objetivos de escalas de periculosidade e análises classificatórias dos transtornos de personalidade, como a psicopatia ou o transtorno de personalidade antissocial, não satisfaziam minhas dúvidas e inquietudes diante do ato de um ser humano tirar a vida de seu semelhante.

Foi, então, após um ano trabalhando no Centro de Ressocialização de Mogi Mirim, que resolvi, juntamente com o meu orientador (Prof. Dr. Joel Sales Giglio), que seria interessante a nós e ao ambiente científico que fizéssemos uma pesquisa psicanalítica sobre o imaginário coletivo dos homicidas.

Se, ao longo da Especialização, privilegiamos a classificação da psicopatia feminina em mulheres homicidas, no mestrado, nossa intenção já foi entrar em contato com os substratos afetivo-emocionais não conscientes que poderiam sustentar tal conduta. Assim, não nos preocupamos com os transtornos mentais e de personalidade, nem com as modificações físicas e químicas que ocorreriam organicamente em indivíduos diagnosticados com transtornos de personalidades, tais como a psicopatia e o transtorno antissocial.

No decorrer das páginas desta dissertação, no primeiro capítulo, denominado "Introdução e revisão da literatura", considerar a criminalidade e o comportamento criminoso. Para tanto, fizemos um levantamento científico acerca das concepções da etiologia do comportamento criminoso e, a bem do entendimento do leitor, dividimos em parâmetros biológicos, psicológicos e sociais. Ainda neste primeiro capítulo, apresentaremos brevemente a unidade prisional onde foram realizadas nossas entrevistas, o Centro de Ressocialização de Mogi Mirim/S.P. Ao final da introdução, explicitaremos nosso objetivo principal.

No capítulo "Apresentando metodologicamente a pesquisa", comunicaremos as estratégias metodológicas utilizadas para que pudéssemos atender ao nosso objetivo de investigar o imaginário coletivo dos homicidas, réus confessos do Centro de Ressocialização de Mogi Mirim, acerca da morte, do morrer e do matar. Assim, apresentaremos diversos conceitos metodológicos, tais como "pesquisa psicanalítica", "campo psicológico de sentido afetivo-emocional", e "narrativa psicanalítica", que estão epistemologicamente afinados à perspectiva intersubjetiva, segundo a qual atuamos nesta pesquisa. Também neste capítulo, para orientar o leitor, discorreremos sobre o procedimento apresentativo-expressivo, denominado de Desenhos-estórias com Tema, que utilizamos em nossas entrevistas e explicitaremos com clareza a escolha do tema por nós abordado.

No capítulo “Material - Narrativas Psicanalíticas”, relataremos as narrativas psicanalíticas redigidas em primeira pessoa pela pesquisadora, a partir das entrevistas com os participantes.

Como resultados, obtivemos três campos de sentido afetivo-emocional. Tais campos, denominados de “Acontecimento fatídico”, “Um mundo próprio” e “Dramática humana”, serão brevemente apresentados no capítulo “Resultados - os campos de sentido afetivo-emocional”, os quais serão alvo de reflexões clínico-teóricas no capítulo seguinte, intitulado “Discussões e reflexões”.

Por fim, no capítulo “Considerações finais”, discutiremos as implicações do imaginário coletivo dos homicidas, e o que pudemos concluir acerca do “matar”, enquanto conduta de nossos participantes.

I. Introdução e Revisão da Literatura

1. Considerando a criminalidade e o comportamento criminoso

O presente capítulo se desenvolve de acordo com a pesquisa bibliográfica, no que diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras. Tem como base fundamental conduzir o leitor ao assunto da criminalidade e do comportamento criminoso. Sendo assim, foi feita pesquisa em livros e artigos publicados recentemente que tratam de tais assuntos.

O intuito deste capítulo está distante de estabelecer uma verdade irrefutável quanto aos possíveis determinantes do comportamento criminoso, mas lança mão do que foi por nós encontrado acerca do tema abordado.

1.1. Criminalidade

Atualmente, um dos problemas que trazem preocupações, discussões, estudos e análises à sociedade brasileira é o aumento da criminalidade, provocando insegurança na população, de maneira geral. Assim, acreditamos que compreender melhor o funcionamento da criminalidade é uma tarefa de importância vital para a humanidade.

A criminalidade pode ser considerada a partir da quantidade de delitos contra o patrimônio (furto, roubo, latrocínio) ou contra a pessoa (lesão corporal, homicídio) (1). Pode ser definida como um grupo de atos criminosos em um determinado local, porém é um fenômeno complexo e multicausal (2).

Atualmente, o fenômeno da violência pode ser dividido em dois conceitos de criminalidade: a criminalidade moderna e a criminalidade de massa. A denominada criminalidade moderna estaria ligada à economia, à ecologia, à criminalidade no comércio exterior e ao contrabando internacional de drogas. Tem como características essenciais: a ausência de vítimas individuais e pouca visibilidade dos danos causados. Já a chamada criminalidade de massa inclui os crimes contra os indivíduos, tais como roubo, sequestro, homicídio, crimes sexuais, dentre outros. Estes, sim, são geradores de insegurança, revolta e pânico na sociedade (3).

O número de pessoas que se envolvem no mundo do crime cresce vertiginosamente e se infiltram em todos os âmbitos do tecido social. O crime é um

fato inevitável, uma vez que pode ser constatado em todos os lugares, em todas as épocas, sempre que pessoas fogem ao padrão de conduta permitido, estabelecido pelas leis vigentes (4).

Porém, o fato que mais chama atenção na sociedade contemporânea é que, devido a esse crescimento vertiginoso, passou-se a enxergar crimes violentos e atos de crueldade com certa indiferença, o que leva à banalização da violência. Isso torna as relações entre as pessoas cada vez mais distanciadas e propicia o aumento da criminalidade, principalmente nas grandes cidades e nos locais onde ocorre uma maior tensão entre as esferas sociais, como nos centros urbanos (5).

O Ministério da Justiça do Brasil e o Instituto Sangari (6) realizaram um valioso estudo, na tentativa de contribuir para a compreensão de um dos maiores desafios que hoje enfrenta nosso país: o da violência irrompendo e transformando o cotidiano da sociedade. Tal estudo, que apresenta uma cuidadosa pesquisa acerca do homicídio nas capitais brasileiras, optou por utilizar os índices das mortes por agressões como indicador geral de violência na sociedade, por duas razões:

Mesmo que a violência não tenha uma definição completa e que nem toda violência cotidiana termine em morte, esta consequência revela, por si, a violência levada a seu grau extremo. Também a intensidade dos diversos tipos de violência tem relação com o número de mortes que causa.

Em segundo lugar, o registro de queixas à polícia sobre diversas formas de violência tem uma abrangência limitada. Como forma de ilustração, podem-se citar alguns dados significantes da presente limitação nos registros policiais: apenas 6,4% dos jovens denunciaram à polícia casos de violência física; apenas 4% dos furtos/assaltos foram notificados; somente 15%, no caso de violência no trânsito, foram registrados. Já no que se refere aos óbitos, existe um Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) (7) que centraliza notificações de mortes em todo o país e cobre uma parcela bastante abrangente das mortes ocorridas, informando, inclusive, sua causa. Na Tabela 1, abaixo, podemos ter uma ideia da

quantidade de mortes causadas pela violência, nos anos de 2000 a 2010, nas grandes capitais do País:

Tabela1 – Número de Homicídios por UF e Região. Brasil. 2000/2010 (6)

Capital/Região	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Acre	108	122	151	135	115	125	155	133	133	152	144
Amapá	155	184	181	190	173	196	203	171	211	191	259
Amazonas	557	483	512	561	523	598	697	711	827	915	1.067
Pará	806	955	1.186	1383	1.522	1.926	2.073	2.204	2.868	2.997	3.482
Rondônia	466	565	606	559	562	552	589	435	480	536	541
Roraima	128	107	121	106	83	94	110	116	105	117	123
Tocantins	179	223	180	225	205	202	236	224	232	284	311
Norte	**2.399**	**2.639**	**2.937**	**3.159**	**3.183**	**3.693**	**4.063**	**3.944**	**4.856**	**5.192**	**5.927**
Alagoas	724	836	989	1.041	1.034	1.211	1.617	1.839	1.887	1.872	2.084
Bahia	1.223	1.579	1.735	2.155	2.255	2.823	3.278	3.614	4.765	5.383	5.288
Ceará	1.229	1.298	1.443	1.560	1.576	1.692	1.793	1.936	2.031	2.168	2.514
Maranhão	344	536	576	762	696	903	925	1.092	1.243	1.387	1.478
Paraíba	519	490	608	620	659	740	819	861	1.021	1.269	1.454
Pernambuco	4.276	4.697	4.431	4.512	4.173	4.307	4.478	4.560	4.431	3.954	3.412
Piauí	234	279	315	316	347	386	437	406	387	398	427
Rio Grande do Norte	251	316	301	409	342	408	450	594	720	791	727
Sergipe	416	532	549	473	464	492	597	526	574	663	689
Nordeste	**9.216**	**10.563**	**10.947**	**11.848**	**11.546**	**12.962**	**14.394**	**15.428**	**17.059**	**17.885**	**18.073**
Espírito Santo	1.499	1.472	1.639	1.640	1.630	1.600	1.774	1.885	1.948	1.996	1.761
Minas Gerais	2.056	2.344	2.977	3.822	4.241	4.208	4.155	4.103	3.869	3.714	3.538
Rio de Janeiro	7.337	7.352	8.321	7.840	7.391	7.098	7.122	6.315	5.395	5.074	4.193
São Paulo	15.631	15.745	14.494	13.903	11.216	8.727	8.166	6.234	6.118	6.326	5.745
Sudeste	**26.473**	**26.913**	**27.431**	**27.205**	**24.478**	**21.633**	**21.217**	**18.535**	**17.330**	**17.110**	**15.237**
Paraná	1.766	2.039	2.226	2.525	2.813	2.981	3.095	3.112	3.453	3.695	3.588
Rio Grande do Sul	1.622	1.848	1.906	1.900	1.963	2.015	1.964	2.174	2.367	2.229	2.061
Santa Catarina	423	460	572	653	632	616	656	632	789	800	805
Sul	**3.851**	**4.347**	**4.704**	**5.078**	**5.408**	**5.612**	**5.715**	**5.918**	**6.609**	**6.724**	**6.454**
Distrito Federal	770	774	774	856	815	745	769	815	873	1.005	880
Goiás	1.011	1.102	1.275	1.259	1.427	1.398	1.410	1.426	1.754	1.792	1.766
Mato Grosso	996	986	963	929	867	907	899	892	942	999	963
Mato Grosso do Sul	644	619	694	709	650	628	678	699	690	727	632
Centro-Oeste	**3.421**	**3.481**	**3.676**	**3.753**	**3.759**	**3.678**	**3.756**	**3.832**	**4.259**	**4.523**	**4.241**
Brasil	**45.360**	**47.943**	**49.695**	**51.043**	**48.374**	**47.578**	**49.145**	**47.707**	**50.113**	**51.434**	**49.932**

Fonte: SIM: Sistema de Informações sobre mortalidade.

De acordo com a Tabela 1, fica evidente que o número de homicídios em cada região é variável, tendo diminuído em alguns estados e aumentado em outros, no decorrer dos anos. No entanto, o dado alarmante não são os números, mas sim, sua magnitude, principalmente ao constatarmos que a violência é a maior causadora de mortes entre jovens brasileiros. Dado ainda mais marcante, relatado na mesma pesquisa, é de que, anualmente, a média de mortes por homicídio no Brasil supera, de forma avassaladora, o número de vítimas em conhecidos enfrentamentos armados no mundo. Nos últimos quatro anos, no Brasil– um país sem disputas territoriais, movimentos emancipatórios, guerras civis, enfrentamentos religiosos, raciais ou étnicos –, morreram mais pessoas (192.804) vítimas de homicídio do que nos 12 maiores conflitos armados no mundo todo (6).

Devido ao grande crescimento da violência no panorama brasileiro, em especial nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, muitos estudos foram feitos acerca do homicídio. Tais estudos mostraram o evidente aumento deste fenômeno em nosso país, colocando-o como um fator de maior aumento da mortalidade, principalmente entre os homens, pois são eles as maiores vítimas de assassinatos (8, 9, 10 e 11).

Dado interessante obtido em pesquisas por Soares (11) acerca da vitimização dos homicídios é que as mulheres, em sua maioria, morrem assassinadas em casa, e uma porcentagem bem pequena – ao contrário dos homens – é vítima de assassinato fora do lar.

Entender o que leva as pessoas a tirar a vida de outrem é uma tarefa árdua. Afinal, não há consenso sobre uma verdade universal. O homicídio é um dos crimes mais antigos da humanidade. Está incurso no artigo 121 da parte especial do Código Penal Brasileiro de 1941 (12), que é: “Matar alguém”. A Lei nº 8.072/1990, que dispõe sobre crimes hediondos, com a nova redação introduzida pela Lei nº 8.930/1994, incluiu o homicídio como crime hediondo. Isso representou tentativa de conter a criminalidade, impondo resposta punitiva mais severa para os homicidas.

O cumprimento da pena, para os crimes considerados hediondos, deve ser feito em regime integralmente fechado, impedindo, assim, a progressão para fases mais leves de execução (regime semiaberto e aberto). A pena para o homicídio simples pode ser de 6 a 20 anos de reclusão; já para o homicídio qualificado, a pena pode variar entre 12 a 30 anos, instituída pelo Código Penal Brasileiro (12).

O crime de homicídio, assim como a criminalidade, é um fenômeno complexo, irredutível a uma explicação simplista.

1.2. Comportamento criminoso

Muitos estudiosos buscam compreender a motivação para a criminalidade como originária da hereditariedade, do ambiente, dos estigmas, das taras psíquicas, do animismo, de fatores sociais e criam, assim, linhas de pensamento que mostram causas biológicas, psicológicas, econômicas, sociais, culturais, familiares, raciais, todas com o firme propósito de entender os fatores determinantes da delinquência.

Durante nossas pesquisas acerca do comportamento criminoso, pudemos notar que os criminólogos, desde o século passado, têm procurado identificar uma cadeia gigantesca de causas criminogênicas, que, combinadas em situações e proporções específicas, poderiam explicar a etiologia do comportamento criminoso. Sabemos que cada estudo tem sua relevante importância; estabelece seu ponto de partida; e chegou a conclusões acerca do fenômeno estudado. Porém, cabe a nós, neste momento, ressaltar que nenhum dos estudiosos trouxe uma generalidade do mundo criminal (13). Portanto, consideramos importante esclarecer que passaremos a discorrer sobre um recorte do fenômeno citado e daremos maior aprofundamento aos textos da bibliografia que, a nosso ver, trouxeram considerações com relevância significativa.

Já há algum tempo a sociedade enfrenta um período de desencantamento, ou seja, certo distanciamento em relação aos valores éticos e religiosos. Isso gera um sentido “amplo de desmoralização, alienação, apatia e perda de ilusão” (13). O fator agravante é que, junto com a perda do sentido da vida, rompem-se, também, as normas e os valores que a regulam (14).

O comportamento criminoso (roubo; furto; homicídio; estupro; sequestro; fraudes; tráfico de entorpecentes e crime organizado) tem crescido rapidamente e está ligado às violações da ética, da lei e da moral (15). A audácia dos autores desses crimes tem surpreendido grande parte dos pesquisadores e fez com que muitos estudiosos se mobilizassem em busca de supostos determinantes de tais comportamentos (16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22).

Cano e Soares (23) afirmaram ser possível identificar as muitas causas do crime em cinco grupos de estudos: a) teorias que tentam explicar o crime em termos de patologia individual; b) teorias centradas no *homo economicus*, isto é, no crime como uma atividade racional de maximização do lucro; c) teorias que consideram o crime como subproduto de um sistema social perverso ou deficiente; d) teorias que entendem o crime como uma consequência da perda de controle e da desorganização social na sociedade moderna; e) correntes que defendem explicações para o crime em função de fatores situacionais ou de oportunidades.

A explanação das possíveis causas do comportamento criminoso comumente advém de parâmetros biológicos, psicológicos e sociais (15). Ao menos dois aspectos seriam importantes para a formação de uma teoria que explique o comportamento social, em especial, o comportamento criminoso: a) a consideração das motivações e do comportamento; b) a epidemiologia e a compreensão temporal e local do comportamento criminoso (24).

1.3. Parâmetros biológicos acerca do comportamento criminoso

Cesare Lombroso (25), em meados de 1876, foi pioneiro, ao postular teorias baseadas na pesquisa empírica, que diferenciava fisicamente o delinquente do não delinquente (26). No entanto, a teoria lombrosiana, que trazia o conceito de alterações no formato do crânio e até mesmo nas orelhas em indivíduos criminosos, foi abandonada após a 2ª Guerra Mundial, devido ao teor preconceituoso de tal abordagem (27).

Além de Lombroso, outros pesquisadores, desde o século passado, trouxeram contribuições aos estudos que salientavam possíveis alterações biológicas em indivíduos criminosos. Tais estudos surgiram historicamente a partir

do conceito popular de que a delinquência era algo inato aos sujeitos delinquentes(28).

Antes mesmo de Lombroso (25), Pinel (29) publicou seu *Tratado sobre a alienação mental*. Nesse texto, o autor dizia admirar-se ao ver muitos loucos que, em nenhum momento, apresentavam prejuízo algum do entendimento, mas estavam sempre dominados por uma espécie de furor instintivo.

Décadas depois, Prichard, citado por Rutter (30), publicou uma obra em que refletia sobre a "insanidade moral", considerada equivalente ao nosso atual conceito de psicopatia ou Transtorno de Personalidade Antissocial.

Em 1857, surgiu a teoria da degeneração de Morel, citado por Bercherie (31), que traz a compreensão de que o ser humano foi "criado" segundo um tipo primitivo perfeito, e todo desvio que o diferenciasse desse primitivo perfeito, seria uma degeneração da espécie. Mais tarde, em 1888, Koch anunciou o conceito de "inferioridades psicopáticas" (32), referindo-se a inferioridades do âmbito social, e não moral. Tais inferioridades eram congênitas e permanentes, divididas em três formas: disposição psicopática, tara psíquica congênita e inferioridade psicopática. E assim, muitos outros pesquisadores passaram a discorrer sobre a denominada "personalidade psicopática" (32).

No ano de 1941, Em *A máscara da saúde,* Cleckley (33) estabeleceu alguns critérios para o diagnóstico do psicopata. Já, em 1976, Hare (21), lançou mão de uma série de características marcantes de indivíduos psicopatas. Logo, em 1952, Henry Ey (34), em seu *Tratado de psiquiatria*, incluiu as personalidades psicopáticas nas doenças mentais crônicas, as quais eram consideradas como desequilíbrio psíquico, resultante das anomalias caracterológicas das pessoas (35).

Finalmente, em 1999, Robins (36), sugeriu a ideia de Transtorno de Personalidade, tal como encontrada hoje no DSM (37).

Colocamos esta concepção histórica sobre a definição psicopática no presente capítulo, pois a ideia inicial de uma alteração específica em tais indivíduos reflete a tendência de uma explicação biológica, mais constitucionalista (intrínseca), que considera a psicopatia proveniente de uma constituição especial, geneticamente determinada. Outras teorias, sociais e psicanalíticas, também são

encontradas na literatura, porém serão abordadas nos capítulos sobre os parâmetros sociais e psicológicos do comportamento criminoso. Tal resumo histórico também é importante, pois muitos são os estudos que fazem ligação do comportamento violento com o atual Transtorno de Personalidade Antissocial (38).

Ainda quanto a possíveis alterações biológicas no comportamento criminoso, na Holanda, pesquisadores afirmam existir ligação entre a testosterona cortisol e o comportamento agressivo (39).

Consideramos relevante, neste momento, abrir espaço para discussão a respeito do uso de substâncias psicoativas e de álcool, pois também são frequentemente relacionados à criminalidade e à violência (40, 41, 42, 43, 44, 45, 46 e 47) É sabido que tal relação tem uma ligação complexa e multicausal (48, 49, 50 e 51).

São, basicamente, três os fatores que alguns estudos colocam na relação entre a criminalidade e o uso de substâncias psicoativas: as variáveis socioculturais, o efeito da substância sobre o comportamento e o narcotráfico (49, 52 e 53).

Pela observação, em nossa rotina de trabalho nas unidades prisionais, é frequente nos depararmos com indivíduos presos por estarem roubando/furtando em busca de dinheiro para o sustento do vício ou por estarem envolvidos com o tráfico de entorpecentes como forma de conseguirem dinheiro para o sustento do lar.

Tal observação faz sentido, ao nos depararmos com levantamentos relacionados ao uso de drogas e álcool, que mostram o grande índice de jovens envolvidos com o uso de tais substâncias (54).

Uma pesquisa realizada para levantamento das publicações científicas sobre os efeitos do uso do álcool e das drogas ilícitas no comportamento de adolescentes de risco demonstra a elevada gama de estudos relacionados a este tema. No entanto, a autora conclui seu artigo com uma pertinente questão: interroga se o uso de drogas e álcool é que leva ao comportamento criminoso ou se os indivíduos com maior propensão ao crime são também propensos ao uso de tais substâncias (55).

Apesar de todos os esforços da criminologia moderna para encontrar um “homicida-tipo”, típico e universal, a verdade é que, até hoje, nenhum investigador

conseguiu encontrar uma “espécie” de homem com maior propensão para o crime do que as outras.

1.4. Parâmetros psicológicos acerca do comportamento criminoso

Quanto ao quesito psicológico como possível determinante de comportamentos criminosos, Peixoto (56) afirma que Garofalo foi quem iniciou os estudos que relacionavam esses indivíduos aos aspectos morais e psicológicos. Para ele, o delinquente teria uma espécie de mutilação ética e de caráter que o levaria a apresentar comportamentos delinquentes.

As proposições do enfoque psicológico abordam fundamentos baseados no fato de que os criminosos não apresentariam, em sua composição física e orgânica, diferenciação nenhuma dos demais, sendo o ato delinquente a única manifestação diversa. Além disso, a personalidade criminal é descrita por meio de traços psicológicos considerados na sua globalidade e considerada um resultado da peculiaridade e da particularidade de associação, ação e interação específicas, e não um dado isolado da pessoa (15).

De acordo com a maioria dos estudos atuais, existiriam uma ligação e uma relação causal entre o crime, a doença mental e os transtornos de personalidade (57, 58 e 59).

Ainda durante nossos estudos bibliográficos, pudemos observar a tendência de muitos estudiosos a relacionar o homicida a transtornos mentais específicos (60 e 61). Em 1993, pesquisadores levantaram dados relevantes e audaciosos, ao dizer que portadores de transtornos mentais tinham quatro vezes mais propensão ao homicídio do que os indivíduos considerados normais (62). Em outra pesquisa, o homicida foi considerado como indivíduo ansioso e impulsivo, vulnerável ao estresse e com dificuldade de controlar suas emoções, em especial, a raiva (63).

Nos EUA, pacientes diagnosticados com transtornos mentais, internados em clínica psiquiátrica, foram analisados e apresentaram pensamentos e tendências homicidas – entre os homens, em maior grau do que entre as mulheres (64).

A National Confidential Inquiry into Suicide and Homicide realizou um estudo e concluiu que 44% dos indivíduos homicidas tinham história de vida de

transtornos mentais e 14% apresentaram sintomas de doença mental no ato do homicídio (65).

Muitas outras pesquisas fazem menção à ligação entre o Transtorno de Personalidade Antissocial e a criminalidade (38, 50, 51, 51 e 53), encontrado no DSM – IV – TR (37) e também denominado "transtorno de personalidade dissocial" pela décima edição do Código Internacional de Doenças (66). É caracterizado pelo comportamento impulsivo do indivíduo afetado, pelo desprezo por normas sociais e pela indiferença aos direitos e aos sentimentos dos outros. Tais indivíduos utilizam-se da sedução para enganar o próximo. Começam um relacionamento com facilidade, porém não o mantêm por muito tempo. Além disso, colocam a culpa por seus atos antissociais em outras pessoas ou em causas externas. Frequentemente, apresentam postura arrogante e falta de empatia em seus discursos (37, 66, 67 e 68). Na população em geral, as taxas dos transtornos de personalidade podem variar de 0,5% a 3%, subindo para 45-66% entre presidiários (68).

Ainda quanto a possíveis alterações psicológicas, no que se refere a alterações dos componentes da emoção nos indivíduos criminosos, também encontramos grande diversidade de pesquisas. Dentre elas, podemos citar o trabalho realizado por Korn et al. (69), os quais estabeleceram a relação direta entre estados de pânico e comportamento agressivo. Ao tomarem o grau de ansiedade social como uma variante para os estudos com indivíduos que apresentavam comportamentos criminosos (70), encontraram quatro subtipos de criminosos.

Já Gierowski (71) preocupou-se em estudar indivíduos condenados por homicídio e encontrou ligação entre a ansiedade e a profundidade da agressão interpessoal dos perpetradores.

No Brasil, estudo realizado com homicidas psicopatas e não psicopatas sugere que homicidas psicopatas não apresentam variação da resposta emocional aos diferentes estímulos visuais. No entanto, os homicidas não psicopatas tendem a responder com maior nível de ansiedade e variação cardíaca (72).

O denominado “déficit emocional” é apresentado pela literatura como a característica preponderante dos criminosos. Entretanto, não podemos deixar de salientar que muitos aspectos emocionais e desvios de comportamentos são variantes do contexto biopsicossocial (73).

1.5. Parâmetros sociais acerca do comportamento criminoso

No que se refere aos parâmetros sociais, fatores como o desemprego, maus tratos familiares, alcoolismo, uso abusivo de entorpecentes, falta de estudo, bem como o desequilíbrio na distribuição de renda que produz uma consequente superpopulação marginalizada, podem ser apontados como possíveis atenuantes de comportamentos criminosos seguidos de violência e agressividade (18, 74, 75, 76, 77, 78 e 79).

O primeiro estudo acerca da teoria da desorganização social em relação à criminalidade foi realizado na Grã-Bretanha e trouxe como dados significativos quatro fatores– desagregação familiar, urbanização, grupos de adolescentes sem supervisão e participação organizacional (80) – que poderiam contribuir para a prevalência de cinco tipos de crimes diferentes: assalto e roubos de rua, violência perpetrada por estranhos, arrombamentos e roubo autoimputado e vandalismo.

Para Lemgruber (81), a precariedade material, educacional e afetiva explicaria, ao menos em parte, o porquê de os crimes mais frequentes serem contra o patrimônio. As fraudes, as sonegações, as apropriações indébitas seriam delitos dos extratos sociais mais altos que, em decorrência de seus recursos materiais e de sua rede de relacionamentos, teriam mais condições de defesa, aparecendo raramente nas estatísticas.

Apesar de ainda não terem sido encontrados estudos conclusivos acerca da etiologia da criminalidade, não é difícil deparar, na literatura, com pesquisas econômicas acerca da desigualdade de renda e sua ligação com a criminalidade (8 e 82). Tais estudos se deram a partir dos modelos teóricos desenvolvidos por Becker (83) e Ehrlick (84), os quais trouxeram inovações nas pesquisas empíricas cujo objetivo era analisar os determinantes socioeconômicos na criminalidade. Em Minas Gerais, Coelho (85) e Paixão (86) e, no Rio de Janeiro, Zaluar (87) foram pesquisadores que abriram a reflexão acerca da importância dos fatores

socioeconômicos como determinantes para a criminalidade. Ambos os estudos procuraram relacionar o contexto social e os fatores socioeconômicos com as causas da criminalidade e da violência.

Mesmo que encontremos dados inconclusivos quanto à ligação entre o desemprego e a criminalidade (88), estudos realizados recentemente nos grandes municípios brasileiros apontam para conclusões assertivas da ligação entre a desigualdade social e a violência (89).

Apesar da existência de uma vasta literatura que procura relacionar a criminalidade com as diferenças socioeconômicas, não há uma convergência entre os resultados dos estudos (90). Além disso, as pesquisas realizadas no Brasil, em sua maioria, concluem positivamente sobre o efeito da economia na criminalidade, porém não trazem aprofundamentos necessários em nenhuma dessas questões (91).

Se, por um lado, estudos relacionados à criminalidade e à desigualdade social são frequentemente encontrados na literatura, por outro, são escassas as pesquisas que fazem da educação e sua ligação com a criminalidade seus objetos de estudo. Dentre os raros, podemos citar: Uscher (92); Lochner e Moretti (93) e Lochner (94).

Estudo realizado entre os anos de 2001 e 2005, nos principais estados brasileiros, verificou que existe uma relação direta e estatisticamente proporcional entre o abandono escolar no primeiro ano no ensino médio em um período, e as taxas de homicídio no estado (95).

Dentre as possíveis causas sociais, o papel da família e do ambiente em que o indivíduo vive e se relaciona, apresenta significantes ligações com a causalidade do comportamento criminoso (21 e 79).

Quanto à teoria sobre a tendência antissocial, Winnicott (96) trouxe grande contribuição e discussão importante acerca da "relação direta entre a tendência antissocial e a privação ambiental" (96). Quando ocorre o "desapossamento" de algo bom e positivo na vida da criança[1] e que lhe foi tomado em um momento de

[1] Winnicott (96) salienta que, por questão de simplicidade, irá se referir apenas às crianças, porém a tendência antissocial pode ser encontrada em todas as idades, num indivíduo normal, neurótico ou psicótico.

dependência relativa em relação ao ambiente – já iniciado, portanto, seu percurso emocional no caminho da percepção e da consideração dos elementos da externalidade –, essa privação pode concretizar-se como uma reivindicação daquilo que foi perdido, a saber, o cuidado humano. Tal reivindicação, expressa por atos de caráter antissocial, aconteceria como forma de comunicação da perda. Nesse sentido, o roubo, a mentira e atitudes afins estariam a serviço da comunicação de que algo foi perdido e necessita ser recuperado. Para o mesmo autor, os atos antissociais são compreendidos, portanto, como forma de comunicação do sofrimento emocional. Vale ressaltar que Winnicott (96) completa a discussão, salientando que, conforme a criança vai se frustrando nessa busca pelo objeto do qual foi privada, ela busca um suprimento ambiental cada vez mais amplo. Procura também o controle de pessoas fortes, amorosas e confiantes, os quais não teve em casa. Assim, parte em busca não só no lar, mas também com os parentes mais próximos, na escola e, por fim, pode chegar a transgredir contra a sociedade, com o intuito de restabelecer o controle advindo do exterior (96, 97 e 98).

Encontramos, em Safra (99), uma feliz apresentação, ao discorrer sobre os diferentes tipos de sofrimentos psíquicos que poderiam potencialmente levar o indivíduo a cometer atos violentos. Um desses tipos é a denominada "invisibilidade", na qual as pessoas

> (...) [...] vivem uma experiência de não serem vistas no campo social. Trata-se de uma situação que freqüentemente vem acompanhada pelo sentimento de humilhação, mas a experiência de não ser visto ganha preponderância. Em nosso mundo pessoas que ocupam posições de pouco prestígio social, habitualmente, passam despercebidas pelos outros. O mal estar decorrente dessa situação é grande, podendo gerar uma desesperança e amargura, ou em casos extremos deflagrar comportamentos violentos como única forma de alcançar alguma visibilidade (99).

O mesmo autor propõe ainda outro tipo de sofrimento psíquico denominado "tecnologia opressora", que acreditamos ser bastante relevante, pois, da forma como a sociedade contemporânea leva a vida, tal sofrimento psíquico se torna

pertinente e preocupante, ao falarmos sobre violência.

O indivíduo, no mundo atual, passou a fazer da comunicação virtual a forma mediadora de suas relações interpessoais. Tal fato gera "temporalidades inter-humanas", fazendo com que algumas relações humanas sejam regidas por códigos tecnológicos, e não mais por códigos humanos. Tais pessoas – denominadas pelo autor como *espectrais*[2] – se descrevem com aflição por não pertencerem ao mundo humano e se descrevem como "sombras ou espectros". Safra (99) completa, dizendo que tal "espectro de fratura ética" pode, com frequência, levar a diferentes modalidades de violência. E mais: tais fraturas apresentam-se, muitas vezes, de forma silenciosa e imperceptível, porém podem levar a eventos que proporcionam a emergência da barbárie.

De acordo com isso, Silva (100) aponta que a cultura também influencia na forma como se expressa o sofrimento psíquico. Nossa sociedade tem-se defrontado, desde o final o século XX, com a cultura do vazio (102).

Morana (103), em seu artigo "Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers", apresenta um interessante estudo acerca dos transtornos de personalidade, com maior ênfase ao Transtorno de Personalidade Antissocial. Nesse texto, a autora cita os diversos estudos realizados ao redor da etiologia dos transtornos de personalidade e discorre brevemente sobre as investigações orgânicas e neurológicas que poderiam explicar tais diagnósticos. No entanto, a mesma autora não deixa de enfatizar a importância de considerar o ambiente em que o indivíduo vive e a relação com ele estabelecida. E completa:

> [...] negligência e os maus-tratos recebidos por uma criança em que o cérebro está sendo esculpido pela experiência induz a uma anomalia da circuitaria cerebral, podendo conduzir à agressividade, hiper-atividade, distúrbios de atenção, delinquência e abuso de drogas (103).

Cerqueira e Lobão (27) fizeram interessante e vasto estudo acerca dos possíveis determinantes da criminalidade. Nesse mesmo texto, os autores, ao

[2] Para um maior entendimento sobre a modalidade psicopatológica denominada por Safra, como os "espectrais", o leitor poderá consultar o artigo publicado sobre o assunto (100).

final, incluíram uma tabela – Tabela 2, abaixo transcrita – com um resumo de seus achados tanto na literatura brasileira como na internacional:

Tabela 2 – Resumo das Várias Abordagens Teóricas sobre as Causas da Criminalidade (27).

Teoria	Determinantes	Variáveis
Desorganização social	Abordagem sistêmica em torno das comunidades, entendidas como um complexo sistema de rede de associações formais e informais.	Status socioeconômico; heterogeneidade étnica; mobilidade residencial; desagregação familiar; urbanização; redes de amizades locais; grupos de adolescentes sem supervisão; participação institucional; desemprego; existência de mais de um morador por cômodo.
Aprendizado social (associação diferencial)	Os indivíduos determinam seus comportamentos a partir de suas experiências pessoais com relação a situações de conflito, por meio de interações pessoais e com base no processo de comunicação.	Grau de supervisão familiar; intensidade de coesão nos grupos de amizades; existência de amigos com problemas com a polícia; percepção dos jovens sobre outros envolvidos em problemas de delinqüência; jovens morando com os pais; contato com técnicas criminosas.
Escolha racional	O indivíduo decide sua participação em atividades criminosas a partir da avaliação racional entre ganhos e perdas esperadas advindos das atividades ilícitas vis-à-vis o ganho alternativo no mercado legal.	Salários; renda familiar per capita; desigualdade da renda; acesso a programas de bem-estar social; eficiência da polícia; adensamento populacional; magnitude das punições; inércia criminal; aprendizado social; educação.
Controle social	O que leva o indivíduo a não enveredar pelo caminho da criminalidade? A crença e a percepção do mesmo em concordância com o contrato social (acordos e valores vigentes), ou o elo com a sociedade.	Envolvimento do cidadão no sistema social; concordância com os valores e normas vigentes; ligação filial; amigos delinquentes; crenças desviantes.
Autocontrole	O não desenvolvimento de mecanismos psicológicos de autocontrole na fase que segue dos 2 anos à pré-adolescência, que geram distorções no processo de socialização, pela falta de imposição de limites.	Frequentemente eu ajo ao sabor do momento sem medir consequências; eu raramente deixo passar uma oportunidade de gozar um bom momento.
Anomia	Impossibilidade de o indivíduo atingir metas desejadas por ele. Três enfoques: a) diferenças de aspirações individuais e os meios disponíveis; b) oportunidades bloqueadas; e c) privação relativa.	Participa de redes de conexões? Existem focos de tensão social? Eventos de vida negativos; sofrimento cotidiano; relacionamento negativo com adultos; brigas familiares; desavenças com vizinhos; tensão no trabalho.
Interacional	Processo interacional dinâmico com dois ingredientes: a) perspectiva evolucionária, cuja carreira criminal inicia-se aos 12-13 anos, ganha intensidade aos 16-17 anos e finaliza aos 30 anos; e b) perspectiva	As mesmas daquelas constantes nas teorias do aprendizado social e do controle social.

	interacional que entende a delinquência como causa e consequência de um conjunto de fatores e processo sociais.	
Ecológico	Combinação de atributos pertencentes a diferentes categorias condicionaria a delinqüência. Esses atributos, por sua vez, estariam incluídos em vários níveis: estrutural, institucional, interpessoal e individual.	Todas as variáveis anteriores podem ser utilizadas nessa abordagem.

Fonte: Cerqueira e Lobão (27).

Atualmente, há uma forte tendência na ciência para a explicação genética da criminalidade, mas continua a busca por provar tal concepção. Outras linhas de pensamento ainda procuram informações que comprovem que o comportamento criminoso é determinado, essencialmente, por fatores biológicos e antropológicos.

Como pudemos observar, diversos são os fatores apresentados pela literatura com a finalidade de encontrar as causas determinantes da criminalidade. Entendemos que os estudos mostraram dados relevantes quanto às suas explicações acerca do fenômeno estudado. No entanto, a humanidade ainda não conseguiu encontrar uma verdade absoluta. As explicações para a violência e o crime são bastante complexas. Sobretudo, é importante evitar a armadilha da generalização. Não existe o crime único e exclusivo. Há uma gama imensa de diferentes práticas delituosas, associadas a dinâmicas sociais, psicológicas e biológicas muito diversas. Por isso, faz sentido pensar que seria impossível identificar apenas uma causa para o universo heterogêneo da criminalidade.

2. Apresentando o Centro de Ressocialização de Mogi Mirim (CR)

Consideramos de suma importância situar o leitor no local em que realizamos nossas entrevistas, pois, tratando-se de uma unidade prisional de modelo contemporâneo, contém peculiaridades bem marcadas, que a diferenciam das demais instituições de privação de liberdade.

Pelo que consta nos dados históricos do Centro de Ressocialização “Pref. João Missaglia”, do município de Mogi Mirim, sua implantação ocorreu em virtude da situação difícil da cadeia local, pois o prédio era muito antigo, velho e deteriorado. Também existia o problema da superlotação: homens ficavam

amontoados, com mínimas condições de higiene, com precário atendimento médico e com um agravante: o prédio localizava-se na região central da cidade.

A instalação do CR em Mogi Mirim foi encarada pelo Departamento de Polícia Judiciária do Interior (Deinter 2), de Campinas (95 km a noroeste de São Paulo), como fundamental para redução da superlotação das cadeias da região: Mogi Guaçu (172 km ao norte de São Paulo), Itapira (176 km ao norte de São Paulo), Amparo (130 km ao norte de São Paulo) e Serra Negra (150 km ao norte de São Paulo).

A construção se deu em uma área da zona rural doada ao governo do estado pela Prefeitura de Mogi Mirim. É uma unidade prisional de segurança mínima, administrada em parceria com a Associação Mogimiriana de Proteção e Assistência Carcerária – AMPAC. Foi inaugurada em 21 de agosto de 2004, com a finalidade de acolher reeducandos de baixa periculosidade, garantir e aplicar a filosofia do governo do estado, que privilegia a dignidade humana e proporciona meios para sua recuperação, através do trabalho com os pilares: labor, educação, família e espiritualidade.

A AMPAC tem contrato de prestação de serviços com a Secretaria da Administração Penitenciária. Esta conta com um corpo funcional formado por profissionais concursados, que são responsáveis pela segurança, pela disciplina, pela direção e pela gestão do corpo administrativo.

De acordo com o convênio assinado em 2004, em parceria com o Estado, a ONG fica responsável pela contratação da equipe técnica, que inclui advogados, médicos, professores, dentistas, psicólogos e assistentes sociais, além da equipe de gerência e finanças, que administra e aplica os recursos na compra da alimentação, assistência material, manutenção e conservação do prédio, dando, assim, condições mais humanas para o cumprimento de pena para aqueles que estão sob a guarda da justiça por terem infligido o dispositivo legal.

A Unidade de Mogi Mirim tem capacidade para acolher em sua estrutura 210 reeducandos em regimes fechado (o detento permanece período integral dentro da instituição), semiaberto (o detento tem o direito de trabalhar fora da instituição durante o dia, retornando, ao final do dia, para dormir) e provisório

(detentos que ainda não foram julgados, devendo permanecer no regime fechado até que saia sua sentença).

Uma das características mais vantajosas dessa instituição é que não há superlotação. Dessa forma, as celas são denominadas “alojamentos”, que abrigam aproximadamente 12 presos em cada um, todos acomodados em camas individuais dispostas em triliches. Como característica marcante dos alojamentos, estes não dispõem de grades, como é visto na maioria das cadeias; são fechados apenas por uma porta de alumínio, mesmo assim estas só são fechadas por opção dos próprios internos.

Existem dois alojamentos denominados “especiais”, para os idosos e os portadores de necessidades físicas. Contam com banheiros dentro do próprio quarto, enquanto os demais presos dividem os seis banheiros dispostos nos corredores. Todos os banheiros são equipados com chuveiros com água quente, pias e vasos sanitários.

A inclusão do reeducando no Centro de Ressocialização atende a certos requisitos: ser morador do município ou da comarca de Mogi Mirim; estar condenado a pena inicial ou restante não superior a dez anos; não ser reincidente específico em determinados delitos, nem ter cometido delitos de maior gravidade, como sequestro e latrocínio, pois essa é uma unidade prisional classificada como detenção de segurança mínima, onde não há muralhas nem vigilância armada. As grades são instaladas apenas nos acessos para a parte externa da cadeia, bem como entre as áreas de convivência e os alojamentos. São mantidas abertas durante o dia e fechadas apenas à noite. As únicas grades que ficam fechadas em tempo integral são aquelas que dão acesso à rua.

É uma peculiaridade desse novo modelo de ressocialização a não aceitação de presos ligados a membros de facções criminosas e sequestradores, pois estes, na maioria das vezes, são pertencentes a quadrilhas e, tratando-se de unidade com segurança mínima, o risco de resgate torna-se iminente.

O reeducando incluso ou é procedente da Delegacia de Polícia local por prisão em flagrante; cumprimento de mandado de prisão; prisão temporária; prisão administrativa ou advindo de outras Unidades Prisionais que visam à aproximação

familiar. Além disso, uma equipe formada por assistente social, psicólogo e diretor de disciplina frequenta as cadeias da região, com intuito de realizar triagens para privilegiar aqueles que têm a intenção de cumprir a pena em CR.

Quando há uma manifestação positiva do reeducando, afirmando que deseja ficar no Centro de Ressocialização, e, consequentemente, a aprovação na triagem, ao chegar à unidade, ele permanece em regime de observação por 15 dias em cela fechada, longe do convívio com os demais. Após 30 dias, é submetido a uma nova avaliação para ratificar sua permanência, passando a participar de todas as etapas do projeto de ressocialização: trabalho, educação, cursos profissionalizantes, contato com a família, atividades religiosas, entre outras.

Ao chegar ao Centro de Ressocialização, o infrator recebe o uniforme da Unidade, é qualificado e identificado datiloscopicamente[3], fotografado e orientado a respeito das normas a que deve obedecer. O contato entre o reeducando e o corpo funcional é sempre por tratamento nominal e não pela matrícula, como ocorre na maioria dos presídios.

As psicólogas organizam também um grupo denominado "Chegando ao CR", onde os detentos têm o direito de tirar suas dúvidas e saber um pouco mais sobre a regra desse sistema. Também ficam por conta das psicólogas as chamadas "entrevistas de inclusão", as quais têm como objetivo identificar possíveis necessidades por parte dos novos internos e, em seguida, o devido encaminhamento, quando necessário.

Fica por conta da equipe de enfermagem e do médico a realização de exames físicos e laboratoriais para a prevenção e/ou tratamentos de eventuais problemas de saúde.

O convívio comum entre os reeducandos que cometeram delitos como estupro e atentado violento ao pudor é também uma singularidade dessa unidade, pois é sabido que, na maioria das unidades prisionais, os autores de tais crimes precisam manter-se trancados em celas separadas, pois sofrem constantes preconceitos e ameaças de mortes pelos demais detentos.

[3] Datiloscopia é a identificação feita pelas impressões digitais obtidas de todos os dedos das mãos.

No CR, não é permitido o uso de drogas nem de bebidas alcoólicas em hipótese alguma. É vedado também que haja brigas e discussões entre os reeducandos.

O trabalho é obrigatório, tanto aos presos provisórios, aos presos condenados no regime fechado, como aos presos do regime semiaberto.

Os reeducandos do regime fechado exercem atividades laborterápicas nas oficinas internas da Unidade, na cozinha, na faxina, na limpeza da instituição e nas atividades de apoio.

Os reeducandos do regime semiaberto são contratados, segundo as atividades condizentes com sua capacidade e habilidade, por empresas particulares que prestam serviços para a sociedade, segundo as atividades condizentes com sua capacidade e habilidade. Saem para o trabalho às 7h da manhã e retornam até às 18h.

De acordo com o parágrafo 1º do artigo 126 da Lei 7210/84 (104), ao condenado, a cada 03 (três) dias trabalhados, é remido 01 (um) dia de sua pena. Essa é uma peculiaridade da Vara de Execuções Criminais, pois os dias remidos são somados ao tempo de pena cumprido, fazendo com que o reeducando atinja o lapso temporal para requisitar seus benefícios em um tempo menor, diferentemente do que ocorre em outras execuções, onde esse tempo remido não é somado à pena cumprida.

Prevista no artigo 29 na Lei 7210/84, a conta pecúlio é uma garantia dada ao preso. Ele recebe remuneração salarial de 75% do salário mínimo para ajudar nas despesas pessoais e no sustento da família ou até mesmo para colocar em uma poupança.

No Centro de Ressocialização o reeducando do regime semiaberto que é contratado por uma empresa particular com remuneração fixada em 1 (um) salário mínimo vigente, tem descontado desse valor as taxas no percentual de 25%, restando a ele ¾ do valor garantindo, disposto do artigo 29, § 2º da Lei 7210/84 da Lei de Execuções Penais. Os reeducandos do regime fechado trabalham nas oficinas internas e na manutenção da instituição, e sua remuneração é feita de acordo com os dias trabalhados. O pagamento é feito pela

ONG e pelas empresas que têm suas oficinas instaladas no interior do Centro de Ressocialização.

A educação é prioridade no processo de ressocialização do encarcerado, sendo obrigatória a todos que não concluíram o ensino médio. Funcionam no Centro de Ressocialização salas para alfabetização, ensino fundamental e ensino médio, supervisionados pela assistente social responsável pelo projeto de educação.

Segundo Santos (105):

> A educação no sistema prisional é iniciada a partir da década de 1950. Até o princípio do Século XIX, a prisão era utilizada unicamente como um local de contenção de pessoas – uma detenção. Não havia proposta de requalificar os presos. Esta proposta veio a surgir somente quando se desenvolveu dentro das prisões o programa de tratamento. Antes disso, não havia qualquer forma de trabalho, ensino religioso ou laico. (105)

O artigo 18 da Lei 7210/84 estabelece, em relação à educação e ao estudo, o direito do preso de ter acesso pelo menos ao ensino fundamental durante o período de detenção. E o artigo 21 da Lei de Execuções Penais (LEP) determina a obrigatoriedade de que cada estabelecimento prisional tenha uma biblioteca acessível a todas as categorias de reclusos.

A Fundação de Amparo ao Preso - “Professor Dr. Manoel Pedro Pimentel” (FUNAP) é considerada como um órgão que regulamenta ações educativas por meio de diretrizes válidas para as unidades prisionais do estado de São Paulo, inclusive os Centros de Ressocialização.

Os internos que não colaborarem com o bom funcionamento da unidade, mantendo-a limpa e organizada, sem brigas, drogas e outras variáveis não condizentes com o regimento interno, serão automaticamente transferidos às suas unidades de origem. Uma vez cometida a infração, o detento nunca mais poderá retornar para nenhuma unidade que tenha a denominação de Centro de Ressocialização. Também, caso venha a ser solto de um CR e cometa um novo delito, não poderá voltar às unidades desse modelo.

Diante de tanta peculiaridade, da aparente organização e das vantagens no que se refere às condições humanizadas para o cumprimento de pena, é surpreendente constatar que existem muitos presos das grandes penitenciárias não querendo a transferência para o CR. Acreditamos que isso se deva ao fato de a maioria deles realmente não estar disposta a abandonar a vida da criminalidade.

3. Objetivo

O objetivo principal que norteará este projeto será a investigação psicanalítica do Imaginário Coletivo de homicidas, réus confessos do Centro de Ressocialização de Mogi Mirim, acerca do matar.

II. Apresentando metodologicamente a pesquisa

1. Esclarecendo o paradigma da psicanálise como método de pesquisa

Considerando a grande diversidade de "pesquisas psicanalíticas" que vêm sendo desenvolvidas em universidades (106, 107, 108 e 109), consideramos de relevante importância esclarecer o tipo de pesquisa psicanalítica de que nos aproximamos no decorrer deste trabalho.

Hermann[4] (110) salientou que podemos levar em consideração três tipos de estudos sob a psicanálise. O primeiro deles é aquele em que o pesquisador utiliza métodos tradicionalmente positivistas para a coleta de dados, levando em conta dados mensuráveis, instrumentos objetivos, como questionários pré-elaborados, testes psicológicos, escalas, dentre outros, e fazendo uso da psicanálise somente em outro momento, durante a discussão dos resultados. Tais pesquisadores, mesmo que afinados teoricamente com a psicanálise, sentem a necessidade de apoiar-se ao método positivista de pesquisa, possivelmente pelo fato de saberem que este tem um maior reconhecimento no mundo científico e acadêmico.

Na segunda forma de estudo apontada por Hermann (110), o grupo de pesquisa tem como objetivo fazer discussões teóricas e interpretativas acerca de textos considerados relevantes para a psicanálise, compondo uma pesquisa bibliográfica sobre os textos psicanalíticos.

Finalmente, na terceira forma de pesquisa psicanalítica, o pesquisador faz uso da psicanálise como método de estratégia de aproximação do fenômeno estudado, do começo ao fim da pesquisa, ou seja, emprega a psicanálise primordialmente como método de investigação.

Turato (111), em seu *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*, ressalta a importância da psicanálise, tanto durante a discussão dos dados colhidos nesse tipo de pesquisa, como também na conduta do pesquisador durante a entrevista de coleta de dados; coloca a psicanálise, inclusive, como um dos pilares para a realização de uma pesquisa clínico-qualitativa:

---

[4] Fabio Herrmann formou-se em medicina em 1968 pela Faculdade de Medicina da USP, ingressou em 1971 no Instituo de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e, em 1976, recebeu o título de Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina da UNICAMP. Nas décadas de 80 e 90, passou pela presidência da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), pela Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL) e por diversos postos na hierarquia científica da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Em 1999 criou e presidiu, até sua morte, o Centro de Estudos da Teoria dos Campos (CETEC). Além disso, foi um grande pesquisador que defendeu a psicanálise enquanto método de investigação e discorreu acerca dessa perspectiva.

> Particularizemos as influências que recebemos da teoria e da prática da psicanálise, como desenvolvida por Freud, e de onde devemos, obrigatoriamente, tanto extrair alguns elementos como contribuição para a discussão de material colhido no contexto de uma pesquisa clínico-qualitativa, enquanto uma particularização e refinamento das pesquisas qualitativas genéricas, como, antes, aprender condutas para se colocar o mais adequadamente no *setting* de uma entrevista, tendo esta como técnica-chave do modelo de pesquisa aqui proposto visando uma rica coleta de dados (111).

Levando em conta nosso objetivo norteador, o de investigar psicanaliticamente o Imaginário Coletivo de homicidas do Centro de Ressocialização de Mogi Mirim acerca do matar, optamos por alinhar-nos a este terceiro modelo de pesquisa. Sendo assim, a psicanálise esteve presente na configuração e na elaboração dos encontros, na realização destes e no registro de nossos encontros com os participantes.

Aiello-Vaisberg e Pinto (112) fazem menção ao crescente número de pesquisadores que se apoiam na psicanálise como método de pesquisa:

> Há trabalhos que utilizam o método com conceitos psicanalíticos em tentativas de compreensão de variadas questões humanas que se apresentam na clínica; um número expressivo de teses e dissertações aborda o pensamento de autores psicanalistas; mais alguns têm feito uso do método na abordagem de problemas culturais e sociais (112).

Apoiamo-nos em tal concepção de pesquisa, pois, ao contrário de muitos, acreditamos que a Psicanálise, quando empregada em uma pesquisa atentamente elaborada, possa trazer uma forma geral de compreensão do fenômeno do qual pretendemos aproximar-nos.

Muitos pesquisadores, em diversas instituições de pesquisa acadêmica, fazem uso de método tradicionalmente quantitativo em suas pesquisas, pois, muitas vezes, é exigido o estudo estatístico acerca de determinados fenômenos, e os resultados quantitativos apresentam maior garantia de verificabilidade, permitindo, assim, que procedimentos objetivos sejam o pilar de suas

investigações. Reconhecemos a validade de tais estudos e sabemos que, dentro do contexto acadêmico científico, a psicanálise sofre constantes críticas no que se refere a sua falta de cientificidade. Diante disso, a psicanálise, que toma a interpretação como seu principal método de investigação, o que diz respeito unicamente ao analista e ao analisando, dificulta o procedimento comparativo, ficando, então, sem condições de satisfazer exigências objetivas de cientificidade (113).

Ainda sobre a psicanálise como método investigativo, Hermann (110) destaca: "A ordem escolhida pelo próprio Freud na definição coloca o método em primeiro lugar, pois ele é o essencial". Freud propriamente definiu o método em três formas, como pode ser encontrado no *Dicionário de Psicanálise* (114):

> Disciplina fundada por Freud e na qual podemos, com ele, distinguir três níveis: A) um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias de um sujeito [...]; B) Um método psicoterápico baseado nesta investigação [...]; C) Um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento (114).

Com o passar do tempo, grandes profissionais com formação sólida em psicanálise e detentores da competência em metodologia e epistemologia em pesquisa passaram a pesquisar e a orientar valiosos trabalhos que utilizavam o método psicanalítico na produção de conhecimento dentro das universidades (108).

Salientamos, então, que, para nós, a psicanálise enquanto método de pesquisa é essencial para nossos estudos e foi a forma escolhida para organizar a pesquisa ora apresentada.

Valemo-nos de tal método, que se coloca em marcha por meio do uso da associação livre de ideias e da atenção flutuante. Por definição, Laplanche e Pontalis (114) apontam que a associação livre consiste em: "Exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea" (114).

Levando em conta os mesmos autores citados anteriormente, encontramos a seguinte definição acerca da atenção flutuante:

> Segundo Freud, o modo como qualquer analista deve escutar o paciente não deve privilegiar a priori qualquer elemento do discurso dele, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção (114).

Sendo assim, analogicamente à associação livre de ideias, norteada pelo método psicanalítico, entendemos as respostas dos participantes como comunicações emocionais (115). Silva (116), discorrendo sobre a pesquisa psicanalítica e sua metodologia, coloca que:

> O método da psicanálise apresenta-se como uma dupla face: de um lado, a associação livre – a oferta de material sem crítica ou intenção determinada; e, de outro, a atenção flutuante – captação de material sem crítica ou intenção pré-determinada. Na prática, isso se traduz por uma espécie de jogo em que as fantasias de ambos os interlocutores organizam-se em busca de um consenso, sempre questionando a respeito do avesso do que foi dito. A transposição dessas condições de investigação – ou desse campo psicanalítico – do consultório para o campo de pesquisa sofre, naturalmente, ajustes adequados à fonte de material de estudo: sessão psicanalítica, entrevista, teste projetivo, livro, obra de arte, lenda, costume e instituições sociais, religiosas ou científicas (116).

Ainda que tenhamos contextualizado brevemente nossa perspectiva de pesquisa psicanalítica, consideramos importante colocar o leitor a par do paradigma dentro do qual desenvolvemos este estudo.

O pressuposto teórico utilizado nesta pesquisa é o da psicanálise enquanto método de pesquisa que, diferentemente do método quantitativo, não compartilha da ideia de que o conhecimento científico se restrinja aos experimentos que podem ser replicados; nem tampouco se coloca numa perspectiva da neutralidade do pesquisador, da ideia da existência de um observador/pesquisador neutro, não participante do acontecer e, por outro lado, de um sujeito de pesquisa que "depositará" as suas respostas – sempre as mesmas – independentemente do

pesquisador, de quem perguntou. Na relação método-objeto dentro da pesquisa psicanalítica, Hermann (110) afirma:

> O método faz com que o olhar do pesquisador enxergue o objeto sob uma perspectiva psicanalítica. Nesse sentido, o método cria o objeto. O objeto assim criado tem características inerentes e redetermina o olhar metodológico, entrando em relação dialética com o método. Inaugura-se um diálogo interno, do qual resulta a adequação entre método e objeto (110).

Partimos, então, de um paradigma epistemológico em que a ideia de neutralidade não é considerada, uma vez que o encontro é sempre tido como inter-humano. Sendo assim, pesquisador e participante encontram-se no mesmo estatuto e participam ambos, do acontecer em questão.

Tal pressuposto teórico nos aproxima da concepção blegeriana de que os indivíduos devem ser estudados pela psicologia em suas totalidades, como seres humanos reais e concretos, e não como uma entidade abstrata transformada em substância ou sujeito, o que evita que abstrações teóricas sejam encaradas como objetos de estudos. Bleger (117) afirma que

> [...] os pressupostos metafísicos de estudar entidades ou substâncias [...] conduziram historicamente a psicologia a definir seu objeto de estudo como a alma, a mente ou psiquismo, esquecendo que estas são entidades abstratas com as quais se substituem os fenômenos concretos. Com esse tipo de definição, o objeto de estudo não fica claramente delimitado [...] desemboca-se numa complicada mitologia, da qual ainda não se desembaraçaram de todo as modernas correntes psicológicas [...]. Não há tal coisa como alma, psique, mente ou consciência [...] (117).

Para um melhor entendimento, após termos esclarecido o paradigma teórico e o tipo de pesquisa psicanalítica de que fazemos uso, exporemos, nas próximas seções, quais foram nossas estratégias metodológicas de aproximação do fenômeno a ser estudado.

2. Abordando o Imaginário Coletivo como conduta

Diante do posicionamento por nós adotado de trabalharmos sob uma perspectiva psicanalítica, teríamos de aproximar-nos de estratégias metodológicas que enfatizassem os fenômenos concretos, respeitando a natureza relacional da perspectiva da psicanálise intersubjetiva (118).

Utilizando o método psicanalítico para compreender os fenômenos humanos, lembrando a essência que fundamenta a psicanálise, vale dizer que toda manifestação humana é passível de compreensão e pertence ao acontecer humano, mesmo parecendo estranha, monstruosa ou angelical, aproximar-nos do conceito de conduta de Bleger (117).

Bleger (117), leitor de Politzer (119), propõe a adoção do termo "conduta", concebendo-o como o fenômeno central de estudo da psicologia, o qual poderia ser estudado por todas as áreas das ciências humanas, tendo como única diferença a abordagem metodológica de cada uma delas, bem como o recorte fenomenológico que cada campo pretende focar em seus estudos. Segundo ele, cabe à psicologia e à psicanálise o estudo intersubjetivo da conduta, sendo este um fenômeno único e complexo.

Ainda em acordo com a teoria blegeriana, levamos em conta que a conduta não pode acontecer independentemente do contexto social no qual o ser humano está inserido e do qual se torna participante, o que valoriza a conduta como qualidade de processo e não como coisa, em sua concretude. Bleger sustenta também que a história de vida das pessoas e dos grupos, que se vincula aos demais e se relaciona com acontecimentos humanos, é denominada "dramática da vida". Assim, a conduta só poderia ser compreendida em seus aspectos cultural, histórico, social e biológico.

Tal concepção blegeriana da conduta como unidade integrada de manifestação pontua que as manifestações humanas se expressam simultaneamente nas três áreas[5]: mental, corporal e de atuação no mundo

[5] Consideramos de grande valia sintonizar o leitor com os pressupostos de Bleger (117), apresentados em seu livro *Psicologia da conduta*, de que existem três áreas de expressão simultânea do fenômeno unitário da conduta: área um, denominada mental ou simbólica, na qual pensamos nas manifestações simbólicas, propriamente ditas, como o próprio pensamento, as crenças, os sonhos e a imaginação. Área dois, que

externo. Portanto, é qualificada de acordo com o predomínio da conduta em determinada área, em dado momento. Assim, destacamos Bleger (117), ao dizer que "... esse predomínio é relativo, no sentido de que pode alternar ou se suceder com o predomínio de outras áreas".

Considerando tal perspectiva, durante a presente pesquisa, abordamos o estudo investigativo da conduta, dando ênfase a manifestações que se expressam predominantemente na área mental ou simbólica, recortando, assim, parte do fenômeno, uma vez que este é complexo demais para ser abordado em sua totalidade (120).

Levando em conta a conduta como toda e qualquer manifestação humana, focalizamos, em nosso estudo, uma conduta particular emergente de um âmbito coletivo, denominada "Imaginário Coletivo".

De acordo com Aiello-Vaisberg (121), quando focalizamos um fenômeno a partir da psicanálise, que se concebe enquanto psicologia da conduta, estamos abordando certo grupo de manifestações humanas que surgem a partir de modalidades expressivas, concebidas como formas de atuação no mundo externo. Essas condutas podem ser expressas em âmbitos individuais ou coletivos.

O termo "Imaginário Coletivo" vem sendo utilizado por distintas vertentes das ciências humanas, sendo considerado por cada qual em sua particularidade, o que atribui, então, diferentes concepções ao termo; assim, por exemplo, os psicanalistas lacanianos consideram-no como algo ilusório e especular (122). Nós, no entanto, consideramos o "Imaginário Coletivo" tal qual definido por Aiello-Vaisberg (123): como manifestações simbólicas de subjetividades grupais acerca dos mais variados fenômenos humanos, considerando que uma única pessoa pode ser concebida como integrante de uma "pessoalidade coletiva" (123 e 124).

Identificamos uma aproximação entre o conceito de representações sociais, proposto por Moscovici (125), e o conceito de Imaginário Coletivo por nós abordado,

---

corresponde ao corpo vivido, ou seja, os fenômenos corporais, que seriam as manifestações físicas, como tremores, sudoreses ou arritmias cardíacas. E, por fim, a área três, que é aquela da atuação no mundo externo, que se compreende pela ação sobre um objeto ou pela alteração que provoca no ambiente. Como exemplo, podemos citar o fato de uma pessoa derrubar uma árvore ou comparecer a uma aula.

pois ambos compreendem que o indivíduo habitaria um mundo marcado similarmente pela realidade objetiva e pela subjetividade do indivíduo.

No entanto, tais conceitos diferem marcadamente um do outro, pois a teoria das representações sociais valoriza os aspectos cognitivos da conduta humana em detrimento do substrato afetivo-emocional, valorizado nas pesquisas acerca do Imaginário Coletivo (126 e 127).

Nossa concepção, enquanto pesquisadores do método psicanalista, parte em sentido contrário ao daqueles que valorizam as cognições, pois acreditamos que o homem seria movido principalmente por aspectos ideoafetivos, e o intelecto se relacionaria à tentativa humana de organizar o emocional, como forma de reduzir a angústia perante o desconhecido, formando, desse modo, uma estrutura defensiva (123).

Assim, consideraremos tanto a identificação de produções imaginativas como a captação de sentido afetivo-emocional a partir do qual estas emergem como abordagem psicanalítica do Imaginário Coletivo. Direcionamo-nos ao conceito de Imaginário Coletivo, a fim de olhar para as emoções, crenças e ideias que se associaram às ações assumidas em relação ao mundo (128). Usaremos, então, o termo Imaginário Coletivo para designar um conjunto de produções ideoafetivas coletivas, que se constituem como condutas.

Muitos estudos continuam desenvolvendo-se e aprimorando-se, mesmo que alguns acreditem que somente profissionais como sociólogos e antropólogos ou normas jurídicas e programas educacionais possam transformar as práticas sociais (129 e 130).

3. A configuração dos encontros com os homicidas

Após aprovação do projeto no comitê de ética em pesquisas da FCM, da Unicamp, a fim de garantir o esclarecimento do estudo aos participantes, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi cuidadosamente elaborado e avaliado pelo mesmo comitê; e foi lido e assinado pelos entrevistados no ato das entrevistas e após concordância na participação.

Diante das necessárias autorizações prévias – do diretor geral e de disciplina do Centro de Ressocialização –, realizamos levantamento dos nomes dos reeducandos que cumpriam pena por homicídio na instituição supracitada e, em seguida, pesquisamos nos prontuários criminológicos aqueles que eram réus confessos. Sabemos que a confissão não é garantia da veracidade dos atos; no entanto, como nosso objetivo não era o de descobrir a realidade dos fatos, mas, sim, obter um recorte metodológico, pensamos neste enfoque para que pudéssemos nos aproximar daqueles que, pelo menos diante do magistrado, colocaram-se como autores desse tipo de delito.

Na data da pesquisa, a instituição citada contava com uma população de 190 internos, dos quais 21 eram homicidas. No entanto, destes, apenas 6 eram réus confessos. Sendo assim, estes 6 foram convidados individualmente para participarem de tal pesquisa.

Durante a entrevista, entregamos a eles uma caixa de lápis de cor, com doze cores, um lápis preto e uma folha A4. Pedimos, então, que o entrevistado fizesse um desenho sob o tema: "Uma pessoa que leva uma vida boa" e, em seguida, inventasse uma história acerca do desenho feito e lhe desse um título.

Consideramos, obviamente, imprescindível, neste momento deste relato, após breve introdução ao método, explicar qual o caminho por nós percorrido para que tal procedimento, dentre muitos, tenha sido escolhido como forma de nos aproximarmos da pessoalidade coletiva dos participantes; e justificar a forma de registro e a comunicação desses encontros, como poderá ser encontrado nas próximas linhas.

Delimitando nosso pressuposto metodológico, fez-se necessária a aproximação com pesquisadores que se valiam do uso do método psicanalítico em seus estudos. Assim, entramos em contato com o grupo de pesquisa CNPq PUCC "*Atenção psicológica clínica em instituições: prevenção e intervenção*".

A partir do contato com as pesquisas sobre Imaginário Coletivo e das leituras das publicações desse grupo, deparamo-nos com um procedimento dialógico apresentativo-expressivo, inspirado no conceito winnicottiano de

“apresentação de objeto”, denominado Desenhos-Estórias[6] com Tema (123). Segundo essa concepção, quando se colocam em marcha métodos dialógicos, poderá ocorrer um “diálogo”, que se dará a partir da apresentação do objeto dentro de um encontro intersubjetivo (131).

Tal procedimento é análogo ao Jogo do Rabisco[7] proposto por Winnicott (132), em que o psicanalista apresenta uma atividade diagnóstico-interventiva: ele propunha que ele, juntamente com a criança que vinha à sua consulta, fizesse rabiscos em coautoria (113).

Partindo de uma compreensão paradigmática do Jogo do Rabisco, foi que Aiello-Vaisberg criou, em 1999, o Procedimento Desenhos-Estórias com Tema (123), a partir de uma atividade diagnóstica proposta por Trinca (133), mas diferente deste na sua conformação e nos seus objetivos. No procedimento inicial desenvolvido por Trinca, com objetivos psicodiagnósticos, é pedido ao participante que faça cinco desenhos-estórias livres, sem a introdução de nenhum tema. Já Aiello-Vaisberg (123) convida o participante a desenhar sobre um tema escolhido pelos pesquisadores de acordo com o que se pretende investigar e, em seguida, inventar uma história acerca do que foi desenhado. Tal procedimento foi idealizado para a investigação de Imaginário Coletivo de diversos grupos sobre diferentes fenômenos sociais.

---

[6] No Brasil o termo “estória” já não é utilizado há muitos anos. Designava narrativa fantasiosa, em oposição ao relato objetivo de eventos passados, a que nos referíamos usando grafia distinta: “História”. A adoção de uma única nomeação não deixa de ser a mais correta desde o nosso ponto de vista, já que não acreditamos na possibilidade de criação, pelo ser humano, de narrativa ou relato puramente racional e objetivo. Entretanto, quando nos referimos às produções realizadas em entrevista articulada ao redor do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, usamos o termo “desenhos-estórias” em respeito ao nome próprio concedido a este mediador dialógico.

[7] Jogo do rabisco: “Em um momento adequado após a chegada do paciente, geralmente após pedir ao genitor que o acompanha para ir para a sala de espera, digo à criança: ‘Vamos jogar alguma coisa. Sei o que gostaria de jogar e vou lhe mostrar’. Há uma mesa entre a criança e eu, com papel e dois lápis. Primeiro apanho um pouco de papel e rasgo as folhas ao meio, dando a impressão de que o que estamos fazendo não é freneticamente importante, e então começo a explicar. Digo: ‘Este jogo que gosto de jogar não tem regras. Pego apenas o meu lápis e faço assim... ’ e provavelmente aperto os olhos e faço um rabisco às cegas. Prossigo com a explicação e digo: ‘Mostre-me se se parece com alguma coisa a você ou se pode transformá-lo em algo; depois faça o mesmo comigo e verei se posso fazer algo com o seu rabisco.’. Isto é tudo o que existe a título de técnica, e tem-se de enfatizar que sou totalmente flexível mesmo neste estágio muito inicial, de maneira que, se a criança quer desenhar, ou conversar, ou brincar com brinquedos, ou fazer música ou traquinagens, fico livre para adaptar-me aos desejos dela” (132).

Norteadas pelo objetivo de investigar o Imaginário Coletivo de homicidas sobre o matar, acreditávamos que o procedimento desenvolvido por Aiello-Vaisberg (123) seria de grande valia e metodologicamente satisfatório à nossa investigação. Deveríamos, então, como primeiro passo da configuração dos encontros, elaborar um tema facilitador da aproximação ao substrato afetivo-emocional dos participantes.

Levando em conta que o adulto pode, muitas vezes, apresentar-se de modo defensivo e discursivo, teríamos de encontrar uma estratégia que pudesse favorecer a aproximação ao fenômeno que pretendíamos investigar, porém distante o suficiente para que os participantes não necessitassem defender-se; de certa forma, obrigando-os a elaborar produções discursivas preexistentes, recorrendo a manifestações "politicamente corretas". O nosso objetivo era proporcionar a surpresa e surpreender-nos com a produção.

Considerando que os participantes se encontravam reclusos em unidade carcerária, cumprindo pena por delito(s) supostamente cometido(s), tratando-se, portanto, como é sabido por todos nós, de um grupo alvo de preconceitos e exclusão sociais, acreditávamos que poderiam temer e sofrer julgamentos errôneos acerca do que dissessem durante a entrevista. Nas palavras de Aiello-Vaisberg, Corrêa e Ambrosio (131):

> [...] o fato de que o sofrimento do sujeito coletivo, no que tange à exclusão social de uma alteridade temida, nem sempre motiva os indivíduos a participar de propostas de trabalho grupal. Há, portanto, que facilitar esta participação, buscando formas de trabalho atraentes e tranquilizadoras (131).

Diante da peculiaridade do coletivo abordado neste estudo e salientando mais uma vez a psicanálise como nosso método de pesquisa, consideramos de grande valia ressaltar que a base do método psicanalítico é uma ética que reconhece toda e qualquer atitude humana, angelical ou monstruosa, como pertencente ao acontecer humano (134):

Tal tema foi, então, acertado por duas razões: por questões éticas, uma vez que, caso perguntássemos diretamente sobre morte ou sobre o matar,

correríamos o risco de trazer à tona conteúdos que talvez os participantes não estivessem preparados para abordar, o que poderia gerar sofrimento emocional, uma vez que o pedido, ao partir de nós, poderia ser visto como invasão. A outra razão seria relacionada à estratégia de pesquisa, pois o procedimento, enquanto facilitador da comunicação emocional consciente e não consciente, deveria proporcionar um relaxamento do participante para que dissesse aquilo que quisesse e emergisse no momento do encontro. Winnicott (135), nos relatos de suas consultas em que utilizava o Jogo do Rabisco como mediador dialógico, salienta que este é um recurso que permite a comunicação emocional com dimensões inconscientes, pois opera em um campo intersubjetivo.

Além disso, em decorrência da nossa experiência em unidades prisionais, entendíamos que o tema não seria fundamental, e, sim, um mero facilitador, pois, quando algo muito radical tem lugar na vida de um ser humano – matar/estar fatalmente enfermo/estar louco/estar preso/ter um filho excepcional... –, praticamente qualquer tema que permita falar sobre o viver serve para que ele se foque sobre esse ponto fundamental de sua trajetória. No caso de nossos participantes, o ponto fundamental é estar preso por tirar a vida de alguém. Assim, entendíamos que, caso falássemos sobre a vida com os nossos participantes, chegaríamos ao nosso objetivo de investigar o Imaginário Coletivo acerca do matar.

Levando em conta todos os aspectos das características dos participantes e conscientes de que vida e morte fazem parte da mesma face de uma moeda, chegamos ao tema “uma pessoa que leva uma vida boa”.

Em virtude da versatilidade do procedimento, poderíamos empregar algumas medidas que se ajustassem à nossa pessoalidade, deixando-nos mais à vontade durante os encontros. Ficou, então, estabelecido que os participantes estariam livres para escrever suas histórias ao final da confecção dos desenhos, ou, então, que as contassem em voz alta para que anotássemos o que era dito. Isso se deu conforme o desenrolar dos encontros, sendo que alguns optaram espontaneamente por contar a história, enquanto outros escreveram logo após o

término do desenho, sem nada dizer nem perguntar. Além disso, foi também pedido aos entrevistados que dessem um título à história contada.

Os encontros aconteceram sob a orientação de um tipo de enquadre diferenciado denominado “consultas individuais para abordagem da pessoalidade coletiva”, no qual um encontro inter-humano é instaurado com bases transicionais, com a ajuda de uma mediação dialógica, no caso, o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, que proporcionou a expressão subjetiva e nosso acolhimento por meio de uma dimensão lúdica (136).

No que se refere à pessoalidade coletiva, valemo-nos das palavras de Machado e Aiello-Vaisberg (137):

> [...] A conduta, entendida como toda e qualquer manifestação dramática do ser humano, pode ser inserida tanto no âmbito da singularidade, quanto no âmbito da coletividade [...]. Assim sendo, a nosso ver, a singularidade mantém uma relação dialética com a coletividade, estando uma contida na outra, ao mesmo tempo em que se contradizem mutuamente (137).

Podemos dizer que as entrevistas ocorreram em situação de privacidade relativa, pois acreditamos que, por se tratar de uma instituição prisional, os entrevistados puderam encontrar condições bastante favoráveis para suas expressões pessoais, pois contaram com nossa total atenção, plenamente voltada a eles. Ao final das entrevistas, não se fez necessário uma abertura dedicada à devolutiva da entrevista aos participantes, pois a conversa livre é parte do Procedimento. Após a realização das produções, o participante tinha liberdade para falar sobre seu desenho, sua história, o tema abordado, seus sentimentos ou sobre o que ele quisesse em relação ao ocorrido e ao encontro conosco nesse enquadre diferenciado. Assim, tal qual a concepção winnicottiana, mesmo que o pesquisador aponte uma proposta, este se coloca à disposição e relaxado para que o entrevistado esteja livre para estabelecer a comunicação como lhe for possível. Nas palavras de Winnicott (132):

> [...] tem-se de enfatizar que sou totalmente flexível, mesmo neste estágio muito inicial, de maneira que se a criança quer desenhar,

> ou conversar, ou brincar com brinquedos, ou fazer música ou traquinagens, fico livre para adaptar-me aos desejos dela (132).

4. O registro e a comunicação do acontecer – Narrativas psicanalíticas

Sucedido o encontro, a pesquisadora decorreu com a confecção de uma narrativa psicanalítica (138, 139, 140 e 141). Ainda que não pudéssemos ser capazes de comunicar toda a carga emocional e complexidade desse acontecer humano (134), pareceu-nos pertinente recorrer à narrativa psicanalítica como nossa forma de registro das entrevistas, estratégia esta utilizada em diversos estudos, consistindo em objeto de estudo por sua potencialidade heurística (138, 139, 140, 141 e 142).

Tal narrativa teve como objetivo norteador registrar e comunicar cientificamente o acontecer vivido, da forma mais completa possível. Vale ressaltar o apontamento de Aiello-Vaisberg et al. (141) de que:

> A narrativa da experiência vivida nas entrevistas no dispositivo psicanalítico inclui necessariamente a participação do pesquisador, numa presença plena. Ela apresenta então uma verdadeira semelhança com a narrativa de sonhos no momento da sessão psicanalítica, ou, na vida cotidiana, ao relato de uma sequência de cenas às quais o sujeito assistiu e de que participou de maneira mais ou menos ativa [8] (141 – tradução livre da autora).

Tratando-se de uma narrativa psicanalítica, durante sua elaboração, adotamos como prática essencial a associação livre com as lembranças baseadas nos produtos do encontro, deixando que o psicologicamente importante se desse pela via de impactos emocionais vividos pela pesquisadora (141).

Dessa forma, não concebemos o registro dos encontros, as entrevistas não foram gravadas e posteriormente transcritas, como ocorre na maioria das pesquisas positivistas. Aqui, como em todo o decorrer do estudo, nossa pessoalidade foi valorizada, fazendo-se importante que, dentro da comunicação das entrevistas, estivessem presentes os aspectos emocionais, bem como as

---

[8] *"Le récit de l'experiénce vécue dans entretiens en dispositif psychanalytique inclut nécessairement la participation du chercheur, dans une présence pleine. Il présent alors une véritable similitude avec le récit de rêves lors de la séance psychanalytique ou dans la vie quotidienne, narration d'une suite de scénes auxquelles le sujet a assisté et participé de maniére plus ou mins active*".(141)

impressões afetivo-emocionais vividas contratransferencialmente por nós (143). Compreendemos, dessa forma, que o material da pesquisa consiste unicamente nas narrativas psicanalíticas confeccionadas pela pesquisadora. Vale a pena ressaltar que fazem parte dessas narrativas tanto a descrição dos desenhos quanto a citação das histórias produzidas pelos participantes[9].

Salientamos que a narrativa psicanalítica pode tornar-se um lugar privilegiado para a produção de conhecimento nas ciências humanas, proporcionando troca de experiência clínica e de interlocução (139).

5. Criando/encontrando campos de sentido afetivo-emocional

Com o devido esclarecimento sobre nosso caminho metodológico, bem como sobre o procedimento utilizado durante os encontros como forma de aproximação ao fenômeno a ser estudado e ao modo de registrá-lo, passaremos a discorrer sobre a forma como interpretamos o material.

Debruçados sobre as narrativas psicanalíticas e inspirados pela obra winnicottiana de *Elemento da obra compartilhada,* baseados no encontro intersubjetivo, pudemos criar/encontrar interpretativamente os campos de sentido afetivo-emocional.

Em outras palavras, foi possível criar/encontrar os determinantes afetivo-emocionais que poderiam sustentar o Imaginário Coletivo dos homicidas acerca da morte. Segundo Winnicott (146), todo "indivíduo saudável deveria viver no mundo sendo capaz de criar o que esta lá para ser encontrado".

Dessa forma, voltamo-nos à captação interpretativa dos campos de sentido afetivo-emocional, substrato não consciente organizador das condutas, visando à criação/encontro com o Imaginário Coletivo ora estudado[10].

---

[9]Acreditamos que, ao escrevermos um relatório técnico ou a transcrição de uma entrevista, poderemos obter um material desprovido de aspectos emocionais e epistemologicamente incoerente (128). Afinados com esse pensamento, podemos destacar diversos pesquisadores psicanalistas, tais como Chiantaretto(130), MIjolla-Mellor (144) e Safra (145).

[10] Para alcançar, neste momento do percurso, possibilidade intersubjetiva, contamos com a participação de uma psicanalista, pesquisadora do grupo de pesquisa ja mencionado (vide p. 31), como supervisora clínica do material: Fabiana Follador e Ambrosio, CRP/SP 06-50961-0, Psicóloga, graduada em 1996 pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e Mestre em Psicologia Clínica em 2005 pelo mesmo Instituto. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, bolsista do CNPq. Foi colaboradora da *Ser e Fazer* (1997-2008), sendo responsável pela Oficina Arte de

Durante nossa comunicação com as produções, orientamo-nos pelas proposições de Hermann (110), aguardando o surgimento de um broto de sentido em suas "palavras de ordem: deixar que surja" (110). Assim também, como em todos os momentos, colocamos em marcha o método psicanalítico, usando a experiência da associação livre de ideias e da atenção flutuante.

À guisa de exemplo, poderíamos citar que, quando o indivíduo se depara com um objeto qualquer, como uma caixa de lenços, ele deveria não só reconhecer aquilo como uma caixa de lenços, mas também acreditar onipotentemente que aquilo que se encontra diante de si foi por ele criado de acordo com todas as características inerentes à sua pessoalidade, ou seja, com todas as suas vivências como pessoa. Como se a realidade não existisse independentemente dele, para, a partir desse processo maturacional, ser capaz de encontrar essa realidade (146).

Considerando que diversos psicanalistas têm compreendido o conceito de "campo" como a atmosfera que rege a relação entre analista e analisando (147, 148 e 149), ressaltamos que o uso deste conceito em nossa pesquisa é derivado de Bleger (117), que sustenta que, ao investigarmos a conduta humana, é necessário retomar o campo a partir do qual a conduta emergiu, isto é, relembrar quais foram o contexto ambiental e as motivações conscientes e não conscientes que estavam interatuando entre si no momento da manifestação humana. Assim, haveria também um campo psicológico, além do campo ambiental.

Finalmente, com o objetivo de esclarecer ainda mais o leitor quanto à nossa escolha do termo *criar/encontrar*, vale a pena salientar que, de forma alguma, consideramos que a captação feita por nós das motivações emocionais que estariam sustentando o Imaginário Coletivo seja única e arbitrária. Acreditamos que outros leitores, em contato com este mesmo material, poderiam encontrar novos campos de sentido afetivo-emocional, *criando o que esta lá para ser encontrado*.

Partimos do pressuposto de que a captação dos campos de sentido afetivo-

---

Papel (1998-2008) e supervisora dos atendimentos clínicos das Oficinas (2006-2008). É co-coordenadora e responsável pela editoração dos *Cadernos Ser e Fazer*. Foi possível assim, ampliar os olhares acerca do fenômeno.

emocional é um processo que integra a capacidade criativa do pesquisador e algo que estaria na realidade (128).

A nosso ver, esta apreensão paradoxal da realidade esclarece o processo pelo qual se faz a captação interpretativa dos campos.

III. O material

1. Narrativas psicanalíticas

Decidimos colocar neste capítulo as narrativas psicanalíticas na íntegra, para que o leitor possa aproximar-se do material obtido e também ter a possibilidade de criar/encontrar seus próprios campos de sentido afetivo-emocional.

Tais narrativas têm como objetivo norteador registrar e comunicar cientificamente o acontecer vivido, da forma mais completa possível.

Vale lembrar que, dessa forma, não concebemos o registro dos encontros, as entrevistas não foram gravadas e posteriormente transcritas. Aqui, como em todo o decorrer do estudo, a pessoalidade da pesquisadora foi valorizada, fazendo-se importante que, dentro da comunicação das entrevistas, estivessem presentes os aspectos emocionais, bem como as impressões afetivo-emocionais vividas contratransferencialmente pela pesquisadora (143). Compreendemos, dessa forma, que o material da pesquisa consiste, unicamente, nas narrativas psicanalíticas elaboradas pela pesquisadora.

1.1. Narrativa do encontro com Aquino[11]

Aquino cumpria pena no CR de Mogi Mirim há aproximadamente um ano e meio. Nesse tempo, foi por mim atendido quatro vezes, sendo a primeira para a realização da entrevista de inclusão, ocasião em que afirmou não precisar nem ter o desejo de fazer acompanhamentos psicológicos. As outras duas vezes foram quando me solicitou para que pudesse "*desabafar um pouco e falar sobre seu futuro e o que pretendia quando saísse da cadeia"*; o quarto e último encontro foi o da entrevista narrada a seguir.

Aquino era um homem comunicativo, de 34 anos, mantinha uma postura física retraída, sempre corcunda e mexendo pouco o corpo todo. Não fazia muitos movimentos com as mãos ou com os braços, deixando-os sempre apoiados entre as pernas, com os dedos intercruzados, porém mantinha os olhos bem abertos e atentos, encarando-me quando eu dizia algo.

[11] A fim de preservar a identidade de nossos participantes, todos os nomes contidos no corpo deste texto são fictícios, escolhidos aleatoriamente pela pesquisadora.

Comunicava-se sempre com o mesmo tom de voz, bastante baixo e de verbalização contínua, tendo de ser interrompido quando eu precisava dizer-lhe algo. Seu semblante, sua fala e seus movimentos eram bastante calmos, parecendo sempre estar em um ritmo muito mais lento do que o de outras pessoas. Não demonstrava ansiedade e, por vezes, não parecia deixar transparecer suas emoções, como se tivesse aprendido a ser frio para poder manter-se emocionalmente são diante do desenrolar de sua história. Independentemente do que estivesse dizendo, entoava sempre em tom de narrativa, parecendo contar uma história qualquer e não fatos de sua vida, o que, muitas vezes, me deixava perplexa – como, por exemplo, ao dizer da morte de sua mãe, do seu crime ou de quando fora abandonado em um orfanato.

Dava-me a impressão de querer ser visto como coitado, colocando-se sempre como vítima em todos os contextos que contava de sua vida. De fato, sua história de vida, a meu ver, era coberta de fatos tristes e penosos, porém parecia-me que Aquino gostava daquele papel de vítima, não fazendo a mínima questão de mudar esse quadro.

Tinha por hábito não responder assertivamente ao que lhe era perguntado e emendava com assuntos que lhe convinham, voltando sempre aos ocorridos de que tinha sido vítima de alguém.

O encontro da entrevista em que realizamos o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema teve duração de aproximadamente 45 minutos. Logo que Aquino adentrou a sala, após cumprimentos, perguntei a ele sobre a possibilidade de participar de minha pesquisa de pós-graduação que realizava com alguns reeducandos e, diante de resposta positiva, entreguei-lhe uma folha de papel A4, uma caixa de lápis de cor com 12 cores e um lápis preto. Solicitei que desenhasse *"uma pessoa que leva uma vida boa"*. Porém fiquei surpresa com a fala de Aquino diante da proposta:

Aquino: *Ah, não, doutora, eu não vou fazer desenho, não, pode perguntar aí o que a senhora quiser, mas desenhar eu não vou não, o louco!!!!*

Danielle: *Tudo bem, Aquino, caso não queira, você não é obrigado, não precisa fazer o desenho, mas por que ficou assim tão assustado?*

Aquino: *Tá bom vou fazer um desenho.*

Toma o lápis preto na mão e dá início à sua produção.

Diante da recusa de Aquino ao ato desenhar, formulei a hipótese de que possivelmente tivesse medo de que eu me aproximasse demais de suas emoções, pois desenhando não poderia se esquivar, como fazia em nossas conversas. Porém, quando lhe perguntei sobre seu medo de desenhar, ficou sem saber o que dizer e resolveu render-se à atividade, como se tivesse refletido e chegado à conclusão de que desenhar algo não devesse ser tão preocupante ou de que deveria obedecer, mesmo a contragosto.

Começou seu desenho pela figura da casa, fazendo primeiramente as paredes e, em seguida, um enorme telhado, como se aquele telhado fosse o protetor daquela casa. Em seguida, fez as portas, as janelas, um caminho na porta com três "homens palitos". A sensação que tive é de que as pessoas desenhadas estavam correndo em busca de proteção e abrigo naquela casa. Minha primeira impressão ao ver a casa desenhada foi de que ela se assemelhava muito mais ao próprio CR, com janelas e porta de grades do que com um lar de família propriamente dito. Em seguida, colocou uma grande antena no alto do telhado, um poste com um fio, parecendo sinalizar que ali havia energia. Para mim, o poste e o fio representavam o que de fato segurava a casa em pé, porém eram frágeis demais diante do tamanho da construção. Por fim, desenhou uma árvore em frente à casa.

Deu um suspiro e disse: *"Pronto"*. Deixou o lápis na mesa e ficou olhando para o desenho com um olhar cansado, como se tivesse feito um grande esforço físico de trabalho braçal.

Quando olhei novamente para o desenho, lembro-me de ter ficado espantada e de ter dito para mim mesma: *"Nossa! Ele desenhou o CR como sendo a casa"*.

Em seguida, pedi a ele que inventasse uma história acerca do que havia desenhado:

> *Esta casa aqui é de um rapaz chamado Abelardo que sempre sonhou ter uma casa, que tenha família, água e energia. Batalhou muito para conseguir. Sou um bom pai, uma casa feliz com esposa, filho, que não falta nada, era o que sempre sonhava ter uma casa, família e nunca tinha tido, e é isso, terminaram feliz.*
> *Dai o Abelardo se envolveu com a bebida e começou a brigar com a família e acabou separando da esposa, e perdeu a casa e tudo que tinha e acabou pelas drogas, sem casa e sem família, acabou sem tudo, não é fácil, mas vai ter que reconquistar e reconstruir tudo de novo.*

Ao terminar a história, disse:

- *Vixe, acabei falando "eu", né doutora, ah sei lá, pode ser eu e pode ser esse Abelardo aí, né?* (risos). Perguntei, então:

- *Por quê? Nesta história tem alguma coisa parecida com a sua vida?*

Passou, então, a dizer que nunca quis ser pai, alegando: "*Não gostaria que meu filho soubesse de tantas desgraças da vida do pai dele".* Perguntei quais eram essas desgraças, e ele relatou que, quando contava com oito anos de idade, vivenciou o falecimento da mãe. "*Quando pequeno, veio um vento, um temporal, eu jogando bola, daí vi minha mãe fechando os olhos, tive uma visão que ela tinha morrido e ninguém acreditava, quando fiquei sabendo desta morte não tive surpresa nenhuma, mas daí começou a minha revolta".*

Aproveitando o ensejo, questionei sobre como era perder alguém, e ele relatou que sempre ficava triste quando falava em família, pois lembrava que perdeu a mãe e que, depois dessa perda, vieram muitas outras. Continuou dizendo que, após o falecimento de sua mãe, a família disse que o levaria para um lugar muito melhor e o buscariam ao final do dia, porém foi levado para um orfanato e nunca mais foram visitá-lo. Aos 18 anos, foi morar na rua e procurou a família uma única vez, para obter informações sobre seu pai. Nessa época foi ao encontro do genitor, que também morava na rua e estava envolvido com drogas. Ficou decepcionado, resolveu sair das ruas de São Paulo e foi de carona até Atibaia, local onde passou a morar também nas ruas.

Relatou que depois disso nunca mais quis falar com ninguém da família e completou dizendo: "*Minha vida foi isto só pesadelo e sofrimento"...* (pensou um pouco)*... "E perder alguém, como a senhora perguntou, é tudo isto, uma tristeza"...* (pensou mais um pouco). *"Nunca pensei na vida que iria tirar a vida de alguém"*.

Sempre com o mesmo padrão de fala contínua e ininterrupta, passou a dizer sobre a mulher a quem tirou a vida. *"Sempre quis que a Amélia* (nome fictício) *fosse a mulher da minha vida, porém as coisas foram acontecendo e fugiram do controle"*.

Quando era pequeno, presenciou a tia traindo o marido por diversas vezes, até que certo dia o tio chegou e a viu com outra pessoa na cama e deu dois tiros nos dois. Aquino viu toda a cena.

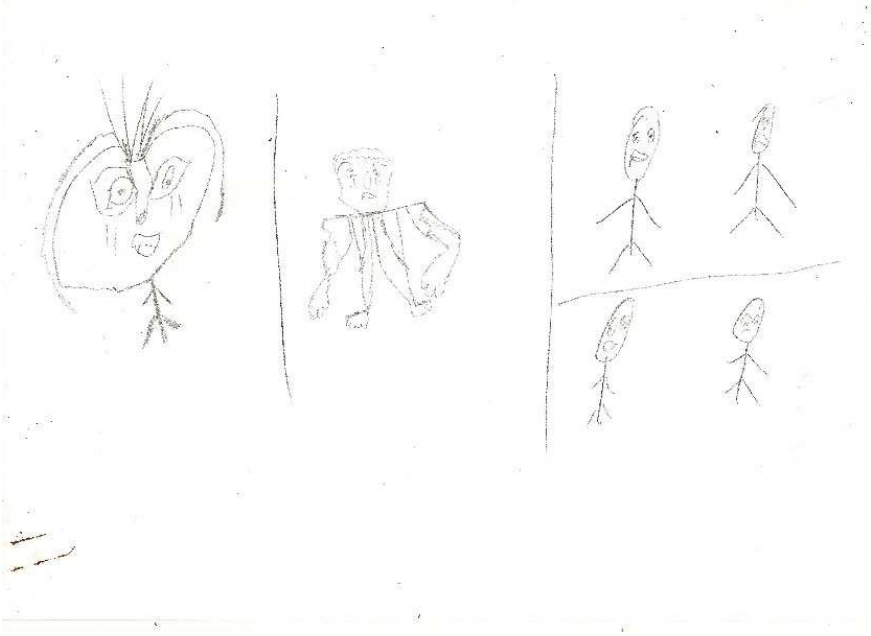
> *"Então carreguei comigo que, se visse minha mulher me traindo, iria matá-la também. Sempre avisei a Amélia* [nome fictício] *que, se ela me traísse, a mataria, e ela dizia que eu nunca teria coragem, e eu dizia: "Tenho, sim, pois prefiro você morta do que ficar com alguém que não seja eu". Daí*

> *surgiram os boatos e eu a matei. Nesta época fui morar com a Amélia numa casa invadida, a gente tinha apenas um colchão e vivíamos bebendo e bêbados, no dia que matei ela não tinha bebido nada, não queria que nada me tirasse aquela ideia fixa e foi então que cheguei em casa e estrangulei ela com um cordão.*

Aquino sempre pareceu ser uma pessoa bastante pacífica comigo e com as demais pessoas. Na verdade, eu achava que não precisava temê-lo. Naquele dia, porém, senti medo dele; tive medo da frieza e da forma com que relatou seu homicídio. Pensei até que deveria me precaver, ficando ainda mais atenta aos seus atos. Não que ele tivesse tido qualquer tipo de atitude ameaçadora, mas só a sua fala foi o suficiente para que eu me sentisse amedrontada.

Após contar da morte de sua companheira, falou que a única coisa em que pensava sempre é que, se ele morresse hoje, ninguém iria sentir sua falta. E completou: *"Se eu for para o céu, muito bom, fui perdoado, se for para o inferno tudo bem, pois o que eu fiz é errado. Matar alguém desconhecido é errado, imagina matar quem se ama".*

Logo após sua fala, pegou outra folha de papel em cima da mesa da outra psicóloga e começou a fazer novo desenho, o que me surpreendeu bastante, pois nunca tinha visto uma atitude tão espontânea e até ousada por parte de um reeducando. Bem como no outro, fez questão de passar o lápis diversas vezes em cima do mesmo traço e deixou o desenho com rabiscos bastante fortes. Desenhou, então, o que parecia ser uma pessoa com uma cabeça muito grande e com os olhos esbugalhados; passou uma linha vertical e desenhou uma "espécie de monstro"; passou outro traço vertical, dividindo a folha em três, e desenhou dois "homens palitinhos"; passou um traço horizontal em baixo e desenhou mais dois "homens palitinhos". Eis o desenho:



Após dar o desenho por encerrado, explicou:

> *"O primeiro era o desenho de uma pessoa grande que tinha de tudo e de repente acabou perdendo tudo e ficou sem nada, acabou explodindo e fazendo besteira com uma vida triste. No segundo, é um monstro, rejeitado, e que para ele o mundo acabou, só existe o desprezo e é excluído da sociedade. E no outro desenho está alegre. Isto é a minha vida, eu não estou excluído da sociedade, mas sim do mundo*.

Após a fala, fiquei sinceramente perplexa com tal reflexão e disse que entendia o que ele sentia; perguntei se gostaria de dizer mais alguma coisa e ele respondeu: *"Não, senhora, acho que já falei demais".*

Aquino foi levantando da cadeira e pedi que ele assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após este encontro, na semana seguinte, tive de sair de licença-maternidade e avisei a outra psicóloga que procurasse saber sobre Aquino e, se possível, lhe oferecesse apoio. Diante de tal fato, senti-me sinceramente aborrecida por não ter podido vê-lo ao menos mais uma vez.

1.2. Narrativa do encontro com Bartolomeu

Bartolomeu era réu confesso e cumpria pena há aproximadamente um ano e meio no CR de Mogi Mirim por homicídio doloso, cometido contra sua esposa. Encontramo-nos apenas por duas vezes, sendo a primeira na ocasião da

entrevista de inclusão, quando afirmou não desejar acompanhamento psicológico. O segundo encontro aconteceu na entrevista para a realização do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, narrado a seguir.

Bartolomeu denotava ser uma pessoa extremamente tímida e humilde, falava sempre olhando para o chão e com um tom de voz bastante baixo, chegando ao ponto de, por vezes, não conseguir ouvi-lo. Por essas razões foi bastante difícil estabelecer contato e comunicação com ele. Todavia, este encontro teve duração de aproximadamente 50 minutos e, além da elaboração do desenho e da história, pudemos conversar sobre a morte, o crime cometido e um pouco de sua história de vida.

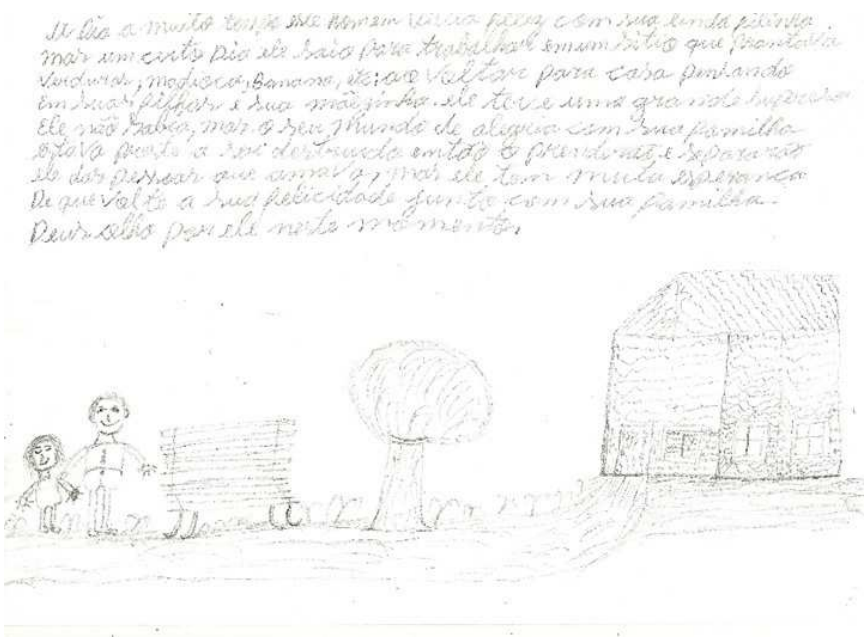
Apesar da aparente timidez e do baixo nível cultural, nas poucas vezes em que falou, manifestou-se assertivamente com segurança, sem titubear em nenhuma de suas frases. Respondia a tudo o que lhe era perguntado e parecia fazer uma boa interpretação da realidade, sem muitos devaneios. Pensei que pudesse tratar-se de um homem "durão", que falava a verdade sem rodeios, para quem quer que fosse. Esta minha impressão ficou ainda mais clara quando relatou ter contado a suas filhas sobre o homicídio que cometera contra a mãe delas. "*Eu mesmo contei a elas, doutora, na mesma hora do crime. Assim, elas resolveriam se iriam me perdoar ou não"*.

Neste encontro, após cumprimentos, solicitei a ele que participasse de uma pesquisa de pós-graduação que realizava com alguns reeducandos. Diante de resposta positiva por parte de Bartolomeu, entreguei-lhe uma folha de papel tamanho A4, uma caixa de lápis de cor com doze cores, um lápis preto e pedi também que desenhasse *"uma pessoa que leva uma vida boa"*.

Desenhou o tempo todo calado. Deu início ao desenho pelas duas pessoas que aparentemente representavam as figuras de um pai e uma filha, em seguida desenhou um banco, uma árvore, alguns matinhos e um caminho que levava a uma casa. A casa foi iniciada pelas paredes; depois, portas, janelas e telhado. Ao terminar a casa, fez um solo embaixo dela e encheu-a de risquinhos.

Meu primeiro impacto, ao olhar para esse desenho, foi a falta de detalhamento e de elaboração da representação da casa, em comparação com o

restante da produção. Dentro dessa casa não caberia nem o banco que desenhou inicialmente. Fiquei algum tempo olhando para a casa e os risquinhos que havia nela e repentinamente vieram-me alguns pensamentos: *"Parecia que ele não queria que essa casa fosse feliz; parecia que ninguém morava nesta casa; parecia que as pessoas desenhadas não faziam parte desse lar; parecia que ele não queria que essa casa estivesse ali; parecia que ele queria que esta casa não aparecesse e, por isso, a camuflou"*. Pensei que naquela casa pudesse ter morrido alguém, e fui tomada por uma sensação fria e vazia de uma residência que fora abandonada, não por desejo próprio do morador, e sim por imposição de forças maiores, como da polícia; ou por falta de condições financeiras ou emocionais de continuar habitando aquele lar.



Quando terminou o desenho, ele não disse nada e passou alguns segundos ainda com a cabeça baixa, olhando para o desenho, com o lápis na mão; e, em seguida, ergueu o olhar para mim como quem dissesse: *mais alguma coisa?*

Pedi, então, que inventasse uma história acerca do que havia desenhado, e ele, sem nada falar nem perguntar, passou a escrevê-la no alto da mesma folha do desenho:

Um dia a muito tempo este homem vivia feliz com sua linda filinha, mas um certo dia ele saio para trabalhar em um sitio que prantava verduras, mandioca, banana, etc; ao voltar para casa pensando em suas filhas e sua mãezinha. Ele teve uma grande surpresa. Ele não sabia, mas o seu mundo de alegria com sua familha estava preste a ser destruído então o prenderão e separarão ele das pessoas que amava, mas ele tem muita esperança de que volte a sua felicidade junto com sua familha. Deus olha por ele neste momento.

Após ter escrito a história, levantou a cabeça, encarou-me com os olhos cheios de lágrimas e disse: *"Se eu for contar o porquê desta pessoa ter sido presa, vai então dar umas dez folhas, melhor eu nem falar disto aqui"*.

Disse a ele que poderia ficar à vontade em dizer aquilo que quisesse ou que, de repente, lesse a história para mim. Ele então resolveu ler a história em voz alta e, em seguida, passou a dizer que naquele conto tinha muita coisa parecida com a vida dele e que o fizera lembrar-se de suas seis filhas. Nesse momento, propus a ele que me contasse sobre suas filhas.

Concordando com a proposta, passou a relatar que foi casado com a mesma mulher por aproximadamente quinze anos e que, juntos, tiveram seis filhas, das quais quatro o perdoaram pelo crime cometido e duas nunca mais voltaram a falar com ele. Das duas últimas, uma vivia com a tia materna (irmã da falecida esposa) e a outra era casada e morava com o marido e os filhos. No que se refere às outras quatro, uma delas também era casada e as demais (três delas) viviam com o genitor do relator. Isso o preocupava bastante, pois, apesar de lúcido, o pai era um senhor com avançados 96 anos de idade e quadro de saúde preocupante, devido a problemas cardíacos. Queixou-se dos seus irmãos, que não ajudavam o pai em nada, nem o visitavam para saber se passava por algum tipo de necessidade física, emocional ou financeira. *"Meus irmãos não ajudam em nada, meu irmão ninguém pode entrar no carro dele, nem meu pai, para ir no*

médico, acho que, quando ele morrer, vai levar o carro para o caixão, quero ver é quando o meu pai morrer se eles vão ajudar".

Aproveitando o diálogo e levando em conta que Bartolomeu tocou no tema da morte, questionei-o sobre o assunto e obtive a seguinte resposta:

Bartolomeu: *A morte é uma consequência da vida, depende de como a pessoa vive, se ela fizer alguma coisa pode morrer* (sinto que se referia à esposa)*, pode a pessoa estar andando até a morte, não dá para prever isto.*

Danielle: *Quando diz sobre andar até a morte, ao que está se referindo, Bartolomeu?*

Bartolomeu: *Eu não falo muito disso não, mas já que a senhora perguntou e agora estamos falando da morte, é da minha esposa. Por exemplo, eu tirei a vida dela, tirei mesmo, e, sabe, tirei com orgulho mesmo, armei tudo, eu sei que ela estava me traindo e sei que era porque eu bebia, eu acabei abrindo as porta e deixei outro camarada entrar na vida dela quando eu tava bêbado, mas mesmo assim, isso não tem perdão, eu fiquei sabendo, tomei mais uns goró, cheguei em casa e matei ela estrangulada enquanto ela dormia, fiz com a minha própria mão para deixar marcado.* (movimenta as mãos no ar como se estivesse estrangulando alguém, mas continua com o tom de voz baixo e a cabeça olhando para o chão).

Danielle: *E depois disto, Bartolomeu, como foi a sua vida?*

Bartolomeu: *Depois eu vim preso, fiquei lá do lado do corpo, liguei pra polícia, contei tudo e eles me levaram preso, agora aqui na cadeia não bebo mais e depois que sair é depois. Escrevi pras minhas filhas contando tudo, umas perdoaram, já outras não. Direito delas.*

Danielle: *Bartolomeu, o que você acha que acontece depois da morte?*

Bartolomeu: *Não é o fim de tudo, por isso eu não acredito nestes evangélicos, eu acho que é a passagem de um mundo para o outro e depois a alma é viva. Estas religiões são só políticas, eu acredito no que eu sei e pronto, não preciso gritar e ser de religião para Deus me ouvir*.

Danielle: *Você acredita em Deus?*

Bartolomeu: *Eu não acredito, não, acho que tudo que faz tem que pagar; e Deus, se existir, tá lá em cima e tá também cuidando da vida dele e não do que "tamo" fazendo aqui embaixo.*

Danielle: *Gostaria de falar mais alguma coisa sobre o nosso encontro ou sobre algum outro assunto?*

Bartolomeu: *Não, não gostaria não, doutora, gostaria de que, se já tiver feito tudo pra ajudar a senhora, gostaria de voltar lá pro meu lugarzinho e terminar meus servicinho.*

Danielle: *Pode colocar um título na história que escreveu?*

Bartolomeu: *A prisão.*

Danielle: *Tudo bem, Bartolomeu, muito obrigada pela sua atenção. Estou à disposição para o que precisar, tudo bem? Caso eu já tenha saído de licença-maternidade, o senhor pode procurar a outra psicóloga. Antes de sair, pode assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?*

Bartolomeu assinou o termo e saiu da sala dizendo: "*Fica com Deus, doutora. Obrigado por tudo"*.

Por vezes, notei que Bartolomeu apresentava uma fala bastante dura com entonação ríspida, como se quisesse defender suas opiniões sem ser muito questionado, como quem dizia: *"É assim e pronto"*. Mesmo com o tom de voz baixo, a cabeça sempre voltada para o chão, a pouca estatura e a magreza física, pareceu-me um homem bastante rústico e grosseiro nas suas falas, que entoava com firmeza e movimentos de sobrancelhas, o que dava ar de seriedade ao que era dito.

Dizia claramente que não se arrependia do crime cometido contra a esposa. Afirmou ter aprendido que "*homem traído deveria, por honra, vingar a esposa traidora e esta não teria mais de ter o direito de viver*.".

Refleti que Bartolomeu talvez pudesse ter vindo de uma cultura *olho por olho e dente por dente, de justiça com as próprias mãos*. Acredito que possa ter acabado matando a esposa que o traiu para continuar se sentindo *homem*. Não falou, em momento algum, de arrependimento e denotou estar cumprindo pena

com muito orgulho, como se a detenção fizesse parte do ato cometido por hombridade.

1.3. Narrativa do encontro com Benedito

Benedito passou pelo atendimento psicológico comigo por aproximadamente um ano. Tratava-se de um homem de 28 anos de idade que cumpria pena por homicídio simples, há aproximadamente um ano e meio no Centro de Ressocialização. Antes disso, passara três meses no Complexo Penitenciário de Hortolândia.

Logo em nossa primeira conversa, durante a entrevista de inclusão, Benedito disse que considerava interessante passar por atendimentos psicológicos. No entanto, salientou que preferia não agendar os atendimentos pessoalmente (os atendimentos eram solicitados pelos próprios reeducandos ou agendados pelos profissionais), pois sentia receio em ser mal visto pelos demais reeducandos. Justificou sua preferência, relatando que, nas outras unidades em que cumpriu pena, os internos que marcavam muitas conversas com os profissionais da saúde ou da segurança eram vistos como “caguetas”, detentos que levam aos funcionários todo e qualquer tipo de informação das celas e dos pavilhões. Diante disso, em geral quinzenalmente, eu solicitava Benedito para os atendimentos psicológicos.

Durantes as sessões ele me contava de seus crimes, bem como de seus relacionamentos amorosos e familiares.

No decorrer de meu contato com Benedito dentro da Instituição, notei que ele tentava manter-se imperceptível, solicitando atendimento apenas do setor judiciário, pois poderia obter ajuda para conseguir os benefícios que lhe são de direito; e, caso não corresse atrás, poderia não consegui-los com a mesma brevidade de quem conta com os serviços de um advogado particular.

Não fazia questão de trabalhar em cargos de destaque, como na cozinha ou na administração, mesmo que a remuneração fosse melhor; preferia manter-se em outros ofícios que não eram tão concorridos nem tão vistosos como os citados. Sua discrição também aparecia nas ocasiões em que nos encontrávamos: nos

corredores da unidade, abaixava a cabeça e só me cumprimentava se eu o fizesse primeiro. Sinto que preferia deixar transparecer aos demais colegas de cela que nem me conhecia ou que não tinha algum tipo de contato comigo.

No decorrer dos atendimentos, Benedito relatou seu histórico de vida, com um relacionamento familiar aparentemente conturbado. Ele próprio atribui o fato de ter *"entrado precocemente a criminalidade"* a ter crescido em um lar desestruturado. Nesse meio tempo, negou qualquer tipo de envolvimento com drogas, bem como o uso abusivo de álcool. Relatou ter tido poucas mulheres em sua vida, por não confiar no sexo feminino, e afirmava que *"as mulheres eram feitas para trair e envergonhar os homens"*.

Relatou ter casado com uma moça quatro anos mais nova que, por ter perdido a virgindade com ele, acreditava que fosse pura e que seria fiel no relacionamento. Tratava-se de uma garota de família humilde, que acabou engravidando após alguns meses que estavam juntos. Na data dos atendimentos, o filho do casal contava com um ano de idade.

Até os seus sete anos, ele fora criado pela avó materna, pessoa que ele admirava com muita afeição: "*Esta, sim, era uma mulher honesta e fiel*". Após os sete anos, passou a viver com a mãe, com os padrastos (sua mãe casou-se três vezes) e com os irmãos. Segundo ele, nessa fase, a sua vida se transformou em um *"inferno*".

Como dado marcante, relata ter visto a mãe com muitos homens na cama, fato que, segundo ele, o fez desacreditar na fidelidade das mulheres, de modo geral. Contou ainda que, aos oito anos, saiu de casa seguindo o tio materno, ficou entre as árvores observando e viu outro homem aproximar-se e desferir facadas no tio, levando-o a óbito. Salienta que seus pais nunca conversaram com ele sobre o ocorrido, mesmo com sua insistência, deixando uma possível lacuna na compreensão sobre o acontecido.

Sua vida laborativa foi pouco produtiva, não tendo demonstrado interesse por trabalho nenhum. Serviu algumas vezes na colheita da laranja, porém não se manteve muito tempo nesse ofício, por considerar o serviço demasiadamente pesado para o montante de dinheiro que recebia.

Trazia-me certa inquietude e perplexidade quando relatava os latrocínios que havia cometido com tanta frieza. O atendimento a Benedito me causava desconforto, pois falava friamente de suas vítimas e parecia sempre estar me testando, tentando captar todas as minhas reações às suas falas. No entanto, a sensação de distanciamento se fez presente durante o tempo todo, como se ele fizesse questão de manter permanentemente uma barreira entre nós. Falava muito abertamente de seus sentimentos e contava-me suas vivências, parecendo tentar tomar consciência de seus atos, principalmente dos mais sórdidos. Relatou o afeto pela amásia, pelo filho e por demais familiares de maneira fria, como se tivesse aprendido a falar sobre sentimentos, parecendo não os vivenciar.

No decorrer dos atendimentos, à medida que Benedito contava-me sobre sua vida, notei que esta barreira parecia limitar todas as suas relações interpessoais: com a mãe, com a amásia e também com o filho. Olhava fixamente para o meu rosto, mesmo quando me movimentava para efetuar outras tarefas, como pegar um papel ou anotar alguma coisa. É importante comentar que, dadas as exigências institucionais, ao final das sessões, algumas anotações deveriam ser feitas nos prontuários dos que eram atendidos, como a data do atendimento, se houve intervenção individual ou grupal. Assim, ao mesmo tempo que o reeducando voltava para a cela, eu deveria entregar o prontuário ao guarda, já com as informações registradas. Era comum que os internos demonstrassem certa curiosidade sobre o que estava sendo escrito. Muitos olhavam sem disfarçar, chegando a debruçarem-se na mesa; já outros olhavam discretamente pelo canto dos olhos. Benedito, no entanto, em nenhum minuto demonstrava curiosidade pelo que eu pudesse estar escrevendo, tampouco desviava o olhar para o papel.

Sempre fazia questão de salientar alguma marca em meu rosto, apontando uma pinta, um risco da maquiagem, ou um cílio caído. Acredito que fazia isso com o intuito de desconcertar-me, o que de fato, por vezes, realmente acontecia. No meu ponto de vista, fazia os comentários em momentos inoportunos, como, por exemplo, no diálogo a seguir:

Danielle: *E então, Benedito, como está seu trabalho na confecção de bolas?*

Benedito: *Senhora, desculpa, mas antes de responder a sua pergunta, a senhora tem uma manchinha no olho?*

Acredito que, possivelmente, fazia esse tipo de comentário para distrair-me e sair do foco da conversa, fazendo colocações que me deixariam intrigada e trariam certa intimidade à nossa relação; de certa forma, obrigando-me a falar algo sobre seu comentário; colocando dados, mesmo que superficiais, acerca de meu corpo e da minha vida. Diante do diálogo acima, lembro-me de ter ficado perplexa com tamanha ousadia ao apontar alguma característica em mim. Recordava que poucas pessoas haviam notado a pinta que tenho em meu globo ocular, e isto me fez pensar como ele encarava meus olhos em busca de algo que talvez pudesse servir para mostrar-me o quanto me observava.

Quanto ao seu envolvimento com a criminalidade, assumiu ter cometido o primeiro delito aos 14 anos, quando, pela primeira vez, matou um garoto de 18 anos a facadas durante uma briga. Nesse período, ficou detido na FEBEM por seis meses e *"aprendeu muito sobre o mundo do crime"*. Ao ser desinstitucionalizado, disse estar *"pronto para a bandidagem"*. Foi então que passou a cometer furtos e assaltos, evoluindo para latrocínios, pois, segundo ele, passou a gostar de *"ver o corpo tombar"*. Desde os 14 anos, passou a vida entrando e saindo de cadeias por todos esses delitos. Fazia questão de falar o quanto tem ódio de determinadas pessoas, como estupradores, homossexuais e abusadores sexuais e o quanto sente *"dó"* das mulheres e das crianças, dizendo-se incapaz de cometer alguma maldade a elas. *"Queria pendurar estes estupradores pelo calcanhar, não admito que façam mal para as crianças e para as mulheres porque são ingênuas, matei uma só mulher em um latrocínio, porque ela reagiu."*.

No dia da entrevista para o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, Benedito foi chamado para conversar comigo, como era nosso acordo usual.

Em nosso encontro, com duração de aproximadamente 60 minutos, depois da confecção do desenho e da narração da estória, falamos sobre os acontecimentos da última quinzena e sobre a experiência de ter participado do procedimento.

Após sua chegada, perguntei como havia passado o mês, e calmamente respondeu-me que tudo correra tranquilamente, porém estava um pouco ansioso por conta de estar aguardando a resposta de seu pedido de benefício do regime semiaberto. Após falarmos sobre o restante de tempo de sua pena e em qual empresa pretendia trabalhar quando conseguisse seu benefício, perguntei a ele se concordaria em participar da pesquisa que eu estava fazendo com diversos reeducandos. Obtendo resposta positiva, entreguei-lhe uma folha A4, um lápis preto e uma caixa de lápis de cor com 12 cores e solicitei que fizesse um desenho sobre o tema: *"Uma pessoa que leva uma vida boa"*.

Antes de iniciar o desenho, Benedito fez apenas uma pergunta:

Benedito: *Pode ser casa, carro, estes baratos?*

Danielle: *Como você preferir.*

Deu, então, início a sua produção e não falou nada durante o tempo em que desenhava. Em nenhum momento olhou para mim, manteve-se como se estivesse fazendo apenas aquilo que lhe fora solicitado. Durante o tempo todo, anotei minhas percepções e sensações, e ele nem sequer desviou o olhar de sua folha. Posteriormente, notei que as minhas anotações deveriam ser feitas com o entrevistado fora da sala, assim poderia me ater mais aos seus movimentos e não traria nenhum tipo de constrangimento entre nós. Entretanto, penso que, no caso do encontro com Benedito, não houve perturbações por conta de meus escritos.

Como forma de elucidação, passarei a descrever algumas de minhas reflexões, resultantes deste atendimento. Ressalto que os comentários não foram registrados durante o encontro com Benedito; ao confeccionar a narrativa, lembrava-me de minhas sensações.

Trabalhando há quatro anos no sistema prisional, o comportamento deste reeducando foi o que mais me despertou atenção; ficava perplexa diante de tamanha frieza. Não me conformava que o mesmo homem cordial e educado comigo fosse capaz de cometer crimes tão bárbaros. Nunca me fez nenhum tipo de pergunta, porém seus comentários a meu respeito e as trocas intersubjetivas que aconteciam davam-me percepções de que estava atento e interpretando todos os meus atos. Ficava com a sensação de que, durante o tempo todo, olhava

para o meu rosto e tirava suas próprias conclusões sobre mim. Eu imaginava também que passava o atendimento tentando entender minhas ações e reações.

Seu comportamento soava confiante, conseguido a partir de sua desconfiança, como se tivesse a certeza de que sabia tudo que acontecia ao nosso redor e dentro da cadeia toda. No entanto, mantinha presente a desconfiança por tudo e por todos que o rodeavam, dizendo abertamente duvidar das atitudes, mesmo que amigáveis, até de seus entes mais queridos (amásia e mãe).

Durante os atendimentos, os reeducandos permaneciam de costas para a porta e, quando alguma pessoa passava por ali ou interrompia nosso atendimento por algum motivo, era de praxe que o reeducando voltasse o olhar para porta, demonstrando curiosidade; ou que olhasse para baixo, revelando respeito pelo que não se relacionava a ele. Benedito, no entanto, nessas ocasiões mantinha-se com os olhos fixos nos meus, como se quisesse observar minhas atitudes, tentando deixar-me desconcertada. Deixava claro que não confiava verdadeiramente em sua mãe e em sua amásia, pessoas que o visitavam periodicamente e que aparentemente o apoiavam em seu cumprimento de pena, dando-lhe palavras de conforto e levando comidas de sua preferência. Dizia não saber o que elas "*faziam por trás dele"*, mas tinha a certeza de que elas sempre o "*visitariam ou por respeito ou por medo"*.

Tenho a sensação de que ele percebia exatamente tudo o que ocorria em nossa volta, porém não se manifestava, por achar que deveria manter o máximo de cordialidade, para não deixar brechas que pudessem ser mal interpretadas por mim ou pelos demais agentes de segurança. Fazia questão de mostrar o respeito que tem pelos profissionais, não se manifestando quando não era solicitado. Tenho a impressão de que era como se me dissesse: *"Eu sei que tem alguém na porta"* ou *"Eu sei que você está anotando coisas sobre mim; você sabe que eu sei até através do meu olhar e sabe também que eu não vou olhar por respeito a você e pela condição de preso em que me encontro. Você solicita e eu faço, mas fora da cadeia eu questiono e, dependendo, eu mato"*.

Após ele dizer ter terminado o desenho, pedi que me contasse uma história sobre o que havia desenhado:

Benedito: - *Não é muito comprida não, mas... Eu fiz duas classes aqui* (escreve "1°" e "2°" nos desenhos) *A gente não tá conseguindo imaginar, não.*

Danielle: - *Não se preocupe, conte conforme surgir e eu anoto para você.* (Pensa mais um pouco e fala)

Benedito: - *A primeira família tem de tudo, luxo conforto, são feliz pela luxúria que têm, mas não de afinidade, não são unidos. A segunda família, eles não têm conforto, mas são unidos, por isso coloquei todos de mãos dadas.* (Olha para mim)

Danielle: - *Ok, pode continuar.*

Benedito: - *Pode ser de mudança de vida?*

Danielle: - *Sim.*

Benedito:

Uma família era bem pobrezinha aí tinha felicidade, família de cinco pessoas. Três filhos e mulher e marido, depois de batalhas e dificuldades ele conseguiu algo melhor na vida dele até que um dia conseguiu dar mais conforto em uma grande casa onde podia dar um quarto para cada um. Mas passado o tempo ele não se sentia mais feliz com aquela vida que levava de luxuria, dinheiro e conforto por um simples fato de ter perdido um filho seu, pois foi morar numa cidade grande onde era bastante povoada, movimentada, muito trânsito, criminalidade, foi quando ele perdeu seu filho para o crime onde ele pensa hoje em dia que se ele vivesse naquela cidadezinha humilde sem tanta população, onde morava a felicidade, ele ainda poderia ter seu filho ao seu lado.

Benedito: - *Eu tinha que falar das vírgulas e ponto final?*

Danielle: - *Não, tudo bem.*

Benedito: - *Então chegou ao fim da história de uma família de pobre que se torna rico, mas perde um pedaço de sua vida que é seu filho, FIM.*

Danielle: - *Pode dar o título da história?*

Benedito: - *Da humildade à riqueza.*

Danielle: - *Gostaria de falar mais alguma coisa?*

Benedito: - *Ah, eu fiz isto aí mesmo, senhora, a última vez que eu fiz isto foi no psiquiatra, mas eu sei que o bagulho aqui é diferente, eu sei que a senhora não vai me fazer pagar de louco.*

Mesmo que tenha dito a ele que as produções seriam utilizadas apenas para minha pesquisa, sem nenhum tipo de envolvimento com análises psicológicas individuais de personalidade ou com avaliações institucionais, acredito que ele tenha salientado isto no intuito de garantir que eu não usasse suas produções para prejudicá-lo judicialmente.

Danielle: - *Não, este é um material sigiloso que eu vou usar apenas na minha pesquisa, para mais nada.*

Benedito: - *Mas eu fiz para mostrar que o dinheiro não é tudo, esta família aqui* (aponta para a primeira)*, não está de mãos dadas, é o que eu falo para a*

Helena (nome fictício) *minha amásia, não podemos fazer isto, o que importa é a felicidade. Queria mesmo falar com a senhora sobre a Helena, ela anda muito distante de mim, ela não está se abrindo comigo, eu sei que ameaço ela, mas é que não posso afrouxar senão ela confunde amizade com liberdade e acha que não vou fazer nada se ela me trair. Por isso que não quero morar em cidade grande.*

Danielle: *- Mas como assim? O que a Helena te trair tem a ver com a cidade grande?*

Benedito: *- Assim, na cidade grande não vou controlar e tenho medo dela me trair e se isso acontecer eu posso perder a cabeça e vir parar neste lugar de novo. Desculpa a deselegância minha, mas eu já avisei ela que se ela fizer alguma coisa eu entrego só a cabeça dela para o pai dela e ainda explico o que aconteceu. Por isso quero morar no sítio.*

Danielle: *Você pretende causar medo à Helena para que ela saiba te respeitar?*

Benedito: *- Eu acho que ela precisa conversar com uma psicóloga para aprender a dialogar e trocar uma ideia. Eu não consigo ser menos rígido com ela porque tenho uma irmã e uma mãe, desculpa a expressão, senhora, mas elas não prestam. Os caras têm relação com ela, eu vi na minha casa isto, meu pai dava amor e carinho e mesmo assim ela o traía, a minha mãe, tenho três irmãos de pais diferentes, a senhora não sabe como é isso.*

Danielle:*- E como é isso?*

Benedito: *- Assim, desculpa ser deselegante, mas eu vi minha mãe com o marido da minha prima na cama, quando eu tinha oito anos. Contei para o meu pai e acredita que ele me bateu e o meu vô também, meu pai falava que eu era mentiroso e meu vô falava que eu tava difamando a filha dele, quase me mataram de tanto dar porrada. Se eu tivesse uma arma naquela época tinha entrado para o crime muito antes. Fiquei com muita raiva e não ia esperar até os 14 anos para matar alguém.*

Danielle: *- Já que não tinha arma, como você reagiu e tem lidado com isto?*

Benedito: - *Desculpa o jeito, mas porque o olho da senhora tem um roxo no canto?* (aponta para o meu olho esquerdo)

Danielle: - *Pode ser maquiagem, olheira ou eu ter batido em algum lugar, mas porque você sempre aponta para alguma característica do meu rosto e olho em especial?*

Realmente, no dia anterior, havia batido a ponta da porta do carro no canto do olho, fato que me deixou um pequeno arroxeado no rosto. Resolvi questioná-lo desta vez, pois acreditava que dali poderiam surgir algumas associações. Como, por exemplo, ter ele me batido por fazê-lo entrar em contato com sentimentos tão profundos durante este atendimento em especial.

Benedito: - *É meu jeito, senhora, desculpa, eu sou detalhista senhora. Então, como eu lido com esta história? É que é assim, senhora, eu aqui por estar preso tomo cuidado com as palavras que vou dizer, tanto com a senhora como com os agentes. Então eu não falo com as palavras que queria porque eu não consigo, por querer sair daqui e ter uma vida tranquila longe do crime. Mas se a senhora ouvisse todo o ódio que tenho aqui dentro contraído, a senhora ia achar que eu sou de muita periculosidade. Queria conversar com a senhora lá fora* (fora da cadeia) *pra resolver este baguio loco da cabeça aí.*

Diante de tal fala, Benedito confirmou objetivamente todas as percepções que eu havia tido durante os atendimentos e havia descrito durante este encontro: de que ele se mantém na postura de preso, sem grandes demonstrações do que, de fato, tem vontade de fazer e falar. Falei a ele novamente sobre o sigilo profissional e expliquei que não adiantava pedir-lhe que tivesse confiança em mim, isto ele teria de sentir.

Danielle: - *Que* "baguio loco" *são estes, Benedito?*

Benedito: - *O ódio que cresce, passei seis meses na FEBEM apanhando todos os dias, sai de lá com muita raiva. Ainda bem que, quando eles não me levaram para o enterro da minha vó, eu que comecei a rebelião lá. Assim deu pra descontar um pouco da raiva. Aqui dentro eu não faço nada, porque não quero levar bonde* (voltar para a penitenciária de onde tinha saído)*, por isso engulo perreco* (briga com os demais reeducandos)*, mas, se for fazer alguma coisa, não*

vou dar um tapa, vou logo atravessar a mão no cidadão. Mas na rua, senhora, com todo respeito, o bagulho é mais loco e difícil de controlar. Tenho vontade de estrangular um.

Durante toda a sua fala, seu tom de voz permanecia o mesmo, sem alterações e reações corporais. Mantinha-se atento aos meus comportamentos e fixo aos meus olhos, como sempre.

Quando falava de seus crimes ou sobre suas relações familiares, acredito que não tinha como objetivo primordial deixar-me impressionada ou fortemente impactada. Talvez me contasse tais coisas – a meu ver, histórias com conteúdos lamentáveis de vida e atos, de sua parte e de seus familiares, muitas vezes, cruéis –, com o intuito de ver qual seria a minha reação diante de suas falas. E, assim, possivelmente, tentasse sentir alguma coisa através das minhas manifestações, como se quisesse me usar para tentar aprender o que é ser um ser humano com sentimentos; ou como um ser humano deveria reagir diante de tais fatos, já que ele mesmo dizia não entender seus sentimentos e suas percepções diante de certas ocorrências de vida. Por outro lado, talvez quisesse tentar vivenciar seus sentimentos não vividos anteriormente e entender o que não era claro à sua consciência. Ao mesmo tempo, parecia querer testar-me, para ver até onde poderia ir comigo e talvez me enxergasse como alguém que de fato estava ali para ouvir detalhes de sua vida que não poderiam ser contados a qualquer um.

Em nenhum momento se colocou no papel de vítima, nem quando relatava os maus tratos sofridos na infância. Sempre, diante de suas falas, sentia que ele contava como se já estivesse conformado com tudo aquilo, que não era nada que ele não pudesse suportar. Afinal, aquela era a sua história, lamentavelmente ou não.

E ele começou a encerrar a conversa:

<u>Benedito:</u> - *Mas é isto, senhora, eu vou tocando e tentando acertar estas coisas. Vou dialogar com a Helena, se ela vier na visita desta semana e eu agradeço a atenção da senhora.*

<u>Danielle:</u> - *Bem, Benedito, estou à disposição, caso possa ajudá-lo em alguma coisa, quando precisar é só me enviar um* pipa (bilhete dos reeducandos

aos profissionais, solicitando atendimentos. Os bilhetes são depositados em uma caixa com cadeado e recolhidos diariamente pelo guarda).

Benedito: *- Só a senhora mesmo para entender uma cabeça como a minha.*

Danielle: *- Vou precisar da sua assinatura neste termo e colocarei um nome fictício para você.*

Benedito: *- Coloca Geleinha* (apelido fictício) *mesmo, meu apelido.*

Danielle: *- Mas Geleinha é seu apelido, não pode, pois saberão que é você.*

Benedito: *- Coloca qualquer um, então, mas não tem problema saberem que sou eu, eu até queria que a senhora analisasse aí as paradas e me ajudasse a descobrir estas maldades da cabeça. Ah, quase esqueci, marca com o psiquiatra para mim, queria trocar umas ideias com ele, porque já estou melhor e queria parar de tomar o remédio. Daí o enfermeiro fica mandando lá pra dentro e eu não tomo e vão acabar falando que estou traficando Diazepam.*

1.4. Narrativa do encontro com Antônio

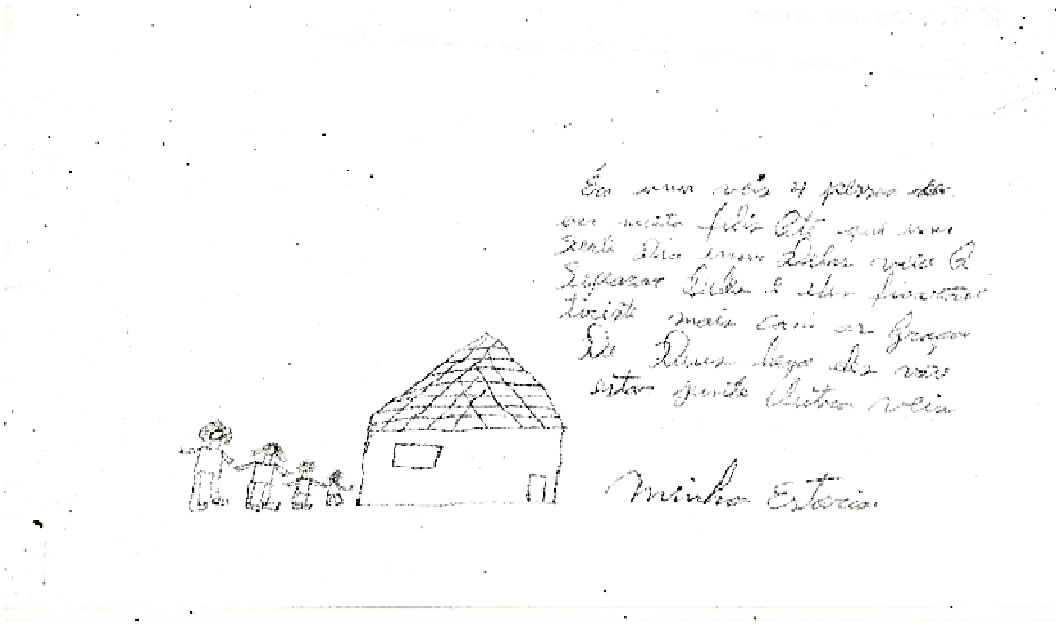
Antônio era um homem de 37 anos de idade, que cumpria pena por homicídio há aproximadamente dois anos. Durante o tempo de detenção, passou um ano e sete meses na Cadeia Pública de Casa Branca e estava em Mogi Mirim há cinco meses. Estive com ele em apenas uma ocasião para a realização do Procedimento de Desenhos – Estórias com Tema. Neste encontro, que teve duração de aproximadamente 55 minutos, além da confecção do desenho e da história, conversamos um pouco sobre sua vida e o cumprimento de sua pena.

No início deste atendimento, apresentei-me a Antônio, expliquei-lhe sobre a pesquisa de pós-graduação que estava realizando com alguns reeducandos e questionei-o sobre a possibilidade de colaborar com a sua participação. Diante de resposta positiva, perguntei a ele se gostaria de dizer algo antes de darmos início à atividade, e ele respondeu que poderíamos começar.

Entreguei-lhe então uma folha de papel tamanho A4, uma caixa de lápis de cor com doze cores, um lápis preto e solicitei que desenhasse *"uma pessoa que leva uma vida boa"*. Antônio deu início ao seu desenho fazendo quatro pessoas, de tamanhos diferentes, indo do maior para o menor, como se fosse a forma que

aprendemos a desenhar na escola quando crianças: a pessoa maior representava o pai; a seguinte e um pouco menor, a mãe; e os demais seriam os filhos, diminuindo de tamanho conforme a idade.

Em seguida, fez uma casa pouco elaborada, com apenas uma grande janela, porta e telhado. Sem pestanejar e nada dizer durante o desenho, deixou o lápis em cima da mesa e disse que havia terminado.



O que mais me chamou a atenção nesse desenho foi a falta de elaboração na representação da casa como um todo, dando a impressão até de ser um imóvel demasiadamente pequeno para o tamanho da família representada. Além disso, o telhado desenhado é bem mais detalhado do que a casa em si, dando a impressão até de que o telhado poderia se desmanchar e acabar com a frágil residência.

Solicitei, então, que inventasse uma história acerca do que havia desenhado. Sem nada perguntar, Antônio deu início à história, escrevendo-a espontaneamente ao lado de seu desenho:

Era uma veis 4 pessoa, era muito feliz até que um serto dia uma delas veiu a separar deles e eles ficarão triste, mais com a graça de Deus logo eles vão estar junto outra veis.

Quando deu por terminada a história, pedi a ele que lesse para mim em voz alta e, em seguida, desse um título à produção. Antônio leu a história em voz alta e, em seguida, fez o seguinte comentário:

Antônio: *Sabe, esta história é muito parecida com a minha, acho que eu pensei na minha vida para fazer este desenho e contar esta história, vou dar o título de "minha estória", pode ser?* E eu continuei:

Danielle: *Pode sim, Antônio, coloque o título que quiser. Gostaria de fazer mais algum comentário?*

Antônio: *Sabe, esta história aí é de uma pessoa que leva uma vida boa, ele tem filhos, esposa, trabalho, casa, mas por alguma coisa tiveram de separar de um deles. É igual eu, dotora, tô aqui longe deles, mas eu queria também logo ter uma vida boa ao lado da família.*

E foi então que o relator passou a contar-me um pouco de alguns fatos de sua vida.

Antônio era uma pessoa bastante humilde, estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental e sempre viveu na roça. Nunca teve nenhum tipo de envolvimento com drogas, contou de sua vida de forma muito simples e com muito orgulho de seus filhos e de sua família.

Trouxe-me a sensação de tranquilidade, como se fosse uma pessoa bem resolvida. Fazia planos concretos para o futuro, como o de sair da cadeia e continuar trabalhando na plantação de legumes e fazer compotas de doces para vender. Estava sempre sorrindo, seu sorriso soava simplicidade e vergonha; estava disposto a conversar sobre qualquer coisa, porém parecia bastante envergonhado, não com o conteúdo de nossa conversa, mas, sim, com seus erros de português e com a sua pobreza de vocabulário; por vezes dizia *"A doutora não repara não, mas é que eu num sei conversar direito com as pessoa da cidade, eu sou meio caipira e tô aprendeno a escrivinha aqui na escola da cadeia".*

No entanto, ao mesmo tempo que parecia um "caipirinha" da roça ao ter este tipo de fala, também demonstrava ser um homem esperto e nem um pouco ingênuo. Parecia ter consciência de todos os seus atos e fazia reflexões interessantes acerca da vida, dizendo como seriam seus empreendimentos para ganhar dinheiro ao sair da cadeia, e da forma como deveria agir enquanto estivesse preso, para não ser prejudicado nem passado para trás pelos demais presos. Frequentemente salientava: "*Essa é só uma passagem da minha vidinha, vou dessa aqui pra uma mió e enquanto tivé aqui, vou fazê di tudu pra estudá e me comportá pra num me prejudicá, num sô bobo não, dotora, só num tenho muito estudo".*

Não demonstrou frieza e tampouco falta de empatia, não falava sobre as desgraças da vida ou como ela poderia ser melhor, denotava gratidão pelo que tinha. Admitiu ter tido uma boa infância, que, apesar de muito pobre, tinha muito amor ao seu redor, entristecia-se apenas por, naquele momento, não poder estar ao lado da esposa, ajudando na criação dos filhos. Ao contrário da maioria dos reeducandos, não ficava reticente ao falar do crime e relatava com tranquilidade os fatos, como se realmente não tivesse nada a esconder. Na verdade, denotava certo alívio por estar preso, pois, como havia cometido o crime há dez anos, sabia que um dia teria de pagar pelo feito, e isso o angustiava diariamente. Relatou, sem que eu perguntasse, no decorrer de seu discurso, que matou um rapaz em uma briga de bar. Contou que, quando tinha vinte e poucos anos, frequentava os bares próximos ao sítio em que morava. Sempre ia aos botecos acompanhado de seu irmão, cunhado e primos e, quanto ao dia dos fatos, narrou a seguinte história:

> "*Sai de casa com uma faca nem sei por que, acho que é porque tinha uns rapaiz que tavam ameaçando eu e meu cunhado, dai naquele dia que já tinha tomado umas birita, um desses rapaiz veio pra cima do meu cunhado e eu dei uma facada nele e pegou bem no coração, bem na onde num podia pega doutora e dai o rapaiz morreu.*

Disse que foi preso em flagrante, tendo passado três meses na cadeia, até que veio seu direito de aguardar a decisão judicial em liberdade. Quando saiu da prisão, foi até a família do rapaz que havia matado e pediu que eles o perdoassem, pois *"só assim conseguiria viver em paz"*. Nesse meio tempo, casou-

se e teve dois filhos; na ocasião da entrevista, a menina contava nove anos e o menino, dez. Salientou que, antes de casar, contou à esposa que tinha esta pendência com a justiça e sabia que poderia ser preso a qualquer momento.

Dez anos depois, ficou sabendo que estava sendo procurado pela polícia, pois o juiz já havia expedido seu mandado de prisão. Passou três anos como foragido, morando no sítio, até que o oficial de justiça o encontrou e o levou preso. Segundo ele, quando o oficial chegou, ele sentiu um grande alívio, já havia pensado em se entregar à polícia, mas ficava preocupado com o bem-estar da esposa e dos filhos. Nessa época, já não mais bebia e frequentava a Igreja evangélica com a esposa.

Durante o atendimento com Antônio, eu conseguia acreditar na humildade daquele homem e em sua história. Foi um dos atendimentos que me trouxe compaixão e a reflexão acerca das coisas que podem acontecer com qualquer pessoa, fazendo com que a vida tome rumos incertos. Sei que não se tratava de homem totalmente ingênuo; no entanto, não caberia a mim pensar em qual tipo de pena deveria ter, nem nas razões pelas quais ele estava armado com uma faca em um bar. Apenas pensava que, se todos aqueles que estavam presos passassem a mesma sensação que Antônio me passou, talvez eu pudesse acreditar um pouco mais na ressocialização de muitos. Era triste pensar que apenas este rapaz tivesse me passado esse sentimento de poder acreditar em uma possível reflexão de arrependimento e mudança de postura por parte de um reeducando.

Em alguns atendimentos, não deixava de ter certa raiva e indignação pelos reeducandos, pois muitas vezes eles mentiam descaradamente e tentavam me enganar, como seu eu fosse uma criança. Entendo que quase todos que vinham conversar comigo se sentiam na obrigação de justificar o porquê de estarem presos. Por mais que eu tentasse parecer sem essa intenção, acreditava que eles certamente pudessem me enxergar como uma figura de autoridade que os avaliava. Somente após algum tempo de conversa ou de atendimentos sucessivos é que adquiriam um pouco mais de confiança e passavam a ter um discurso mais livre, sem ficarem justificando-se o tempo todo.

Muitos também me traziam a sensação de estarem tentando entender o que havia acontecido com seus sentimentos, com suas emoções e o impulso físico que os levara a cometer tais crimes. Por vezes, tentavam justificar seus atos, colocando a culpa na vítima. Antônio, porém, falava como se já tivesse entendido no decorrer de sua vida o ato do delito; e parecia colocar o fato ocorrido como pertencente somente ao passado, atribuindo sua tranquilidade diante do crime ao fato de ter recebido o perdão e o apoio tanto de seus familiares como dos familiares da vítima, como se, de fato, tivesse cometido seu crime em um momento de ímpeto e sob o efeito de álcool, sem sentimentos destrutivos mantidos por muito tempo antes ou depois do delito.

Mesmo assim, assumia veementemente a culpa pelo crime e em nenhum momento demonstrou revolta ou sentimento de injustiça por estar preso; pelo contrário, fazia questão de salientar o quanto se sentia aliviado por estar cumprindo a pena por algo que *"cometeu de errado contra a vida e a família de alguém"*. Parecia estar colhendo os frutos de seus atos, sem glória ou revolta.

Após ele ter contado um pouco de sua vida, perguntei se havia arrependimento por algum fato, e ele afirmou que se arrependera de duas coisas: uma, por, certa vez, ter vendido o carro para comprar mais máquinas de trabalho, pois acabou perdendo todo o dinheiro e não comprou as máquinas; e outra, que não deveria ter se metido no meio da briga de seu cunhado, pois poderia estar com a família naquele momento. Salientou que sentia tristeza também pelos familiares do rapaz de quem tirou a vida e completou: *"A morte deve ser terrível, pela pessoa que vai e pela pessoa que fica. Este rapaz mesmo que eu matei, eu conhecia ele, e respeito a dor da família dele"*.

Contou que ele e a esposa sempre conversavam sobre o que poderia ter acontecido se fosse com eles: *"Eu não saberia viver se tivessem feito isto com o meu irmão"*.

Por vergonha, preferiu não contar para ninguém o que havia acontecido. Disse que passou grande parte desses anos dentro de casa escondido, saindo apenas quando tinha muita necessidade. Resolveu contar para os filhos, para que eles não ficassem sabendo por outras pessoas e os fatos viessem distorcidos.

> *"Isto que aconteceu comigo foi tremendo, eu não sei explicar. Na hora foi terrível, aquela sangueira na mão e eu nem acreditava, procuro apagar, esquecer e tocar a vida. Trazer ele de volta eu não posso; então...*
>
> *Tem coisa que não tem explicação, nunca andei armado e porque justo este dia eu saí com uma faca na cintura e fui para a festa*?...(pensou um pouco)*... Nem acredito que fiz isto, eu não vi morrendo, foi coisa de cinco minutos, era amigão do pai dele não tinha nada contra ele, a hora que eu vi, VAPT, já tinha matado ele*

Nesse momento, em que ele falava sobre o crime e refletia um pouco sobre esse ato, fiquei com a sensação de que ele, assim como os demais reeducandos a que me referi anteriormente, também tentava entender seus atos.

Questionei-o sobre como esses fatos apareciam em sua vida atualmente, e ele respondeu que procurava esquecer, tentava apagar, pois agora "*já foi*". Perguntei se ele gostaria de falar mais alguma coisa sobre nosso encontro e, diante de resposta negativa, coloquei-me à disposição, desejei-lhe sorte e solicitei que assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

No decorrer dos próximos meses, Antônio solicitou atendimento psicológico, porém, por ser matrícula ímpar, quem o atendia era a outra psicóloga.

1.5. Narrativa do encontro com Bento

Bento era um homem de aproximadamente 42 anos, que cumpria pena por homicídio contra sua ex-esposa. Permaneceu um ano e meio no complexo de Hortolândia e estava no Centro de Ressocialização de Mogi Mirim há seis meses. Encontrei-me apenas duas vezes com este reeducando, sendo uma delas durante a entrevista de inclusão, quando ele afirmou que não gostaria de atendimentos psicológicos, pois acreditava estar bem resolvido, não tendo nenhuma pendência emocional a ser resolvida; e a outra, no ato da entrevista para o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema.

Tratava-se de pessoa bastante sorridente e cordial, era agradável e de bom papo. Sabia conversar sobre diversos assuntos e contava com aparente orgulho sobre a sua vida, principalmente pelos seus feitos laborativos e pela criação dos filhos, mas não deixou bem claro como se deram os fatos de sua separação da esposa e a forma como passou a cuidar dos filhos após o divórcio. Perdia-se na

própria história, como se tivesse algo a esconder, passava a sensação de que não poderia falar toda a verdade para não entregar algo que não pudesse ser revelado.

Contou que se manteve casado com a mãe de seus três filhos por vinte anos, até que a companheira resolveu ir viver com uma outra pessoa que *"conhecera e se apaixonara repentinamente durante minhas viagens como caminhoneiro"*. O relator disse ter escolhido ficar com a guarda dos filhos, pois acreditava que poderia dar melhores condições, e que a mulher, por tê-lo abandonado, não deveria ter o direito de, além de acabar com o casamento, tirar-lhe também os filhos. Foi então que Bento passou a viver apenas com os filhos.

No entanto, como trabalhava como caminhoneiro, não conseguia ficar em casa por muito tempo; assim, quem cuidava das crianças (na época com 6, 10 e 12 anos de idade) era a avó paterna. Essa situação perdurou por aproximadamente três anos, ocasião em que a ex-esposa resolveu entrar na justiça para ter novamente a guarda dos filhos.

Bento disse ter "*ficado muito revoltado"* e não se conformava como podia *"aquela mulher ordinária"* tê-lo trocado por outro homem e agora queria tirar os filhos dele. Afirmava o tempo todo que fazia de tudo para estar próximo de sua prole, *"trabalhando o máximo para dar o melhor de conforto a eles".*

Durante a fala de Bento, cheguei a pensar que seu verdadeiro interesse em ficar com os filhos não era para dar-lhes melhores condições, mas, sim, para vingar-se da esposa e por querer que ela sofresse a perda; que, de alguma maneira, fosse condenada por tê-lo abandonado por outra pessoa.

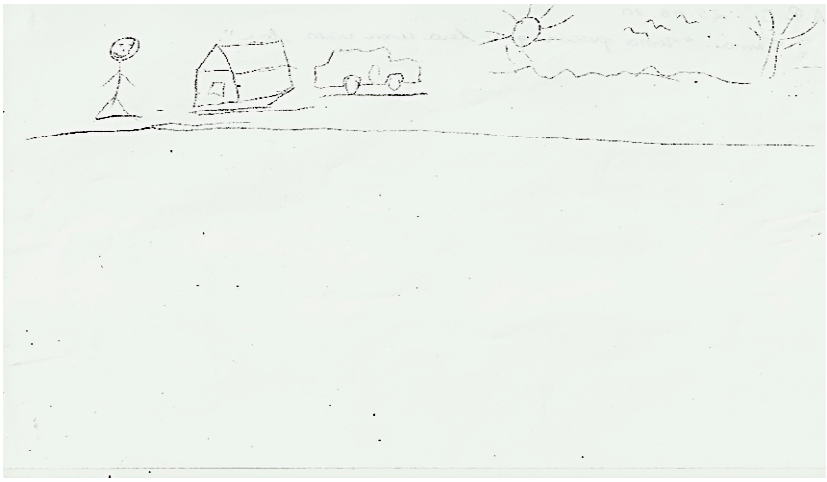
Salientou também que a ex-companheira sempre o ameaçava, dizendo que contaria ao juiz que ele não parava em casa; e que, por vezes, as crianças ficavam sozinhas. Foi então, nessa mesma época, que a *"mãe de meus filhos foi assassinada"*. Bento nega ter sido o autor do crime e afirmou não ter sido também o mandante do homicídio. Relatou que sua mãe, sendo uma pessoa muito vingativa, contratou um matador de aluguel e pediu que tirasse a vida da nora. Bento apenas ficou sabendo que ela havia morrido com dois tiros em frente de sua casa. Disse ter ficado assustado, e logo a polícia começou a culpá-lo pelos fatos.

Foi então que sua mãe contou a verdade, dizendo que era ela a culpada. Assim, diante da possibilidade de ver a mãe presa por sua causa, resolveu assumir a autoria do delito

Dessa forma, no prontuário criminal, Bento consta como réu confesso de homicídio, pois, segundo ele, assumiu o crime diante do juiz para que sua mãe não fosse presa. Disse que achava que a mãe não deveria tomar tal atitude, mas entendia que a genitora sentia muita raiva de sua ex-esposa por querer tirar-lhe os filhos. Diante de tal situação, salientou: "*de repente a minha mãe não precisaria ser tão drástica, mas eu não sei se acho tão errado o que ela fez, pois a Maria* (nome fictício) *estava sendo muito sacana conosco".*

Levando em conta que meu objetivo com a pesquisa é o de investigar um coletivo e não uma única pessoa, resolvi, naquele momento, que Bento também poderia fazer parte de minhas investigações. E, intencionando sua possível participação, expliquei a ele que estava realizando uma pesquisa de pós-graduação com diversos reeducandos e perguntei se ele poderia me ajudar com a sua participação naquele momento. Diante de resposta positiva, entreguei-lhe uma folha de papel A4, uma caixa de lápis de cor, com doze cores, e um lápis preto e pedi que desenhasse *"Uma pessoa que leva uma vida boa"*. Sorrindo, ele começou o desenho com o lápis preto, fazendo primeiramente um "homem palito", depois um pequenino tracinho e em seguida uma casa, um carro e comentou: *"Aqui está uma pessoa feliz, ela precisa de uma casa e de um carro".* Passou riscos embaixo da casa e, em seguida, embaixo do carro. *"Pera aí que falta uma coisa neste desenho".*

Desenhou um sol, alguns passarinhos, uma árvore (que mais se assemelha a um garfo do que a uma árvore), algumas ondinhas, que possivelmente representavam montanhas e passou um traço embaixo de tudo, como se sinalizasse o término do desenho.



A sensação que me deu foi de que os últimos elementos do desenho (o sol, a árvore, as montanhas e os passarinhos) foram colocados por “obrigação”, como se, sem aquelas figuras, não fosse um desenho de “vida”. Assim me pareceu que quis dar vida àquela pessoa que possui um carro e uma casa e, além disso, precisa da natureza pura e simplesmente para manter-se viva, mas não que isto seja importante para ter uma vida boa.

Quando sinalizou que acabara de desenhar, pedi a ele que inventasse uma história acerca do que havia desenhado, e ele então contou:

> *Certo dia, esta pessoa, nascida em uma família de 10 irmãos humildes, começou a trabalhar muito cedo. Seu primeiro emprego foi aos quinze anos, aos dezessete anos sentiu necessidade de casar, teve três filhos e viveu seis anos com esta mulher, por não ter dado certo, esta pessoa, motorista, vivia em busca de seus ideais, mas por ironia do destino veio para São Paulo buscar seus sonhos e teve de abandonar a família, depois teve de buscar os filhos que foram abandonados pela ex-esposa, trabalhou dia a dia e conseguiu acabar de criar os filhos, hoje é um pai herói, tem netos e aguarda um futuro melhor.*

Pedi, então, que desse um título a sua história e assim foi feito:

- *Em busca de um sonho.*

Perguntei a ele se gostaria de comentar algo sobre as suas produções ou sobre alguma outra coisa, e Bento rapidamente mudou de assunto, perguntando se eu poderia conversar com a advogada para que ela o ajudasse a montar seu pedido de progressão de regime. Falei, então, que tentaria conversar com tal profissional e coloquei-me à disposição para futuras necessidades. Bento assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e saiu da sala.

1.6. Narrativa do encontro com Agostinho

Agostinho encontrava-se com 32 anos na data dos atendimentos e cumpria pena por homicídio simples há aproximadamente dois anos e meio. Havia passado três meses no Centro de Ressocialização de Atibaia e estava há um ano e meio em Mogi Mirim. Foi por mim atendido mensalmente, cerca de um ano e meio, totalizando por volta de 24 atendimentos. Ele mesmo solicitava conversar comigo para que pudesse desabafar e, segundo ele, "*contar para alguém como é a vida dele fora das grades"*. Tomava remédios para epilepsia, pois havia sofrido um grave acidente de carro há alguns anos e acabou ficando com episódios de ataques epiléticos como sequela.

Tratava-se de um rapaz extremamente prolixo, que, de tanto falar ininterruptamente, me deixava cansada. Segundo o psiquiatra da instituição, a fala prolixa de Agostinho é característica própria dos pacientes epiléticos. Por vezes, sentia-me sem energia ao final de nossas conversas e frequentemente pegava-me pensando como encerraria o atendimento, pois, sempre que tentava dar um fechamento às nossas questões, ele surgia com um novo questionamento ou uma nova história, obrigando-me a dizer que teríamos de continuar na próxima sessão. Afinal, nosso tempo daquele encontro já se esgotara.

Relatava os momentos de sua história e perguntava sobre a minha vida o tempo todo, questionando o que eu faria se fosse ele, tentando colocar-me sempre em seu lugar.

Frequentemente me desafiava, dizendo que eu, como psicóloga, deveria ter as respostas para as questões pertinentes à sua própria vida, interrogando o que determinada pessoa de seu convívio estaria sentindo ou como ele resolveria os problemas com a mãe ou com a mulher por quem estava apaixonado. Tentava manter minha postura e o controle da situação, perguntando a ele o porquê de atribuir-me tamanhas responsabilidades. No entanto, era inevitável que muitas vezes eu me sentisse irritada.

Agostinho denotava certa imaturidade emocional e aparentemente tentava fazer um jogo de posições, colocando-se em meu lugar, como se a minha obrigação naquele momento fosse conquistar a confiança dele para que pudesse se abrir comigo. Em muitas situações era irônico e tentava tirar-me "do sério", fazendo com que eu me desestabilizasse, para ver como eram as minhas atitudes quando estava brava. Seu olhar, aparentemente, também tinha um tom de ironia, sempre ao final das frases abria um "sorrisinho", supostamente falso, e erguia as sobrancelhas com tom desafiador e tentando me deixar irritada, como se dissesse: *"Como é a Danielle brava? Será que ela fica igual a mim quando esta brava?"*. Para elucidação, citarei algumas de suas frases: *"aaa Danielle, esta pergunta é difícil, você tem que me convencer que eu devo te responder isto"*, ao ser questionado sobre a sua infância, ou então:

> *Tenho dúvidas quanto os sentimentos da minha namorada e você, como psicóloga, deveria saber o que ela sente por mim, afinal eu te contei como tudo aconteceu, agora é só me falar como acha que ela sente.*
> *Já que você falou que não pode saber o que as pessoas estão sentindo, me fala pelo menos o que você acha que ela possa estar sentindo*.

Relatou ter o ensino médio completo e falava de sua família, principalmente da mãe, com muito carinho. No entanto, pairava uma obscuridade nessa relação. Eu achava bastante estranho o fato de sua mãe ter ido visitá-lo apenas duas vezes nestes dois anos de detenção. Afinal, ao que me consta, era uma mulher com condições financeiras medianas e com boa saúde. Ninguém de sua família procurava saber como ele estava. Falei por telefone com sua mãe e sua irmã apenas uma vez, quando Agostinho foi para a saída temporária do dia das mães, pois tinha direito de passar datas comemorativas em casa; elas ligaram com o

intuito de esclarecermos os horários em que ele estaria liberado para pegar o ônibus e como faríamos com o dinheiro. Os familiares demonstraram pouca atenção, e tive a sensação de que estavam fazendo aquilo por obrigação, aparentando que Agostinho causava grandes problemas, dos quais eles já estavam fartos. Nunca alguém se prontificou a ir buscá-lo e não o visitaram nem quando ele fora internado por ter caído do beliche durante a noite, em um de seus ataques epiléticos.

Conformado com a detenção, Agostinho não denotava revolta, nem se colocava como vítima ao contar de sua vida. Quanto ao homicídio por ele cometido, relatou que tirou a vida de um rapaz por conta de uma bicicleta.

Detalhou os fatos, dizendo que, certo dia, ele, juntamente com outros amigos, brincavam na rua, quando um deles resolveu pegar a bicicleta de Agostinho e sair correndo. Após isto, ouviu dos demais colegas que o jovem tinha a intenção de roubar-lhe a bicicleta. No dia seguinte, o tal rapaz apareceu em sua casa, dizendo que não iria devolver o objeto e que, se ele quisesse, que fosse buscar. Agostinho ficou irritado, e os dois começaram a discutir. Foi então que apanhou uma tábua no quintal de sua casa e acertou a cabeça do "amigo", que foi levado ao hospital, porém não resistiu e faleceu no mesmo dia.

Fala desse crime como se tivesse ocorrido em momento impensado no *calor da emoção*. Ao ser questionado sobre seus sentimentos, disse apenas que ficou surpreso ao ver o garoto no chão com a cabeça sangrando: *"Mesmo que eu tenha batido forte, não imaginava que ele morreria"*. Eu, ouvinte, apenas pensava como alguém poderia bater fortemente com uma tábua na cabeça de outra pessoa e não imaginar que poderia matá-lo. Mas sei também que a maioria dos infratores fala de seus crimes sempre se justificando e alegando "não intenções" ao cometer seus delitos.

Após o crime, teve de mudar de cidade, pois a família da vítima não os deixava em paz, ameaçando-os constantemente, dizendo que Agostinho pagaria pela infelicidade que havia causado para seus familiares. Assim, ele, juntamente com seus pais e irmãos, resolveram sair da cidade de Santos e passaram a viver em Jundiaí. Afirmou que, nessa época, contava 23 anos de idade, era usuário de

maconha e cocaína, tendo sido este também um dos motivos para a família mudar de cidade. Acreditavam que dessa forma Agostinho se afastaria das drogas. No entanto, ele apenas parou com o uso de entorpecentes após o acidente de carro sofrido três anos depois. Salientou que, durante os fatos do homicídio, estava lúcido e não havia feito uso de drogas até aquele momento do dia. Embora o crime tivesse ocorrido quando ele contava 23 anos de idade, sua condenação e seu mandado de prisão saíram cinco anos após os fatos.

Não gostava de falar do crime e das "desgraças" da vida, conversava comigo como se estivesse em liberdade e o atendimento acontecesse em outro ambiente que não o da cadeia.

Aliás, sua postura, durante todo o tempo, mesmo que não em atendimento, era de como se não estivesse preso e estivesse, por exemplo, em um local de trabalho. Sempre com um sorriso no rosto, sorriso que parecia não ser de alegria, mas de uma pessoa que, na verdade, não entendia bem o que estava acontecendo em todo seu contexto de vida, como se não estivesse conectado com aquela realidade. Isso me levou a pensar em algumas hipóteses: sua atitude poderia ser proveniente de algum déficit cognitivo ocasionado pelo tal acidente de carro; ou, então, agia dessa forma como um mecanismo de defesa, não encarando a realidade na qual estava inserido; ou, ainda, simplesmente tratava a situação e a todos com muito sarcasmo.

Parecia-me que passava parte de seu tempo imaginando o que as pessoas de fora da cadeia pensavam a seu respeito, em especial, uma garota da Igreja por quem se sentia atraído. Por vezes, fazia afirmações que, a meu ver, não faziam parte da realidade. Por exemplo, quando falava que a tal garota *"não o visitava por ele não ter graduação completa*". Obviamente isso não seria impossível, porém, neste caso, essa afirmação parecia não condizer com o tipo de envolvimento que ele dizia ter com tal pessoa. Contou apenas que ela era uma mulher que frequentava a mesma igreja evangélica que ele e ambos trocavam constantes olhares e carinhos em formas de palavras, porém nunca tiveram nada de fato e haviam se visto somente algumas vezes durante suas saídas temporárias. Assim, imagino que tal jovem não o visitava não pelo fato de ele não ter graduação e, sim,

pela falta de proximidade ou por medo; ou por qualquer outro motivo que não o nível escolar. Afirmações como essa eram corriqueiras nas falas de Agostinho.

Por vezes, ficava pensando o quanto ele se utilizava de artimanhas aparentemente infantis, com o intuito de irritar-me ou deixar-me desconcertada, tentando chamar minha atenção com essa característica, fingindo que estava chorando, quando eu dizia que o atendimento tinha de ser encerrado.

Após aproximadamente um ano de atendimentos mensais, encontrei-me com Agostinho, intencionando pedir-lhe que participasse de minha pesquisa. O atendimento da entrevista teve duração de aproximadamente 30 minutos.

Nesse dia, assim que Agostinho adentrou a sala, após cumprimentos, consultei-o sobre a possibilidade de participar de minha pesquisa, explicando-lhe que se tratava de um trabalho de pós-graduação, que estava contando com a participação de diversos reeducandos. Diante de resposta positiva, entreguei-lhe um lápis preto, uma caixa de 12 cores de lápis de cor, uma folha A4 e pedi, então, que desenhasse *"uma pessoa que leva uma vida boa".*

Com o mesmo sorriso nos lábios, o entrevistado disse que *"adorava desenhar"* e deu início a sua produção.

Enquanto desenhava, disse apenas uma frase: *"Eu usei o azul porque é uma cor que eu gosto e transmite alegria"*.

Tomando o lápis na mão, Agostinho iniciou seu desenho pela cabeça de uma pessoa que, na verdade, não consegui estabelecer se é um homem ou uma mulher. Em seguida, desenhou o corpo e, por último, o rosto e os cabelos. Logo, desenhou o chão e algumas nuvens, dando a sensação de que precisava desenhar um ambiente para aquela pessoa, mesmo que esse ambiente fosse uma paisagem.

O lápis permanecia sempre leve em suas mãos, com traços sutis e muito clarinhos. Durante a confecção do desenho, lembro-me de ter pensado quanto o Agostinho me soava infantil e como, naquele momento lúdico, então, parecia uma criança realizando sua tarefa escolar. O sorriso nos lábios permaneceu o tempo todo, e eu tentava perceber o que aquilo representava, mas não cheguei a

conclusão alguma. Ele estava tão entregue à atividade que este foi o encontro em que menos falou.

Ao dar por encerrado o desenho, mostrou sua produção com muito orgulho, como se realmente fosse uma criança entregando seu trabalho à professora e disse: *"Eu adoro desenhar, e desenhar para a senhora, para ajudar nos seus estudos é ainda mais legal"*. E logo completou: *"a Danielle é muito inteligente, depois vou querer ler este seu trabalho, deve ser legal"*.

Solicitei que ele contasse uma história sobre aquele desenho, e foi então que começou:

Era uma vez uma pessoa, numa cidade de praia... (Interrompe, olha para mim e diz...) *olha vou contar uma história verídica...* (e continua...) *que tinha se desiludido porque tinha se apaixonado por um rapaz numa balada, até que esta relação veio a gerar um filho, e isto gerou uma polêmica, como era de classe baixa, o pai a expulsou de casa e foi rotulando ela de mulher da vida. E o rapaz que fez isto acontecer que era o âncora, o personagem, era meu colega e eu apoiei ela, um dia na praia encontrei com ela e ali aumentou nossa amizade e fui na casa dela, que era dela, construída com o trabalho dela, ela é uma pessoa de fibra, mesmo o pai dela tendo a expulsado, ela venceu. Fiquei um ano sem falar com o meu colega, porque ele não ficou com ela e não a apoiou, ele que foi o vilão da estória e não era para fazer isto, e eu e ela virou uma amizade sólida, por ver este ato dela de garra. Abandonei meu colega e preferi a amizade dela que deu exemplo de personalidade.*

Após a história, ele espontaneamente passou a dizer quanto os atendimentos mexiam com os seus sentimentos e que eu era *"mestre em saber lidar com o que ele sente, pois passa de uma alegria para uma tristeza e de uma tristeza para uma alegria em poucos minutos".*

Falou de suas ambições em cursar veterinária e ficava imaginando as pessoas que encontraria por lá e que teria a oportunidade de conhecer alguém que também tivesse graduação. De tempos em tempos, parava a fala e ficava olhando para a parede com sorriso nos lábios. Fazia isso também quando eu estava falando. Nesses momentos, quando eu perguntava alguma coisa, ele voltava o rosto para mim com o mesmo sorriso e continuava olhando para os meus olhos, porém me parecia que ainda não estava com o pensamento na conversa e, sim, em um de seus devaneios. Esse movimento era frequentemente observado por mim durante os atendimentos, porém neste dia em especial, ele se agravara a ponto de me chamar a atenção e imaginar que a entrevista pudesse estar suscitando muitos pensamentos e mobilizações de sentimento.

Pedi que ele explicasse melhor o que havia dito sobre ir da alegria para tristeza, ao que ele disse: "*olha só, você pediu para eu contar a história de uma pessoa que leva uma vida boa e eu fiz uma história triste, mas ao mesmo tempo esta pessoa fez uma coisa boa, entendeu? Mas o fato que lembrei de uma outra coisa.".*

Afirmei que havia entendido o que ele havia dito e perguntei o que ele havia lembrado e ele contou: "*Lembrei de um amigo que tinha tudo para ter uma vida boa, tinha dinheiro, amigos, mas se tornou uma pessoa muito carrancuda a vida toda depois que perdeu o seu pai."*.

Aproveitando o ensejo, perguntei a ele o que ele achava da morte, e ele apenas disse: "*Eu não sei, Danielle, acho que não quero falar disso, porque ainda não sei como seria se eu perdesse a minha mãe."*.

Perguntei a ele o que achou da experiência do desenho-estória e ele respondeu que se lembrou desse amigo e continuou: *"É, acho que não quero me recordar disto agora, acho que não, porque sempre penso que, se perdesse minha mãe, demoraria para me reestruturar"*.

Afirmei que compreendia suas mobilizações e que sabia que esse encontro poderia ter trazido elementos marcantes para ele; coloquei-me à disposição para o que precisasse e salientei que estaria na unidade no dia seguinte e, caso precisasse, era só solicitar que daria um jeito de atendê-lo.

Diante disso, encerrei o atendimento e me coloquei à disposição para futuros atendimentos. Pedi a ele que lesse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ele leu, assinou e, antes de sair da sala, disse: *"Teremos mesmo de conversar mais vezes, aí está dizendo que sentimentos podem surgir e eles surgiram mesmo. Tchau Danielle"*. E saiu da sala.

Na semana seguinte à entrevista, chamei Agostinho para o atendimento e ele trouxe grandes reflexões acerca da morte e de sua própria vida. Disse que, desde o último encontro, tinha pensado sobre os acontecimentos marcantes de sua história e contou como se sentia indignado por ter tirado a vida de uma outra pessoa, pois não conseguia imaginar a sua vida sem seus pais. *"Como poderia então pensar no que os familiares daquele rapaz sentiram?"*.

Porém afirmou que deveria continuar tocando a vida, sem se deixar levar por esses sentimentos, pois não poderia fazer mais nada e, afinal de contas, *"o cara me provocou e as coisas acabaram acontecendo"*. Logo mudou de assunto e, durante os nossos quatro encontros seguintes, nada mais falou a esse respeito.

IV. Resultados

1. Criando/encontrando os campos de sentido afetivo-emocional

Norteados pelo método psicanalítico de investigação, nesta fase, bem como nas outras, associando livremente e mantendo a atenção flutuante, pudemos criar/encontrar nossos resultados, que serão apresentados a seguir como *campos de sentido afetivo-emocional*. Em outras palavras, de acordo com Winnicott (150), criamos um sentido naquilo que estava lá para ser encontrado.

Consideramos que a interpretação do material não foi um mero decifrar do verdadeiro sentido. Respeitando as características dos desenhos e das histórias e acreditando que têm uma vida concreta, não deixamos de considerar que a interpretação foi, essencialmente, um ato criativo de nossa parte. Ao mesmo tempo, vale relembrar que tais resultados foram obtidos por uma ação conjunta entre a pesquisadora, o orientador – Dr. Joel Sales Giglio –, a supervisora, Fabiana Follador e Ambrosio, e o grupo de pesquisa LASER[12].

Inicialmente aproximamo-nos das comunicações que consideramos semelhantes, no que tange ao ponto de vista afetivo-emocional. Tal aproximação nos foi permitida, pois, "comunicando-nos" psicanaliticamente com um desenho-estória, partimos da concepção de que podemos encontrar diferentes concepções imaginativas numa mesma produção; assim, não precisamos necessariamente abordá-lo unicamente como um todo.

Impactando-nos pelas diversas associações produzidas no encontro com as produções gráficas dos participantes, ou seja, com os seis desenhos-estórias e, principalmente, com as seis narrativas, levamo-nos à captação de três campos de sentido afetivo-emocional, os quais serão identificados a seguir. A fim de tornar a exposição mais clara, apresentaremos os campos, ilustrando-os com algumas produções e trechos das narrativas.

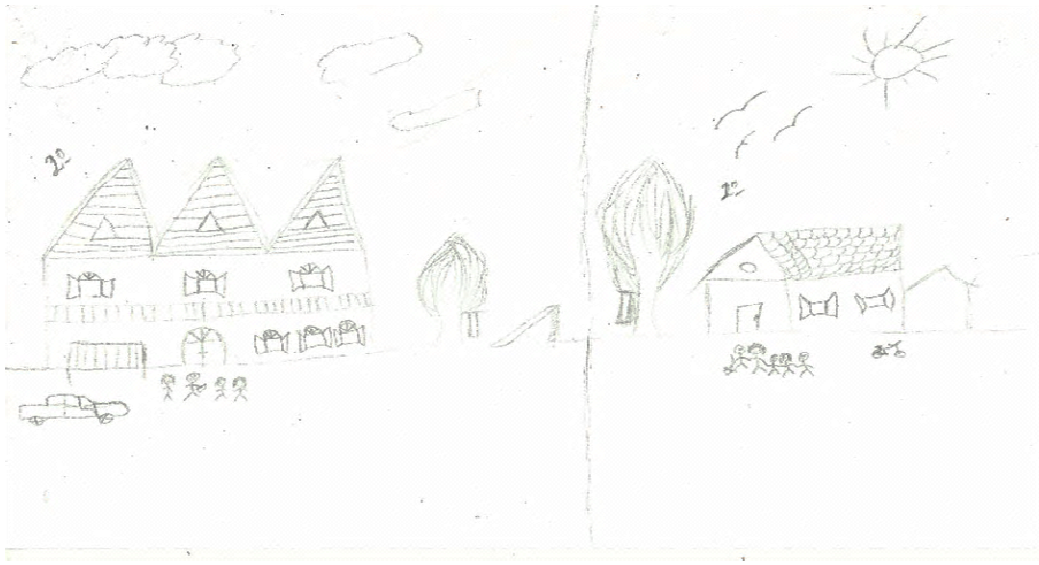
[12] LASER: Laboratório de estudos relacionados a saúde, espiritualidade e religiosidade, coordenado pelo Prof. Dr. Joel Salles Giglio no Depto. de Psicologia médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

“Acontecimento fatídico”

O primeiro campo, e mais abrangente, denominado “**Acontecimento fatídico”,** é organizado ao redor da crença de que a constituição de uma família não pode resistir aos acontecimentos que fogem ao controle das pessoas. Dessa forma, entendemos que o viver aparece como elemento misterioso e poderoso, determinante da vida de algumas famílias. Tal elemento corresponde à dificuldade dos participantes de assumir a autoria de seus atos, que ficam, desse modo, atribuídos a “forças exteriores”. Assim, o ato homicida apareceria como um acontecimento fatídico, que rompe com o curso natural de suas histórias de vida.

Neste campo encontramos inseridas as produções de Benedito, Aquino, Bento, Bartolomeu, Agostinho e Antônio.

Como forma de ilustração, apresentaremos abaixo as produções do desenho e da história feitos por Benedito:



> Uma família era bem pobrezinha ai tinha felicidade, família de cinco pessoas. Três filhos e mulher e marido, depois de batalhas e dificuldades ele conseguiu algo melhor na vida dele até que um dia conseguiu dar mais conforto em uma grande casa onde podia dar um quarto para cada um. Mas passado o tempo ele não se sentia mais feliz com aquela vida que levava de luxuria, dinheiro e conforto por um simples fato de ter perdido um filho seu, pois foi morar numa cidade grande onde era bastante povoada, movimentada, muito trânsito, criminalidade, foi quando ele perdeu seu filho para o crime onde ele pensa hoje em dia que se ele vivesse naquela cidadezinha humilde sem tanta população, onde morava a felicidade, ele ainda poderia ter seu filho ao seu lado.

Embora as produções de todos os participantes estejam inseridas neste campo, acreditamos que Benedito tenha expressado com maior ênfase a relação entre "vida boa" e ter um lar e uma família unida. Porém, bem como todos, Bendito termina a sua história como se a felicidade tivesse um prazo de validade e seu destino fosse realmente acabar por um acontecimento fatídico. Ou seja, uma "desgraça" que lhe cai sobre a cabeça e culmina em um destino já predeterminado.

Também neste campo, os entrevistados nos comunicaram que os atos homicidas são inseridos nesse contexto como inevitáveis. Algo que fugiria ao controle do indivíduo e que encerraria, de certa forma, sua vida "artificial" e feliz ao lado da família e com satisfações pessoais; a vida verdadeira, marginal, prisional e homicida passaria a ter vez. Tal suposição pode ser ilustrada a partir da seguinte fala, extraída da narrativa do encontro com Aquino, que, após a confecção de seu segundo desenho, disse: *"o primeiro era o desenho de uma pessoa grande que tinha tudo e de repente acabou perdendo tudo e ficou sem nada, acabou explodindo e fazendo besteira com uma vida triste".*

“Um mundo próprio”

O segundo campo, denominado **“Um mundo próprio”,** no qual se encontram inseridas as produções de Bartolomeu, Aquino, Agostinho, Benedito e Bento, organiza-se ao redor da crença de que todos os atos podem ser justificados por razões e leis formuladas única e exclusivamente pelo próprio indivíduo para justificar seus próprios feitos.

Como exemplo deste campo, apresentaremos, a seguir, um trecho da narrativa elaborada a partir da entrevista com Bartolomeu, que afirmou

> *Eu não falo muito disso não, mas já que a senhora perguntou e agora estamos falando da morte, é da minha esposa. Por exemplo, eu tirei a vida dela, tirei mesmo e sabe, tirei com orgulho mesmo, armei tudo, eu sei que ela estava me traindo e sei que era porque eu bebia, eu acabei abrindo as porta e deixei outro camarada entrar na vida dela quando eu tava bêbado, mas mesmo assim, isso não tem perdão, eu fiquei sabendo, tomei mais uns goró, cheguei em casa e matei ela estrangulada enquanto ela dormia, fiz com a minha própria mão para deixar marcado.*
> (Movimenta as mãos no ar, como se estivesse estrangulando alguém, mas continua com o tom de voz baixo e a cabeça olhando para o chão).

Dizia claramente que não se arrependia do crime cometido contra a esposa. Afirmou ter aprendido que “*homem traído deveria, por honra vingar a esposa traidora e esta não teria mais de ter o direito de viver*.”.

Ainda, quanto à produção deste participante, podemos notar o fato de ele não ter inserido em seu desenho a presença de uma figura feminina adulta. Assim como em sua vida, também no desenho, Bartolomeu ocultou a pessoa que ele considerava ameaçadora de seu ego e que, por isso, deveria não mais existir. Eis o desenho:

Neste campo, então, o ato de matar apareceria como uma forma de autoproteção.

“Dramática humana”

O terceiro campo, denominado **“Dramática humana”,** no qual se encontram as produções de Antônio, Bartolomeu, Aquino e Bento, é organizado ao redor da crença de que o viver humano, fenômeno muito complexo, abarca tanto ações destruidoras e violentas quanto ações construtivas e gentis, passíveis de serem realizadas por todos os seres humanos.

Para exemplificação deste campo, mostraremos, a seguir, alguns trechos da narrativa realizada por intermédio da entrevista com Antônio:

> *[...] não ficava reticente ao falar do crime e relatava com tranquilidade os fatos, como se realmente não tivesse nada a esconder. Na verdade denotava certo alívio por estar preso, pois como cometeu o crime há dez anos, sabia que um dia teria de pagar pelo feito e isto o angustiava diariamente. [...] Assumia veementemente a culpa pelo crime e em nenhum momento demonstrou revolta ou sentimento de injustiça por estar preso; pelo contrário, fazia questão de salientar o quanto se sentia aliviado por estar cumprindo a pena por algo que “cometeu de errado contra a vida e a família de*

> *alguém". Parecia estar colhendo os frutos de seus atos, sem glória ou revolta. [...]*
> Salientou que sentia tristeza também pelos familiares do rapaz de quem tirou a vida e completou: *"A morte deve ser terrível, pela pessoa que vai e pela pessoa que fica. Este rapaz mesmo que eu matei, eu conhecia ele e respeito a dor da família dele".*
> *[...] Parecia ter consciência de todos os seus atos e fazia reflexões interessantes acerca da vida; dizendo como seriam seus empreendimentos para ganhar dinheiro ao sair da cadeia [...]. "Essa é só uma passagem da minha vidinha vou dessa aqui pra uma mió e enquanto tive aqui, vou fazê di tudu pra estudá e me comportá pra num me prejudica [...]."*

Na narrativa do encontro com Antônio, podemos notar a comunicação que emerge a partir desse campo de sentido afetivo-emocional, de que os seres humanos podem ter tanto atitudes monstruosas como atitudes gentis e, por isso, não gostariam de ser reduzidos ao ato que os levou presos. Assim, o matar seria uma dentre tantas atitudes que um ser humano possa vir a ter diante dos fatos da vida.

Convém esclarecermos que as expressões de alguns participantes são percebidas com mais clareza, como representantes de determinado campo. No entanto, o fato de certa comunicação ter aparecido claramente em algum entrevistado motivou-nos a buscar "vestígios" dos campos encontrados nas narrativas de outros participantes, também.

Após a devida identificação dos três campos por nós captados, passaremos à discussão deles, no decorrer do próximo capítulo.

V. Discussões e reflexões

No decorrer das próximas páginas, discorreremos sobre os campos de sentido afetivo-emocional, captados pelas produções gráficas dos participantes e pelas respectivas narrativas redigidas pela pesquisadora.

Procuramos fazer interlocuções reflexivas com alguns autores que se interessam por questões sobre dimensões afetivo-emocionais subjacentes a fenômenos humanos e que podem enriquecer este estudo. Contudo, não tivemos a intenção de comprovar ou refutar teorias, e, sim, de proporcionar uma "roda de conversa" (115) com os diversos teóricos que discorreram acerca do fenômeno estudado. Dessa forma, o leitor perceberá que nosso objetivo primordial, com o presente capítulo, não foi o de encontrar teorias que apresentassem semelhanças com o que interpretamos do material. Obviamente nos atentamos aos autores que também trouxeram conceitos que viessem a contribuir com o nosso trabalho de criação/encontro dos campos de sentido afetivo-emocional.

Nas próximas páginas, daremos ênfase às narrativas formuladas a partir das entrevistas com nossos participantes e procuraremos mostrar ao leitor onde pudemos criar/encontrar nossos resultados, buscando, dessa forma, tornar o trabalho científico de acordo com o proposto na descrição da metodologia.

Daremos início às nossas reflexões, interagindo com o campo "Acontecimento fatídico", sustentado em torno da crença de que "vida boa" é sinônimo de ter uma família constituída. No entanto, tal elemento não pode resistir aos acontecimentos da vida, que estão fora do controle das pessoas. Poderíamos pensar, num primeiro momento, que tal imaginário estivesse vinculado ao fato de todos os participantes deste campo não terem conseguido dar um final feliz à produção de suas histórias inventadas durante as entrevistas. Notamos que, ao pedirmos que inventassem uma história acerca do tema: *"uma pessoa que leva uma vida boa"*, todos eles deram início a uma história feliz, finalizada sempre com algum rompimento familiar que levava ao fim do lar e da felicidade, como se, na crença de nossos entrevistados, "vida boa" tivesse "prazo de validade".

Encontramos exemplos de tal crença nas produções de todos os participantes deste campo. Como podemos observar, no desenho-estória de Aquino fica evidente tal constatação:

Esta casa aqui é de um rapaz chamado Abelardo que sempre sonhou ter uma casa, que tenha família, água e energia. Batalhou muito para conseguir. Sou um bom pai, uma casa feliz com esposa, filho, que não falta nada, era o que sempre sonhava ter uma casa, família e nunca tinha tido, e é isso, terminaram feliz.
Dai o Abelardo se envolveu com a bebida e começou a brigar com a família e acabou separando da esposa, e perdeu a casa e tudo que tinha e acabou pelas drogas, sem casa e sem família, acabou sem tudo, não é fácil, mas vai ter que reconquistar e reconstruir tudo de novo.

Isto nos fez pensar que, no Imaginário Coletivo dos homicidas deste estudo, a tal "vida boa" parece ter caráter transitório, uma vez que existe por certo tempo e depois é interrompida por algum evento que termina sempre em um ato violento. Então, é tênue demais ou idealizada a ponto de não poder ser considerada propriamente real. Parece-nos que eles identificam a existência da "vida boa" em algum momento, mas ela tem uma existência inerentemente transitória[13].

Diante da afirmação acima, podemos compor uma reflexão que aponta para a ideia central presente nos imaginários conhecidos nesta pesquisa. Tal ideia merece aprofundamento, pois mostra a existência de uma família constituída, que não pode resistir aos acontecimentos da vida, acontecimentos estes fora do controle das pessoas. Dessa forma, entendemos que o viver aparece como elemento misterioso e poderoso, determinante da vida de algumas famílias. Tal elemento corresponde à dificuldade dos participantes de assumir a autoria de seus

[13]Um elemento interessante encontrado por nós refere-se à proximidade existente entre os materiais confeccionados e as próprias histórias de vida dos participantes. Notamos que alguns deles foram explícitos ao fazer tal aproximação, como no caso do próprio Aquino que, ao finalizar a história, se dá conta de que havia utilizado o pronome "eu" no decorrer de sua fala.

atos, que ficam, desse modo, atribuídos a “forças exteriores”.

No que se refere aos “acontecimentos” e “atos”, Schafer (151) considera que as pessoas vivem suas vidas fazendo diferenciações entre “atos” e “acontecimentos”. Assim, os atos seriam as condutas reconhecidas como produzidas ou favorecidas por nossas decisões, como agentes dotados de percepção, de pensamento, de sentimentos e certa autonomia, certo grau de liberdade de escolha. Já os acontecimentos seriam ocorrências que independeriam dos nossos atos, em relação aos quais somos passivos, como, por exemplo, o fato de estarmos em um local que venha a ser atacado por terroristas.

Então, neste campo, a comunicação emergida é a da existência da vivência de que tudo ocorre como “acontecimento”, de modo que os atos individuais, mesmo o ato extremo de matar um semelhante, não são assumidos como gestos pessoais.

Acreditamos ser de merecido destaque, neste momento, o fato de alguns de nossos participantes, cujas produções se encontram inseridas neste campo, estarem cumprindo penas por homicídios dolosos, cometidos contra a esposa ou ex-esposa, algumas, inclusive, mães de seus filhos. Nessa ressalva, podemos também incluir Benedito, que afirma fazer constantes ameaças à amásia, caso ela venha a traí-lo. Como forma de ilustração, apresentaremos um trecho da narrativa que contém um diálogo ocorrido entre o participante e a pesquisadora, após a confecção da história:

> Benedito: *... tenho medo dela me trair e, se isso acontecer, eu posso perder a cabeça e vir parar neste lugar de novo, desculpa a deselegância minha, mas eu já avisei ela que, se ela fizer alguma coisa, eu entrego só a cabeça dela para o pai dela e ainda explico o que aconteceu. Por isso quero morar no sítio.*

Embora os participantes tenham apresentado em suas produções a importância de constituírem uma família, eles próprios acabaram por ocultar a figura feminina das famílias, fazendo com que eles próprios destruíssem suas vidas familiares – como pais e maridos.

Ao mesmo tempo que comunicam a importância da constituição da família,

eles próprios a tiram de suas vidas. Isso parece aproximá-los de uma crença, não consciente, na existência de um destino predeterminado a eles, de um “fracasso garantido”.

Tal reflexão sobre o “destino” da vida parece comunicada no imaginário destes participantes; nesse sentido, a vida estaria seguindo seu curso natural até culminar com um *acontecimento fatídico*. Poderíamos ponderar também sobre a existência de condutas persecutórias, uma vez que o evento desastroso apareceu ligado a acontecimentos desencadeados a partir da ação de outras pessoas, como a traição, o roubo, o desafio, diante do que, a resposta foi o assassinato.

Existiria então, uma crença fundamentada na existência de um destino ruim para suas vidas; mesmo experimentando momentos felizes, como o casamento, a chegada de filhos, o trabalho, esses eventos teriam “prazo de validade”. Parece-nos também que os atos homicidas são inseridos nesse contexto como inevitáveis, algo que fugiria ao controle do indivíduo e que encerraria, de certa forma, sua vida “artificial” e feliz ao lado da família e com satisfações pessoais; a vida verdadeira, marginal, prisional e homicida passaria a ter vez.

Referimo-nos à vida “artificial”, pois o fato de trabalhar, casar e ter filhos só é visto como felicidade por pessoas que tenham alcançado certo grau de maturidade, ou seja, aqueles que já atingiram certo grau de seu próprio desenvolvimento. Cuidar do outro e vincular-se são coisas que enriquecem “pessoas desde seu próprio ponto de vista” (152). Pensando em nossos participantes, acreditamos que estes não tenham alcançado capacidade de perceber o outro – e a si mesmos – como seres humanos; não estão integrados, personalizados e capazes de relacionar-se com o mundo (realizado). Dessa forma, como diz Winnicott (152), não podem viver as alegrias de cuidar de um semelhante, considerá-lo e ajudá-lo a crescer.

As frases a seguir, extraídas das entrevistas com Aquino e com Agostinho, respectivamente, ao falarem de seus crimes, tornam-se representativas desta reflexão:

> *Sempre quis que a Amélia* (nome fictício) *fosse a mulher da minha vida, porém as coisas foram acontecendo e fugiram do controle*. [...] *Nunca pensei na vida que iria tirar a vida de alguém.*
>
> [...] Agostinho ficou irritado e os dois começaram a discutir, foi então que apanhou uma tábua no quintal de sua casa e acertou a cabeça do "amigo", que foi levado ao hospital, porém não resistiu e faleceu no mesmo dia.
> Fala deste crime como se tivesse ocorrido em momento impensado no calor da emoção. Ao ser questionado sobre seus sentimentos disse apenas que ficou surpreso ao ver o garoto no chão com a cabeça sangrando: *"mesmo eu tendo batido forte, não imaginava que ele morreria".*

A traição, o roubo, o desafio (observados a partir da perspectiva do homicida, pois não sabemos se tais eventos, são, de fato, verdadeiros) são vividos como algo que "cai sobre a cabeça" do indivíduo, como um "acontecimento fatídico", como um "destino", como uma "desgraça".

Popularmente, quando falamos em destino, estamos partindo da noção de tragédia. Um destino, em geral, é trágico, como se esta fosse uma explicação ao trágico inexplicável. Há séculos, diversos pensadores debatem a respeito da liberdade, do destino e do predeterminismo (151). Acreditamos que esta discussão ainda levará anos e ousamos dizer que, enquanto a humanidade existir, tal assunto jamais será concluído.

No entanto, tal imaginário coincide, de certo modo, com as afirmações de Jaqueline Barus-Michel (153), da Universidade de Paris 7, feitas em seu artigo "O sujeito e o destino":

A autora dedica-se aos estudos dos mitos na Idade Clássica, pois o estudo do "destino trágico" e da interferência de deuses mitológicos na vida do homem é algo encontrado na humanidade desde os tempos mais remotos. "Foi o destino", segundo a autora, é uma expressão relativa a algo deplorável, em relação ao qual nos podemos consolar, se pensarmos que nada tínhamos com isso. Em uma de suas interpretações acerca de mitos, que falam do destino como algo inevitável, ela diz que, na verdade, "os homens não querem evitar o destino, eles correm em direção a ele, são eles que o fazem e este fazer torna-se seu destino. O destino

torna-se, em seguida, maquinação das paixões criminosas." (153).

Bleger, em seu livro *Psicologia da conduta* (117), faz uma ressalva, no capítulo sobre o determinismo da conduta, de que "todos os fenômenos são determinados". Porém, o autor indica a necessidade de considerarmos a conduta como unitária, como pertencente a um complexo estado de coisas, em que o ambiente social, cultural, político, etc. interfere e produz a conduta. Mas não retira o indivíduo de seu potencial de ação; insere a conduta como algo genuinamente produzido por uma pessoa, em certo contexto social. Ou seja, responde a uma causalidade, por mais complexa que possa ser. Assim, o princípio do determinismo afirma o condicionamento causal de todos os fenômenos. O autor ainda destaca que a psicologia demorou a dar início aos estudos sobre o princípio do determinismo como reconhecidamente um fenômeno multicausal, pois, enquanto outras ciências já se preocupavam com tais questões, a psicologia ainda se detinha na polêmica ao redor do determinismo e do livre arbítrio.

Ainda de acordo com Bleger (117), foi Freud quem descortinou o caráter causal dos fenômenos psicológicos, indagando os motivos da conduta. O estudo da motivação, pois, seria o estudo do porquê.

Segundo Bleger (117), a motivação pode ser consciente ou inconsciente:

> O que uma pessoa acusa ou expressa como motivação de sua conduta pode ser só parte da motivação total, mas pode também ser unicamente uma justificação ou racionalização daquela, escapando a seu conhecimento as motivações verdadeiras [...].
> A motivação consciente ou inconsciente refere-se, em última instância, ao conhecimento ou desconhecimento, respectivamente, que o próprio indivíduo tem das motivações. (117)

De acordo com exposto, caminhamos em direção à crença de que nossos participantes culpam e acusam os outros por seus atos destrutivos. Como se a motivação de seus assassinatos fosse a ação dos outros diante deles.

Deixando-nos impressionar pelas produções dos participantes inseridas neste campo, por um lado pudemos criar/encontrar a existência da crença de que existiria uma cisão no decorrer da vida, ocasionada por atos decorrentes de fatos destinados aos participantes. Como se tudo estivesse correndo bem, até que um

dia tivessem sido traídos, roubados, “irritados”, desafiados por pessoas e tivessem reagido violentamente, fazendo com que houvesse uma ruptura em suas vidas.

É importante ressaltar que aqui não nos estamos referindo apenas a Bartolomeu, Aquino, Antônio, Bento e Agostinho, que assassinaram diretamente as pessoas que supostamente lhes deram “motivos” (do ponto de vista dos homicidas) para serem atingidas violentamente. Estamos falando também de Benedito, que se envolveu precocemente na criminalidade e justifica sua vida delinquente com o fato de ter tido uma família desestruturada, como se este fosse “motivo” para o seu comportamento criminoso. Assim, bem como os outros, em seu imaginário, ele se deparou, em determinados momentos, com situações que o levaram a reagir violentamente. Pois, como bem disse Bleger (117), a conduta deve ser compreendida contextualizadamente em todos os aspectos da dramática da vida.

Por outro lado, os próprios participantes relatam, no decorrer da entrevista, a forma como eles “aprenderam” a agir diante de determinadas ocorrências no decorrer da vida – agir com violência. Como ilustração desta suposição, reproduziremos, abaixo, trechos das narrativas das entrevistas com Bartolomeu, Aquino e Benedito, respectivamente:

> Dizia claramente que não se arrependia do crime cometido contra a esposa. Afirmou ter aprendido que “*homem traído deveria, por honra vingar a esposa traidora e esta não teria mais de ter o direito de viver*”.
>
> Quando era pequeno, presenciou a tia traindo o marido por diversas vezes, até que certo dia o tio chegou e a viu com outra pessoa na cama e deu dois tiros nos dois. Aquino viu toda a cena. *“Então carreguei comigo que, se visse minha mulher me traindo, iria matá-la também”.*
>
> Quanto ao seu envolvimento com a criminalidade, Benedito assumiu ter cometido o primeiro delito aos 14 anos, quando, pela primeira vez, matou um garoto de 18 anos a facadas durante uma briga. Neste período, ficou detido na FEBEM por seis meses e *“aprendeu muito sobre o mundo do crime”.* Ao ser desinstitucionalizado, disse estar *“pronto para a bandidagem”.* Foi então que passou a cometer furtos e assaltos, evoluindo para latrocínios, pois, segundo ele, passou a gostar de *“ver o corpo tombar”.*

Contudo, vale ressaltar que, de acordo com a perspectiva psicanalítica winnicottiana, tudo depende de haver condições para um amadurecimento pessoal. Os indivíduos não são "imitadores", são sempre criadores. Eles agem, contudo, a partir do que conseguem perceber, sendo essa capacidade perceptiva também condicionada pelo seu amadurecimento. Então, no caso de nossos participantes, quando são contrariados, num determinado funcionamento primitivo, sentem-se perseguidos, e o outro se torna nada menos do que um inimigo.

Dessa forma, o "aprendido", aqui, é uma variação de dizer: "o outro é culpado do que eu fiz". O "matar" aparece como um ato consequente da culpa dos "outros que lhes deram motivo" e é também culpa daqueles que "ensinaram que deveriam matar".

Passemos agora a algumas observações acerca do campo "Um mundo próprio", formado pelas produções de Benedito, Bartolomeu, Bento, Aquino e Agostinho.

Tal campo organiza-se ao redor da crença de que todos os atos podem ser justificados por razões e leis formuladas única e exclusivamente pelo próprio indivíduo para justificar seus atos. Pensamos, inicialmente, ser o imaginário deste campo estruturado a partir da ideia de que, independentemente das leis sociais propostas pela cultura em que se encontra inserido, o homem pode formular suas próprias regras acerca daquilo que considera conveniente e verdadeiro para si. Estaríamos, assim, num mundo paralelo, onde leis e punições mais adequadas e eficazes que as leis comumente estabelecidas socialmente teriam vez, como tentativa de "organizar mais justa e adequadamente" a sociedade.

Ao voltarmos à narrativa de Bartolomeu, encontramos, em meio ao seu relato, a menção do homicídio praticado contra a esposa, justificado a partir do conhecimento de sua traição: "o traía e, portanto merecia morrer". "Sentia orgulho por estar preso, como se tivesse cumprido com a sua obrigação de *homem*".

Também na narrativa de Aquino e Agostinho é possível encontrar a presença de elementos de tal imaginário, ao justificarem seus crimes:

> *Sempre avisei a Amélia* (nome fictício)*, que, se ela me traísse, a mataria, e ela dizia que eu nunca teria coragem, e eu dizia: "Tenho sim, pois prefiro você morta do que ficar com alguém que não seja eu", daí surgiram os boatos e eu a matei. Nesta época fui morar com a Amélia numa casa invadida, a gente tinha apenas um colchão e vivíamos bebendo e bêbados, no dia que matei ela não tinha bebido nada, não queria que nada me tirasse aquela ideia fixa e foi então que cheguei em casa e estrangulei ela com um cordão.* (Aquino)

> [...] não poderia fazer mais nada e, afinal de contas, *"o cara me provocou e as coisas acabaram acontecendo"* (Agostinho).

Existe, nas produções dos participantes deste grupo, um discurso que se aproxima de uma superioridade moral. Como forma de elucidação, elegemos alguns trechos da narrativa da entrevista com Benedito:

> [...] *"as mulheres eram feitas para trair e envergonhar os homens"*. Trouxe-me certa inquietude e perplexidade quando relatava os latrocínios que cometeu com tanta frieza. O atendimento de Benedito me causava desconforto, pois falava friamente de suas vítimas [...]. Foi então que passou a cometer furtos e assaltos, evoluindo para latrocínios, pois, segundo ele, passou a gostar de *"ver o corpo tombar"*. Fazia questão de falar o quanto tem ódio de determinadas pessoas, como estupradores, homossexuais e abusadores sexuais e do quanto sente *"dó"* das mulheres e pelas crianças, dizendo-se incapaz de cometer alguma maldade a elas. *"Queria pendurar estes estupradores pelo calcanhar, não admito que façam mal para as crianças e para as mulheres porque são ingênuas, matei uma só mulher em um latrocínio, porque ela reagiu"*.

É surpreendente a crueza nos comentários feitos por Benedito, ao dizer que as mulheres são pessoas infiéis feitas para envergonhar; que os homossexuais e estupradores deveriam morrer; que, por conta própria, não matava mulheres e crianças, por sentir pena destas; e também que avançou ao cometimento de latrocínios, simplesmente porque gostava de ver o corpo tombar. Além disso, finalizou seu diálogo com enorme frieza, salientando que matara uma mulher, pois

ela havia reagido ao assalto, como se o fato de a pessoa reagir a um ato de violência fosse razão suficiente para perder a vida.

Se partirmos do pressuposto de que, no imaginário dos participantes deste grupo, a culpa de seus atos destrutivos é atribuída à própria vítima, encontramos semelhança entre esta atitude e o conceito de estrutura do tipo paranoide descrito por Bleger (117)[14]:

> Nele, o característico é que o sujeito acusa, identifica ou vivencia, no mundo externo um objeto ou objetos, persecutórios ou perigosos, que podem irromper, pondo em perigo o equilíbrio ou a integridade de seu ego; quer dizer, o sujeito sente-se ameaçado por perigos que provêm do exterior. (117)

Ainda, sobre a personalidade paranoide:

> Na conduta de estrutura paranoide incluem-se os que acusam ou referem perigos ou culpas a outras pessoas ou objetos do mundo exterior, os que atribuem a outros a responsabilidade do que lhes ocorre ou fazem, os que agem ou pensam em função de eventuais, possíveis ou atuais perigos ou riscos do mundo exterior, os desconfiados e irritáveis; igualmente, as condutas de ataques e distintas formas de violência contra o mundo exterior ou objetos do mesmo (117).

Assim, acreditamos que tais participantes enxergaram em suas vítimas uma suposta ameaça ao equilíbrio e à estrutura de seu mundo, de tal forma que deveriam acabar com o objeto ameaçador da tranquilidade estabelecida por suas normas e leis próprias. Diante disso, agiram como deuses, soberanos e oniscientes, impondo ao mundo sua própria lei.

Pensando nessa perspectiva, nossa discussão vai ao encontro das características da conduta paranoide encontradas dentro da psicopatologia psicanalítica. Os participantes desta pesquisa, ao transformar o outro em “perseguidor puro", apagam e desconsideram a pessoalidade alheia, a ponto de ser possível o assassinato. A nosso ver, o motivo parece poder ser tanto a traição sexual como a reação diante de um assalto, ou o desafio de dizer que não entrega

[14] Vale a pena ressaltar que não temos intenção de levantar hipóteses diagnósticas – o que seria leviano de nossa parte -, mas, sim, pretendemos contribuir para a compreensão acerca de tais comportamentos.

uma bicicleta. Ao “contrariar” o homicida, a pessoa se torna nada mais do que um alvo a ser atingindo.

Ainda de acordo com a teoria blegeriana, o ser humano, quando submetido a diferentes estímulos e diferentes situações possíveis, reage de maneiras distintas (117). Isso nos leva a pensar nas diferentes condutas que os seres humanos têm diante das situações de suas vidas: algumas pessoas chegam ao cometimento de assassinatos, enquanto outras não têm qualquer tipo de reação violenta, às vezes, diante do mesmo tipo de situação.

Bleger (117) afirma que a conduta de um ser humano ou de um grupo se manifesta sempre de acordo com as relações e as condições em que atuam concomitantemente, em cada momento único. Assim, toda a conduta deve ser entendida através da consideração da dramática da vida, em seus aspectos histórico, social, cultural e biológico. O autor enfatiza que a conduta é dotada de sentido e se expressa em ações sobre o mundo.

Ao falarmos de condutas, em especial de condutas criminosas, movemo-nos, inevitavelmente, ao encontro da questão da moralidade e da capacidade de colocar-se no lugar do outro. A moralidade, para Winnicott (154 e155), é decorrência do desenvolvimento e do amadurecimento emocional da “capacidade de consideração”.

Porém, cada ser humano age e reage de diferentes formas diante dos fatos da vida, tendo variados padrões de conduta. Desse modo, os homicidas inseridos neste grupo parecem comunicar que compreendem que, dentro das leis de “não matar”, formuladas pela sociedade, há brechas pelas quais poderiam infringir determinadas regras, de acordo com aquilo que enxergarem como o melhor para si mesmos. Elegemos, para ilustração, o seguinte material clínico, extraído da narrativa do encontro com Bartolomeu:

> Bartolomeu: *A morte é uma consequência da vida, depende de como a pessoa vive, se ela fizer alguma coisa pode morrer* (sinto que se referia à esposa)*, pode a pessoa estar andando até a morte, não dá para prever isto.*
> Danielle: *Quando diz sobre andar até a morte, ao que está se referindo, Bartolomeu?*

> Bartolomeu: *Eu não falo muito disso não, mas, já que a senhora perguntou e agora estamos falando da morte, é da minha esposa. Por exemplo, eu tirei a vida dela, tirei mesmo e, sabe, tirei com orgulho mesmo, armei tudo, eu sei que ela estava me traindo e sei que era porque eu bebia, eu acabei abrindo as porta e deixei outro camarada entrar na vida dela quando eu tava bêbado, mas, mesmo assim, isso não tem perdão, eu fiquei sabendo, tomei mais uns goró, cheguei em casa e matei ela estrangulada enquanto ela dormia, fiz com a minha própria mão para deixar marcado.* (Movimenta as mãos no ar como se estivesse estrangulando alguém, mas continua com o tom de voz baixo e a cabeça olhando para o chão).

Winnicott criou termos novos acerca do tema e os estudou em momentos diversos do curso do amadurecimento de uma pessoa; termos como: "moralidade inata", "crença em…", "bondade original", entre outros. De acordo com a teoria psicanalítica winnicottiana, a moralidade faz parte de um amadurecimento pessoal e pode ser descrita nos termos do desenvolvimento, na criança, da capacidade para ter um senso moral (156).

Ora, se é verdade que a criança sadia é capaz de considerar pessoas e objetos externos, tendo a capacidade, inclusive, de colocar-se na situação das outras pessoas empaticamente (Winnicott) (97), concluímos que o campo apresenta fortes indícios de vivências de intenso sofrimento emocional e de adoecimento existencial, pois mostra muito presente a impossibilidade de reconhecimento do mundo humano, da existência de outras pessoas e, em decorrência, do pertencimento à própria humanidade, fazendo com que a vida fique empobrecida e marcada por fortíssima solidão.

Em um primeiro momento, a colocação acima pode parecer muito simples, mas referimo-nos a um fenômeno muito mais complexo do que o fato de simplesmente não ter a capacidade empática. Estamo-nos remetendo a um processo que resulta de um percurso maturacional, extremamente refinado, que tem início nos primeiros meses de um bebê (146).

Nesse contexto, aproximamo-nos diretamente do campo denominado "Dramática humana", organizado ao redor da crença de que o viver humano,

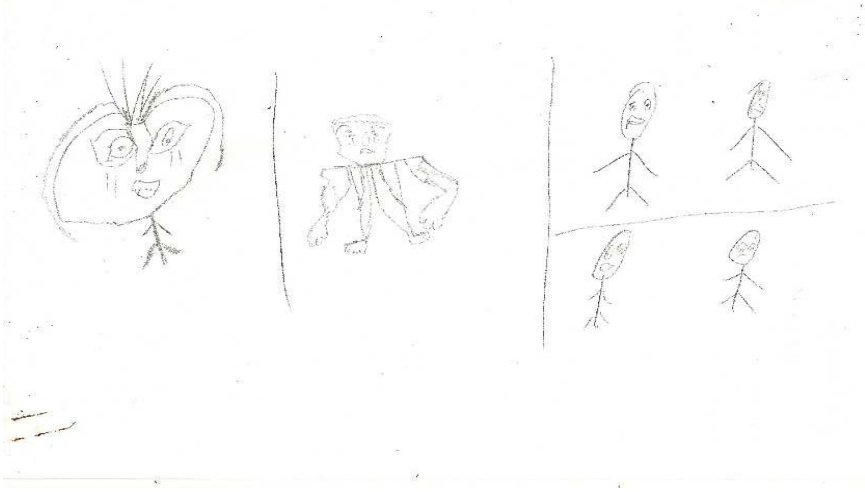
fenômeno muito complexo, que abarca tanto ações destruidoras e violentas quanto ações construtivas e gentis, passíveis de serem realizadas por todos os seres humanos. Neste campo, encontramos inseridas as produções de Antônio, Bartolomeu, Aquino e Bento, uma vez que suas comunicações emocionais foram impactantes o suficiente para compor um campo próprio de sentido afetivo-emocional, ligado ao imaginário estudado.

Podemos supor o quanto deva ser emocionalmente dramático, para nossos participantes, lidar com as suas próprias histórias de vida, imaginariamente pertencentes a um universo de desesperança. Neste panorama, pensamos que as produções abarcadas por este campo, revelam experiências de dramas tão complicados que podem mesmo proporcionar esquecimento da condição humana.

Para Winnicott (97):

> Ser capaz de tolerar tudo o que podemos encontrar em nossa realidade interior é uma das grandes dificuldades humanas, e um dos importantes objetivos humanos consiste em estabelecer relações harmoniosas entre as realidades pessoais internas e as realidades exteriores. (97).

Diante de nossa interlocução com o campo "Dramática humana" e ao remetermo-nos ao esquecimento da condição humana, recordamo-nos imediatamente do segundo desenho feito por Aquino. Voltamo-nos ao material clínico deste participante que, após a realização de seu desenho e da invenção da história, toma nas mãos outra folha e desenha o que, na narrativa, denominamos de *tipos monstruosos de seres humanos:*



Após dar o desenho por encerrado, explicou: *"o primeiro era o desenho de uma pessoa grande que tinha de tudo e de repente acabou perdendo tudo e ficou sem nada, acabou explodindo e fazendo besteira com uma vida triste. No segundo, é um monstro, rejeitado e que para ele o mundo acabou, só existe o desprezo e é excluído da sociedade. E no outro desenho está alegre. Isto é a minha vida, eu não estou excluído da sociedade, mas sim do mundo"* .

A fala e o desenho foram tão impactantes que nos levaram a crer que Aquino tivesse conseguido traduzir aquilo que talvez todos os participantes quisessem nos mostrar, mas não sabiam exatamente como fazê-lo; ou, talvez, não tivessem claro em suas consciências o que de fato sentiam.

Pensamos que estivessem sustentados ao redor da crença afetivo-emocional de que são pessoas excluídas da sociedade por terem cometido atos cujas razões também tentaram, por vezes, encontrar. Para ilustração, apontamos a seguinte reflexão da pesquisadora acerca dos participantes, obtida na narrativa da entrevista de Antônio, na qual ela não fala apenas do entrevistado em questão, mas faz também uma consideração acerca de todos os entrevistados: "Muitos também me traziam a sensação de estarem tentando entender o que aconteceu com os seus sentimentos, com suas emoções e o impulso físico que o levaram a cometer tais crimes".

As falas de todos os entrevistados nos comunicam que, apesar de admitirem seus homicídios, eles também não consideravam éticos seus atos agressivos. No entanto, não queriam ser reduzidos apenas a este comportamento, pois, muitas vezes, são vistos como "monstros" pela sociedade. Embora, talvez, em alguns momentos, concordem com essa impressão, em outros, duvidam dessa condição monstruosa. Também no seguinte trecho da narrativa do encontro com Antônio podemos ver a expressão de nossa impressão:

> Salientou que sentia tristeza também pelos familiares do rapaz de quem tirou a vida e completou: *"A morte deve ser terrível, pela pessoa que vai e pela pessoa que fica. Este rapaz mesmo que eu matei, eu conhecia ele, e respeito a dor da família dele"*.

Agostinho também traz ponderações acerca da discussão sobre a noção de que matar o outro não é uma atitude totalmente aceitável: "[...] contou como se sentia indignado por ter tirado a vida de uma outra pessoa, pois não conseguia imaginar a sua vida sem seus pais. "*Como poderia, então, pensar no que os familiares daquele rapaz sentiram?*"".

Os participantes deste grupo denotaram ter encarado seu ato destrutivo, não o excluindo do passado do acontecer humano. Parece que não organizam a totalidade de suas existências num ato, mas, sim, em várias ações realizadas ao longo de suas vidas. Também parecem conscientes das consequências que recaem ou que poderão recair sobre eles, mas, mesmo entristecidos, demonstram força pessoal para *"seguir em frente"* e revelam-se capazes de realizar atos mais nobres e construtivos. À guisa de exemplo, podemos citar o fato de tanto Antônio como Agostinho terem apresentado, em suas entrevistas, reflexões acerca da vida e do futuro, ambos fazendo planos concretos de empreendimentos e ambições de cursar uma faculdade.

A crença sustentada ao redor do imaginário destes entrevistados contrapõe-se aos outros dois campos, pois nos traz reflexões acerca dos atos humanos, não como um acontecimento fatídico nem como a necessidade de ocultação da pessoa que lhes causava sentimentos persecutórios. A reflexão que

se faz presente relaciona-se à ideia de que todos os atos humanos pertencem ao acontecer humano; ou seja, os participantes deste campo nos comunicaram que, além do assassinato cometido, também tiveram outras atitudes em relação aos desafios da vida e também aspiram por um futuro melhor, coberto por atos virtuosos.

A concepção de que toda manifestação humana é pertencente ao acontecer humano é considerada por alguns autores (117, 119, 123 e 139) como "alma" do método psicanalítico. Nas palavras de Ambrosio (134):

> Dizer que toda manifestação humana está dotada de sentido significa dizer que faz parte, inevitavelmente, do acontecer humano. A base do método psicanalítico é, pois, uma ética que reconhece que não importa quão sublime ou monstruosa, quão cruel, bizarra ou generosa seja uma manifestação humana, terá sempre condições de ser compreendida como possibilidade do acontecer humano. Deste modo, a essência do método é uma ética que jamais poderá sustentar nenhum tipo de exclusão, concreta ou simbólica, de indivíduos e grupos humanos (134).

Ao encerrar este capítulo, consideramos relevante salientar que sabemos que algumas reflexões partem de nossa própria compreensão e interpretação do material da entrevista; e também não podemos deixar de comentar que o material – narrativas e desenhos-estórias – contém conteúdos conscientes, escritos e mencionados diretamente pelos participantes, mas também contempla material não consciente, interpretativamente criado/encontrado por nós.

VI. Considerações finais

Por que uma pessoa mata outra? Por que algumas pessoas matam e outras não? Estas perguntas nos acompanham desde os tempos mais remotos da vida humana. A psicologia, segundo Bleger (117), é a ciência que estuda os fenômenos psicológicos ou mentais, devendo ater-se ao estudo das condutas humanas reais e concretas. O autor salienta ainda que "a conduta de um ser humano ou de um grupo está sempre em função das relações e condições interatuantes em cada dado momento" (117).

De acordo com nossas pesquisas, pudemos notar grande variedade de estudos que tentam entender a conduta homicida sob diversos parâmetros, os quais, a bem do entendimento, durante a introdução desta dissertação, preferimos dividir em parâmetros biológicos, sociais e psicológicos. Mesmo diante da vasta literatura acerca do fenômeno que pretendíamos estudar, julgamos que a presente pesquisa, referente aos aspectos afetivo-emocionais não conscientes, subjacentes ao homicídio, possa trazer grandes contribuições ao estudo do comportamento humano.

No que se refere à motivação homicida, muitas são as investigações realizadas por diversas áreas das ciências humanas que, de acordo com suas práticas clínicas e investigativas, procuraram discorrer sobre a dinâmica criminal e o delito contra a vida propriamente dito (157). Dentre muitos, como pode ser observado em nossa revisão bibliográfica, destacamos o trabalho realizado por Roberts, Zgoba e Shahidullah em 2007, que acompanharam, no Departamento de Correções de Nova Jersey, 336 homens que cometeram homicídio. Ao concluírem o estudo, conceituaram quatro novas tipologias de criminosos cometedores de homicídios: 1) homicídio precipitado por uma briga ou discussão geral; 2) homicídios durante o acontecimento de outro crime, como assalto, sequestro ou estupro; 3) homicídios relacionados à violência doméstica; e 4) homicídio acidental (158).

De fato, os participantes de nossa pesquisa enquadram-se nas tipologias descritas no estudo citado. No entanto, nossa meta com este trabalho não foi a classificação dos diferentes tipos de homicídios ou da situação em que o indivíduo se encontrava no ato do delito. Nosso objetivo, no decorrer de todo o processo de construção de nossa pesquisa, esteve relacionado à consideração dos aspectos

afetivo-emocionais não conscientes presentes no material clínico, com a intenção de, por meio de nossas interpretações, criar/encontrar a forma com que o “matar” aparece no Imaginário Coletivo do grupo estudado.

Assim, no decorrer desta pesquisa e diante de nossas múltiplas associações acerca das produções dos participantes pesquisados, pudemos *criar/encontrar* três campos de sentido afetivo-emocional, aos quais denominamos: “Acontecimento fatídico”, “Um mundo próprio” e “Dramática humana”.

Primeiramente observamos que o ato de matar aparece, no Imaginário Coletivo dos homicidas estudados, como um acontecimento predestinado na vida de algumas pessoas, como algo que “cairia sobre as suas cabeças” e que, de fato, fugiria ao seu controle. Tal campo foi denominado “Acontecimento fatídico”.

Observamos que, no imaginário dos participantes deste campo, o homicídio por eles cometido foi explicado como uma atitude que não puderam evitar, fora de seus controles e predeterminada em suas vidas, fatalmente rompendo a vida que levavam ao lado da família, quando em liberdade. Por outro lado, o ato de matar aparece também como um acontecimento repentino que é perpetrado como forma de repetição daquilo que “aprenderam” ou viram no decorrer de suas histórias de vida, ou seja, como se o ato destrutivo fosse a forma com que aprenderam a reagir a determinados acontecimentos.

Convém ressaltar que muitos de nossos participantes relataram, em suas histórias de vida, eventos de maus tratos, violência intrafamiliar e abandono na infância. Obviamente não pretendemos aqui fazer nenhum tipo de esquematismo simplista, ao relacionar o ato de tirar a vida de outra pessoa com o fato de não terem tido a oportunidade de crescer em um lar emocionalmente estruturado. A discussão relacionada aos cuidados maternos e à importância de uma estrutura familiar adequada é quase inevitável, quando falamos sobre o comportamento criminoso. Mesmo ao ponderarmos ser a vida muito mais complexa do que o simples esquema: família estruturada= saúde mental X família problemática=homicídio, não podemos deixar de considerar o reconhecido valor dos estudos que relacionaram a delinquência a um ambiente desestruturado.

Partindo da relação entre ambiente suficientemente bom e saúde mental, voltamo-nos às teorias de Winnicott (96), quando de sua apresentação sobre a "relação direta entre a tendência antissocial e a privação familiar" (96). Para o autor, o desenvolvimento saudável do indivíduo começa em casa, a partir de um lar que lhe ofereça segurança e controle de suas atitudes. Nas palavras de Winnicott (96):

> [...] O delinquente só poderá tornar-se cada vez mais inibido no amor e, por conseguinte, cada vez mais deprimido e despersonalizado, tornando-se por fim totalmente incapaz de sentir a realidade das coisas, exceto a realidade da violência.
> [...] O comportamento anti-social nada mais é, por vezes, do que um SOS, pedindo o controle das pessoas fortes, amorosas e confiantes (96).

Para Bowlby (159), é fundamental para a saúde mental da criança a experiência de uma relação amorosa, íntima e contínua com sua mãe (ou sua mãe substituta), com satisfação e prazer mútuos, enriquecidos pelas relações com o pai e toda a família. De acordo com o autor, a angústia proveniente de relações primitivas insatisfatórias pode levar a criança a reagir futuramente de forma antissocial.

Dado marcante, por nós ressaltado, é o fato de alguns de nossos participantes terem sido autores de homicídios contra a figura feminina que, em nossa sociedade, é tida como a mantenedora da união familiar. A nosso ver, possivelmente por isso é que não conseguiram produzir desenhos-estórias que retratassem uma pessoa que "leva uma vida boa" e uma família unida perpetuamente.

Ao passarmos para o segundo campo, denominado "Um mundo próprio", o "matar" aparece no imaginário destes participantes como uma forma de "autoproteção", tal qual a estrutura de personalidade paranoide descrita por Bleger (117), em que a atitude do homicídio apareceria sob a forma de eliminar a pessoa ou o objeto que coloca seu ego em risco, e isso justificaria seu ato destrutivo.

Ainda que correlacionemos a atitude destes participantes à estrutura de personalidade paranoide, não devemos deixar de salientar nosso conhecimento acerca da complexidade do estudo da conduta, que não pode, de forma alguma,

ser simplificado somente ao ato em si. O próprio Bleger (117) aponta o quanto um fenômeno é complexo de ser entendido:

> Um fenômeno é sempre muito complexo para ser estudado em sua totalidade e nos vemos obrigados a limitá-lo ou circunscrevê-lo, fragmentá-lo ou isolá-lo porque, se partirmos do conhecimento de que tudo tem relação com tudo, resultam múltiplas - para não dizer infinitas – as relações que teríamos que captar unitariamente (117).

Neste sentido, o que buscamos, ao discorrer sobre este campo, foi apenas um enquadramento de estudo do fenômeno que procuramos abordar. Ao acreditarmos e reconhecermos a complexidade da formação da personalidade do ser humano, cremos que, caso escolhêssemos discorrer sobre tal questão, teríamos de dedicar anos de estudo para escrever com propriedade sobre essa dinâmica. Mesmo as antigas séries complementares de Freud, trabalhadas por Bleger (117) em alguns capítulos sobre causalidade da conduta, são, por si sós, suficientes para deixar claro que nenhuma psicopatologia se produz de modo simples e direto.

Quanto ao terceiro e último campo de sentido afetivo-emocional, concluímos que o matar apareceria no Imaginário Coletivo dos homicidas entrevistados como apenas mais uma, dentre tantas atitudes que um ser humano pode ter no decorrer de sua vida. O homicídio – incontestavelmente dramático e sofrido – é um dos diferentes comportamentos que as pessoas podem adotar. Tal campo foi por nós denominado de “Dramática da vida”.

Ainda neste campo, discorremos sobre o fato de nossos entrevistados terem comunicado, a partir de suas produções, a forma monstruosa com que são vistos pela comunidade e a consequente exclusão que sofrem. Compreendemos também que, em alguns momentos, essa exclusão é efetuada por eles próprios, mas o mundo externo acaba por ocupar papel também de gerenciador dessa exclusão vivenciada no âmago das existências desses participantes. A partir da compreensão de que todo ato humano pertence ao acontecer humano, acreditamos que seria simples demais dizer que o indivíduo capaz de tirar a vida de outrem não pode ser nada além de um *monstro*, e, portanto, um não humano.

No entanto, não nos podemos esquecer de que estas pessoas foram, em algum momento, autores de atos monstruosos que colocaram final à vida de outras pessoas. Aqui, chegamos a uma reflexão acerca das possibilidades de ação de todos os indivíduos, dadas suas condições pessoais, sociais, políticas, econômicas: quais atitudes somos capazes de ter? Até que ponto somos controladores de nossos próprios atos? Acreditamos que o viver é fenômeno por demais complexo e que qualquer tentativa de reduzi-lo ocorrerá em erro.

Assim, embora não seja o foco neste momento, acreditamos que tal discussão parte de um ponto de vista ético, pois, ao realizarmos uma pesquisa que intencionava, inicialmente, dar voz ao homicida, partimos do princípio de que tais participantes não poderiam ser vistos a partir de um único ato. Mesmo que a atitude de agredir o outro seja eticamente repudiada, a intolerância ao homicídio não pode ser traduzida por intolerância ao homicida. Não aceitar que uma pessoa tire a vida de outra é fundamento ético primordial da vida humana. No entanto, de acordo com nossas reflexões, todas as atitudes devem ser entendidas em seus diversos âmbitos sociais, culturais e políticos.

Assim, concluímos que o campo "Dramática da vida" comunica-nos que todos os seres humanos podem ter capacidade tanto de amar e ajudar como de agredir e matar.

A partir deste estudo, criamos/encontramos três motivações que poderiam estar sustentando o Imaginário Coletivo da conduta de nossos entrevistados.

Como dado relevante deste trabalho, consideramos importante salientar, neste momento, que os três campos se organizam segundo a estrutura de conduta paranoide. Isso não significa, contudo, que estejamos assinando diagnósticos individuais de personalidade - tanto porque não fizemos estudos focando cada indivíduo como tal, e, sim, como integrante de uma pessoalidade coletiva, como também porque este é um diagnóstico das defesas, e não do *self*. Sabemos que, se tivéssemos feito estudos individualizados, deveríamos focalizar tanto defesas como angústias, pormenorizadamente.

"Acontecimento fatídico", "Um mundo próprio" e "Dramática humana" são três campos em que percebemos "elementos" (ou objetos) maus, perigosos, que

ameaçariam o bem-estar do indivíduo: o acontecimento fatídico parece a irrupção de “azares” que viriam não se sabe de onde, mas destruiriam uma ordem preexistente; o mundo próprio organiza-se como defesa de um indivíduo que se vê como o centro e considera tudo em função de si mesmo, sem espaço para levar em conta empaticamente o outro como semelhante; a dramaticidade consiste numa crença de que “qualquer um” pode fazer “coisas erradas”, que surgem claramente como tentativa de defender-se de castigos. Estes castigos são claramente percebidos, os indivíduos notam bem que cometeram atos que os demais criticam, mas que eles próprios “justificariam”. Por que dizemos isso? Porque, no campo da paranoia, o indivíduo existe como precária continuidade de ser, e tudo o que não coincide com o atendimento das suas necessidades é mau, é monstro, é demônio e deve ser exterminado.

As condutas paranoicamente estruturadas de nossos participantes advêm do fato de eles atribuírem a culpa de seus atos a outras pessoas ou a objetos externos. Assim, a mulher traidora ou um amigo desafiador são alvos a serem atingidos pelos homicidas que, paranoicamente, pretendiam defender-se de um objeto maléfico.

Ao tomarem o matar como um acontecimento fatídico predeterminado em seus próprios destinos, aproximam-se da estrutura de conduta paranoide, pois isentam-se de culpa e culpabilizam o destino pelos seus atos de aniquilamento. Também quando comunicam que todos os seres humanos são capazes de erros irreversíveis, como o assassinato, estão caminhando em direção ao campo paranoico, como tentativa de diminuir a culpa e a punição.

Concluímos que os homicidas entrevistados apresentaram incapacidade de assumir as próprias responsabilidades, pois vivem num mundo raso, binário e “pouco profundo”, em que os seres se dividem entre “fontes” e “obstáculos” à satisfação de suas necessidades próprias. Como se, neste mundo, só existissem outros poderosos, que são inimigos quando os contrariam.

Podemos dizer que os participantes desta pesquisa não foram psiquiatricamente diagnosticados; no entanto, apresentam-se psicanaliticamente

doentes. São abarcados por um adoecimento existencial que não lhes permite considerar o outro nem a si mesmos como pertencentes do mundo humano.

O leitor pôde notar que as expressões de nossos participantes emergiram não apenas de um campo, pois, mesmo que tendamos a julgar que nos movemos em campos psicologicamente diferenciados, parecem-nos “logicamente” próximos. Isso porque decidimos que cada indivíduo foi considerado como expressão da pessoalidade transindividual coletiva, e não individual (137).

Evidentemente, medidas regulamentadoras da ordem social devem ser tomadas, e não pretendemos aqui fazer nenhum tipo de apologia ao crime, nem desqualificar atos destrutivos. Entretanto, insistimos na necessidade de questionamento acerca do conhecimento das motivações emocionais dos indivíduos que praticam atos destrutivos, até mesmo hediondos, visando o incremento das condições sociais de desenvolvimento de intervenções ou punições relativas a esse grupo específico. Em nossa sociedade ocidental, a forma encontrada para tentar impedir o crescimento da violência foi especialmente determinada a partir de certa época, privando o indivíduo que cometeu atos criminosos de sua liberdade. No entanto, é fato que a prisão acaba por reforçar posicionamentos paranoides, mas, ao mesmo tempo, temos que convir que essas pessoas são, de fato, perigosas.

Longe de procurar esgotar essa tarefa, dada a complexidade da natureza humana, neste estudo procuramos apontar algumas pistas que possam contribuir para o conhecimento da conduta homicida. Pudemos tecer algumas reflexões acerca dos campos de sentido afetivo-emocional criados/encontrados por nós. Convidamos o leitor a aproximar-se do material clínico apresentado e, a partir de sua bagagem teórica e vivencial, diferente da nossa, aventurar-se na captação interpretativa de muitos outros sentidos, criando/encontrando seus próprios campos de sentido afetivo-emocional.

Como forma de elucidação, formulamos uma narrativa coletiva que, a nosso ver, melhor expressa o Imaginário Coletivo que encontramos e contempla o que a pessoalidade coletiva investigada nos comunicou:

Fui vítima de lares desestruturados. Fui traído (maltratado, desrespeitado, contrariado, etc.) por alguém que me tirou do sério e aí eu matei. Bom, mas a minha vida não acabou, estou aqui, estou vivo, coisas ruins acontecem, e eu não fiz só isso na vida, eu não fiquei matando o tempo todo... posso me comportar de um jeito bom com as pessoas... Se tudo acontecesse conforme minhas necessidades pessoais, eu não teria matado ninguém.

Diante da narrativa exposta, podemos supor o quanto deva ser difícil para a sociedade concordar com o que ela expressa. Afinal a vítima do ato homicida de nossos participantes não terá mais a chance de uma nova vida; por outro lado, que sentido teria não dar outra oportunidade ao homicida?

Ao mesmo tempo que o homicida quer comunicar-nos que "está vivo", não podemos ignorar o fato de que uma outra pessoa – a sua vítima – está morta. Assim, se o "matar" não foi a única coisa que fez, por outro lado, foi o gesto que tirou a vida de outra pessoa! E este ato único foi "definitivo" para alguém.

O ser humano deve ter, ao mesmo tempo, capacidade de assumir responsabilidades pelas próprias condutas. Consideramos que o ato destrutivo desferido pelos nossos participantes parece não ser suficientemente valorizado, por eles mesmos, como total desrespeito pela vida do semelhante.

VII. Referências Bibliográficas

1- Peixoto BT, Lima RS, Durante MO. Metodologias e criminalidade violenta no Brasil. São Paulo Perspectiva. 2004; 18(1): 13-21

2- Challub M, Telles LEB. Álcool, drogas e crime. Revista Brasileira de Psiquiatria. 2006; 28(2): 69-73.

3- Hassemer W. Três temas de direito penal. Porto Alegre: Publicações Fundação Escola Superior do Ministério Público; 1993; 98p.

4- Wirth MFP. A mulher atrás das grades. [artigo on-line] 2009, abril [Acesso em 15 de abril de 2009]; [Disponível em: URL:http:// www.âmbito_juridico.com.br/site/índex.php?n_leitura&artigo_id=4977.

5- Velho G. Mudança, crise e violência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

6- Waiselfisz JJ. Mapa da violência 2012 os novos padrões da violência homicida no Brasil. [artigo on-line] 2012 janeiro [Acesso em 3 de janeiro de 2012]; [Disponível em URL: http://www.mapadaviolencia.org.br].

7- SIM - Sistema de Informação de Mortalidade – [sistema on-line]. 2012 [Acesso em 20 de janeiro de 2012]; [Disponível em URL: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto. cfm?idtxt=21377].

8- Andrade MV. & Lisboa MB. Desesperança de vida: Homicídio em Minas Gerais. In: Henriques, R. (editor). Desigualdade e pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA; 2000: 347-384.

9- Cardia N, Adorno S, & Poleto F. Homicídio e violação dos direitos humanos em São Paulo. Estudos avançados. 2003; 17: 43-73.

10- Batucci EC. O homicídio em qutro regiões metropolitanas brasileiras: dados do sistema de informações sobre mortalidade. Reunião da ANPOCS [on-line] 1998 [acesso em 27 de novembro de 2011]. Disponível na URL: http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.arg.

11- Soares RR. Crime reporting as a measure at institutional development. Economic Development and Cultural Change. 2004; 52(4): 851-871.

12- Nucci GS. Código penal comentado. 10ª ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2010. 696p.

13- Cerqueira D & Lobão W. Determinantes da criminalidade: arcabouços teóricos e resultados empíricos. Dados. 2004; 47(2): Rio de Janeiro.

14- Beristain A. Nueva Criminologia desde el Derecho Penal y la Victimologia. Valencia: Tirant Blanch. 1994.404p.

15- Serafim AP. Aspectos etiológicos do comportamento criminoso: parâmetros biológicos, psicológicos e sociais. In: Rigonatti, PS (coord.). Serafim AP e Barros EL (org.) Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica. São Paulo: Vetor, 2003. P. 49-60.

16- Valliant PM, Gristey C, Pottier D. & Kosmyna R. Risk of factors in violent and nonviolent offenders. Psychologycal Report. 1999; 85(2): 80-675.

17- Phan TH, Philippot P & Rime E. Subjective and automic responses to emotion induction in psychopaths. Encephale. 2000 May; 26 (1): 45-51.

18- Raine, A, Brennan P & Mendnick SA. Birth complications combined with early maternal rejection at age 1 year predispose to violent crime at age 18 years. Arch. Of General Psychiatry. 1994; 51, 8-948.

19- Scarpa A & Raine A. Psychophysiology of anger and violent behavior. Psychiatry Clinical of North American, 1997; 20(2): 94-375.

20-Cloninger CR, Srakic DM & Przybeck TR. A psychobiological model of temperament and character. Arch. General of Psychiatry. 1993; 50: 90-975.

21-Hare RD. Temporal gradiente of fear arousal in psychopaths. J. of Abnormal Psychology. 1965; 70 (6): 5-442.

22-Cleckley H. The mask of insanity. St. Louis, U.S.A.: Mosby, 1955. 321p.

23-Cano I & Soares GD. As teorias sobre as causas da criminalidade. Rio de Janeiro: IPEA, Manuscritos, 2002.

24- Cressey DP. Crime: causes of crime in International Encyclopedia of The SocialSciences, v. 3. The Macmillian Company & The Free Press. Ed.David L. Sills ed, 1968.

25- Lombroso C. O homem delinquente. São Paulo: Ícone. 2007. 224p.

26- Albegaria JS. Noções de criminologia. Belo Horizonte: Mandamentos, 1999. 308p.

27- Cerqueira D, Lobão W & Carvalho AX. O jogo dos sete mitos e a miséria da segurança pública no Brasil. [Texto para discussão, 144 on-line]. Dezembro de

2005. [Acesso em 5 de janeiro de 2012]; [Disponível em URL:http:// http://www.ipea.gov.br/pub/td/2005/td_1144.pdf].

28- Garcia JA. Psicopatologia forense. 3. ed. Belo Horizonte: Forense, 1979. 507p.

29- Pinel P - Tratado médico filosófico da enajenação mental o mania, Edições Nieva, Madride 1988. 272p.

30- Rutter M. Temperament, Personality and Personality Disorder. Br J Psychiatry 1987; 150: 443-58.

31- Bercherie P. Los fundamentos da clínica, editorial Manantial, Buenos Aires, 1986. 270p.

32- Schneider K. Las personalidades psicopáticas, Edições Morata, 8º edição, Madrid, 1980. 214 p.

33- Cleckley H. M. The Mask of Sanity: An Attempt to Clarify Some Issues About the So-Called Psychopathic Personality. Fifth Edition. Augusta, Georgia: Emily S. Cleckley, 1988. 485 p.

34- Ey H. Études Psychiatriques - tome I. Paris: Desclée de Brouwer, 1952. 296p.

35- Bruno A & Tórtora G. Las psicopatías, Psicologia forense, Sexologia e praxis, 1996 3 (2): 4.

36- Robins LN, Wing J, Wittchen HU, Helzer JE, Babor TF, Burke J et al. The Composite International Diagnostic Interview. An epidemiologic instrument suitable for use in conjunction with different diagnostic systems and different cultures. Arch Gen Psychiatry. 1988; 45:1069-77.

37-American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders. 4th ed. Washington (DC): American Psychiatric Association; 1994. p. 1-550.

38- Moeller GD, Dougherty DM, Barratt ES, Oderinde V, Mathias CW, Harper RA, Swann AC. Increased impulsivity in cocaine dependent subjects independent of antisocial personality disorder and aggression. Drug and alcohol dependence. 2002; 68 (1): 105-111.

39- Terburg D, Morgan B & Van Honk J. The testosterone-cortisol ratio: A hormonal marker for proneness to social aggression. J Law Psychiatry.. 2009; 32(4):216-23.

40- Durant RH, Knight J & Goodman E. Factors associated with aggressive and delinquent behaviors among patients attending an adolescent medicine clinic. J Adolesc Health. 1997; (21): 303-308, 1997.

41- Crowley TJ, Mikulich SK, MacDonald M Young S.E. Zerbe G.O. Substance-dependent, conduct-disordered adolescent males: severity of diagnosis predicts 2-yar outcome. Drug Alcohol Depend. 1998; (49): 225-237.

42- Amiti-Mackesy ME & Fendrich M. Inhalant use and delinquent behavior among adolescents: a comparison of inhalant users and other users. Addiction. 1999; 94(4):555-564.

43- Lennings CJ, Kenny DT & Nelson P. Substance abuse and treatment seeking in young offenders on community orders. J Subst Abuse Treat. 2006; (31): 425-432.

44- Belenko S & Logan TK. Delivering more effective treatment to adolescents: improving the juvenile drug court model. J Substance AbuseTreatment. 2003; (5): 189-211.

45- Swahn MH & Donovan JE. Correlates and predictors of violent behavior among adolescent drinkers. J Adolesc Health. 2004; (34): 480-492.

46- Helstrom A, Bryan A, Hutchison KE, Riggs PD & Blechman E. - Tobacco and alcohol use as an explanation for the association between externalization behavior and illicit drug use among delinquent adolescents. Prev Sci. 2004; (5): 4.

47- Kim HS & Kim HS. - Gender differences in delinquent behavior among Korean adolescents, child psychiatry and human development. 2005; 35(4).

48- Minayo MCS & Deslandes SF. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. [Cad. Saúde Pública. On-line]. 1998; (14)1: 35-42. [Acessado em 7 de outubro de 2012] [Disponível na URL: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1998000100011].

49- Goldstein PJ. The drugs/violence nexus: a tripartite conceptual framework. Journal of drug issues. 1985; 15:493-506.

50- Hoaken PNS & Stewart SH. Drugs of abuse and the elicitation of human aggressive behavior. Addictive Behaviors 2003 28(9): 1533–1554.

51- Kuhns JB & Clodfelter TA. Illicit drug-related psychopharmacological violence: The current understanding within a causal context. Aggression and Violent Behavior. 2009; (14): 69-78.

52- Poldrugo F. Alcohol and criminal behavior. Alcohol & Alcoholism. 1998; 33(1): 12-15.

53- Challub M & Telles LEB. Álcool, drogas e crime. Revista Brasileira de Psiquiatria. 2006; 28(2): 69-73.

54- Carlini EA, Carlini-Contrim B, Silva-Filho AR & Barbosa MT. Levantamento Nacional Sobre o Uso de Psicotrópicos em Estudantes de 1º e 2º graus. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid). Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo, 1989.

55- Heim J & Andrade AG. Efeitos do uso do álcool e das drogas ilícitas no comportamento de adolescentes de risco: uma revisão das publicações científicas entre 1997 e 2007. Ver. Psiquiatr. Clín. 2008; 35(1).

56- Peixoto A. Criminologia. São Paulo: Cia. Das letras, 1936. 295p.

57- Klock J. Schizophrenia and delinquence. In: Anport, Rueck (org.). The mentally abnormal offender. Boston: Litle Brown, 1968. 297p.

58- Stone MH. Criminology and psychopathology. J. of Practic Psychiatry Behavior and Health. 1997; 3: 55-146.

59- Ladds B. Homicide in psychiatric in –patient facilities: a review, a six year study, and a case report. J. of Forensic Science. 1995; 40(3): 4-440.

60-Asnis GM, Kaplan ML, Hundorfean G & Saeed W. Violence and homicidal behaviors in psychiatric disorders. Psychiatric Clinics of North America. 1997; (20): 405-425.

61- Woodward M, Nursten J, Williams P & Badger D. Mental disorder and homicide:A review of epidemiological research. Epidemiologia e Psichiatria Sociale. 200; (9): 171-189.

62- Tiihonen J, Eronen M & Hakola P. Criminality associated with mental disorders and intellectual deficiency. Archives of General Psychiatry. 1993; (50): 917-918.

63- Piotrowski C. Confirmatory research on the assessment of murderers. Psychological Reports. 1997; (81): 1025-1026.

64- Robert C, Schwartz Heather M, Wendling & Heather K. Guthrie Examining Anxiety as a Predictor of Homicidality : A Pilot StudyJ Interpers Violence. 2005; 20: 848

65- Shaw J, Appleby L, Amos T, McDonnell R, Harris C, McCann K, et al. Mental disorder and clinical care in people convicted of homicide: National clinical survey. British Medical Journal. 1999; 318(7193): 1240-1244.

66-Organização Mundial de Saúde. OMS. Manual de classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. São Paulo: Centro da OMS para classificação de doenças em português- USP, 1995.

67-Andrade JT. The inclusion of antisocial behavior in the construct of psychopathy: a review of the research. Aggression and Violent Behavior. 2008; 13(4): 328–335.

68- Soares MH. Estudos sobre transtornos de personalidade Antissocial e Borderline. Acta Paul Enferm 2010; 23(6): 8-852.

69-Korn ML, Plutchik R & Van Praag HM. Panic-associated suicidal and aggressive ideation and behavior. Journal of Psychiatric Research. 1997; (31): 481-487.

70- Vassileva J. Classification of criminal offenders based on psychopathy and theoretically related constructs. [Doctoral dissertation, The Herman M. Finch University of Health Sciences-The Chicago Medical School] Chicago, 1999.

71- Gierowski JK. (1994). The role of anxiety in the genesis of an act of man-slaughter. Psychiatria Polska. 1994; 28(3): 101-112.

72- Serafim AP, Barros DM, Valim A & Gorenstein C. Resposta cardíaca e nível de ansiedade em homicídas psicopatas. Revista brasileira de psiquiatria. Setembro; 2009. 31(3): 214-218.

73- Scarpa A. & Raine A. Psychophysiology of anger and violent behavior. Psychiatry Clinical of North American, 1997; 20(2): 94-375.

74- Rios JA. Criminalidade e violência; relatórios dos Grupos de Trabalhos de Juristas e Cientistas Sociais. Brasília, Ministério da Justiça, 1980.

75- Costa ACG. O conceito de risco pessoal e social – “Brasil Criança Urgente”. São Paulo: Colombus, 1989.

76- Leal CB. A delinquência juvenil; seus fatores exógenos e prevenção. Rio de Janeiro: Aide. 1983. 164p.

77- Farrington DP. The development of offendding and antissocial behaviour from childhood: Key Findings from the Cambridge study in delinquente development. J. of Child Psychology and Psychiatry, 1995; 360: 64-929.

78- Conte FCS. Pesquisa e intervenção clínica em comportamento delinquente numa comunidade pobre. [Tese de doutorado]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 1996.

79- Coid JW. Na affective syndrome in psychopaths with boderline personality disorder. BritishJ. Of Psychiatry. 1993; 162: 50-641.

80- Sampson RJ & Groves WB. Community structure and crime: testing social disorganization theory. American Journal of Sociology. 1989; (94): 774-802.

81-Lemgruber J. Cemitério dos vivos: uma análise sociológica de uma prisão de mulheres. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1999. 142p.

82- Mendonça MJC. Criminalidade e violência no Brasil: Uma abordagem teórica e empírica. Revista Brasileira De Economia de Empresas. Brasilia. 2002; 2(1): 33-49.

83- Becker GS. Crime and punishment: na economic approach. The journal of political economy. Chicago. 1968; 76(2): 169-217.

84- Ehrlick I. On the relation between education and crime. In: Juster FT. (ed.) Education, income and human behavior. New York: Mcgraw-Hill. P. 1975; 313-337.

85-Coelho EC. A criminalidade urbana violenta. Dados. 1988; 31(2). 145-183.

86- Paixão AL. Crime, controle social e consolidação da Democracia. In: Reis FW & O´Donnel G. (org.). A democracia no Brasil: Dilemas e Perspectivas. 1988; São Paulo: Vértice. 78-90.

87- Zaluar A. A máquina e a revolta. São Paulo: Brasiliense. 1985. 265p.

88- Bourguignon F, Nuñez J & Sanchez F. What part of the income distribution does matter for explaining crime? The case of Colombia. Département et Laboratoire D'Economie Théorique et Appliquée (DELTA) Paris. 2003; 2003-04.

89-Resende JP de & Andrade MV. Crime social, castigo social: desigualdade de renda e taxas de criminalidade nos grandes municípios brasileiros. Estud. Econ. São Paulo 2011; 41(1).

90- Gutierrez MDS de, Mendonça MJC, Sachsida A & Loureiro PRA. Inequality and criminality revisited: fuetr evidence from Brazil. In: Encontro Nacional de Economia, 34. João Pessoa 2004. [Anais On-line: AMPEC 2004]. 2004. [Acessado em 27 de agosto de 2011] [Disponónível na URL: http://www.ampe.org.br/encontro2004/artigos/A04A149.pdf.

91- Santos MJ, Kassouf AL. Uma investigação econômica da influencia do mercado de drogas ilícitas sobre a criminalidade brasileira. Revista Economia. Brasília. 2007 8(2): 187-210.

92- Usher D. Educations as deterrent to crime. Canadian Journal of Economics. Montréal. 1997; 30(2): 84-367

93- Lochner L & Moretti E. The effect of education on crime: evidence from prison inmates, arrates, and self-reports. The American Economic Review. Nashville. 2004; 94(1): 155-189.

94- Lochner L. Education, work and crime: Theory and evidence. Rochester: Center of Economic Research. (RCER). Paper 465; 1999; 52p.

95- Teixeira EC. Dois ensaios acerca da relação entre educação e criminalidade. [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo: Escola Superior de Agricultura: "Luiz de Queiroz". Piracicaba; 2011.

96- Winnicott DW. A tendência anti-social. 1956. In: Winnicott DW. Privação e delinquência. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005; 135-147.

97- Winnicott DW. Agressão e suas raízes. 1939. In: Winnicott DW. Privação e delinquencia. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005; 93-110.

98- Winnicott DW. A ausência de um sentimento de culpa. 1966. In: Winnicott DW. Privação e delinquencia. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005; 119-134.

99- Safra G. A violência silenciosa: o eclipse do Ethos humano no mundo contemporâneo. In: Intolerância, Laboratórios de estudos sobre a intolerância. São Paulo: Universisade de São Paulo – LEI. 2010; 1(1): 34-38.

100- Safra G. Uma nova modalidade psicopatológica na pós-modernidade: os espectrais. Psyche. São Paulo (SP). 2000; IV(6): 45-51.

101- Silva JFR. A Clínica, a Psicanálise, a Universidade e a Pesquisa: as vicissitudes de Alice quebra-vidros. [Tese de doutorado]. São Paulo (SP). Universidade Federal de São Paulo, 2007.

102- Lipovetsky G. (1983). A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Trad: M. D. Therezinha, São Paulo: Manole. 1983; 200p.

103- Morana HCP, Stone MH & Abdalla-Filho E. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. Revista brasileira de psiquiatria. Outubro; 2006; 28(2): S74-S79.

104- Saraiva S. Lei de Execução Penal. Col. Saraiva Legislação. São Paulo: Saraiva. 2008. 132p.

105- Santos SM. Ressocialização através de educação. [Artigo on-line]. 2008. [Acesso em 09 de agosto de 2008]. Disponível em URL: http://www.direitonet.com.br/artigos/x/22/31/2231.

106- Aiello-Vaisberg TMJ & Pinto EB. Psicanálise e Universidades: perspectiva. São Paulo: Revista Psico USP, 2001, 12 (2): 137-145.

107- Loparic Z. A máquina no homem. Psicanálise e universidade. 1997; 7: 97-115.

108- Safra G. Investigação em psicanálise na universidade. Psicologia USP. 2001; 12(2): 171-175.

109- Gori R & Hoffman C. Une épistémologie naturalisante? Recherches en Psychanalyses. 2006; 5: 99-101.

110- Hermann F. Pesquisando com o método psicanalítico. In Hermann F & Lowenkron T. (orgs.). Pesquisando com o método psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004; p.43-83.

111- Turato ER. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópoilis, RJ: Vozes. 2008; 685p.

112- Aiello-Vaisberg TMJ & Pinto EB. Psicanálise e Universidades: perspectiva. São Paulo: Revista Psico USP, 2001, 12 (2): 137-145.

113- Pontes MLS. A hora H: O imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre a adolescência. [Dissertação de mestrado]. Campinas (SP): Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas; 2010.

114- Laplanche J & Pontalis JB. Vocabulário de psicanálise. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1992. 892p.

115- Corbett E. Até que a morte nos separe e outros campos do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre a sexualidade. [Dissertação de mestrado]. Campinas (SP). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2009.

116- Silva GF. Ser e Fazer em Grupo: Proposta de uma leitura winnicottiana com a fundamentação teórica do uso de "técnicas" grupais. 2000. [Tese de doutorado]. São Paulo (SP). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2000.

117- Bleger J. Psicologia da conduta. (EDO. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1963; 242p.

118- Aiello-Vaisberg TMJ & Machado MC. Pesquisas psicanalíticas de imaginários coletivos à luz da teoria de campos. In Monzani J, Monzani, LR (orgs.). Olhar: Fabio Hermann, uma viagem psicanalítica. São Carlos: Editora Pedro e João Editores. 2008; 311-324.

119- Politzer G. Critica de los fundamientos de la psicologia. México: Martinez Roca. 1972; 257p.

120- Aiello-Vaisberg TMJ & Machado MC. Pesquisas psicanalíticas de imaginários coletivos à luz da teoria de campos. In Monzani J, Monzani, LR (orgs.). Olhar: Fabio Hermann, uma viagem psicanalítica. São Carlos: Editora Pedro e João Editores. 2008; 311-324.

121- Aiello-Vaisberg TMJ. A ética na pesquisa em debate no Brasil reflexões sobre a pesquisa psicanalítica na universidade. In Aiello-Vaisberg TMJ & Ambrosio FF. (orgs.), Cadernos Ser e Fazer: Imaginários coletivos como mundos transicionais São Paulo: IPUSP. 2006; 61-79.

122- Natanson J. L'Imaginaire dans l aculture occidentale. Imaginaire & inconsciente. 2001; 1(1); 25-33.

123- Aiello-Vaisberg TMJ. Encontro com a loucura: Transicionalidade e ensino de psicopatologia. [Tese de Livre-Docência]. São Paulo (SP): Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, 1999.

124- Ferreira da Silva MC, Furegato ARF & Costa Junior ML da. Depressão: ponto de vista e conhecimento de enfermeiros da rede básica de saúde. Revista Latino-Americana de Enfermagem. 2003; 11 (1): 7-13.

125- Moscovici S. La psychanalyse, son image et son public. Paris: PUF. 1961. 450p.

126- Giust-Desprairies F. Répresentation et imaginaire. 2002. In Barus Michel J, Enriquez E & Levy A. (Orgs.), Vocabulaire de psychosociologie.Paris: Érès. p. 231-250.

127- Machado MCL & Aiello-Vaisberg TMJ. Transicionalidade e fisionomia coletiva. In Aiello-Vaisberg TMJ & Ambrosio FF. (Orgs.). Cadernos ser e Fazer: apresentação e materialidade (pp. 60-65). São Paulo: IPUSP. 2003; p.60-65.

128- Tachibana M. Fim do mundo; O imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gestação interrompida. [Dissertação de doutorado].

129- Aiello-Vaisberg TMJ. Sofrimento humano e práticas clínicas diferenciadas. In: Aiello-Vaisberg TMJ (org.). Ser e fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana. São Paulo: Idéias & letras. 2004.

130- Chiantaretto JF. L'analyste chercheur impliqué. Recherche em psychanalyse. 2004; 1: 171-178.

131- Aiello-Vaisberg TMJ, Corrêa YB & Ambrosio FF. Encontros brincantes: O uso de procedimentos apresentativos-expressivos na pesquisa e na clinica winnicottiana. Anais do Encontro Latino Americano sobre o pensamento de D.W. Winnicott. Rio de Janeiro (RJ). 2000; 9: 331-341.

132- Winnicott DW. O jogo do rabisco. In Winnicott C, Shepherd R, Davis M. (orgs.) Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott. 1968. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994; 230-243.

133- Trinca W. O Desenho Livre como Estímulo de Apercepção Temática. São Paulo (SP). [Tese de Doutorado]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 1972.

134- Ambrosio FF. Ser e fazer arte de papel: Uma oficina inclusiva. [Dissertação de mestrado]. São Paulo. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2005.

135- Winnicott DW. O brincar e a realidade. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 208 p.

136- Aiello-Vaisberg TMJ. Da questão do método à busca do rigor: a abordagem clínica e a produção de conhecimento na pesquisa psicanalítica. In: Aiello-Vaisberg TMJ. Ser e Fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana. São Paulo: Idéias e Letras, 2004. p.119-128.

137- Machado CL & Aiello-Vaisberg TMJ. Transicionalidade e fisionomia coletiva. In: Aiello-Vaisberg TMJ & Ambrosio FF (orgs). Cadernos Ser e Fazer: apresentação e materialidade. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2003; 60-65.

138- Aiello-Vaisberg TMJ & Machado MC. Narrativas: O gesto do sonhador brincante [CD-ROM]. In anais do Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise. São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise. 2005.

139- Aiello-Vaisberg TMJ, Machado MCI & Ambrosio FF. A Alma, o Olho e a Mão: estratégias metodológicas de pesquisa na psicologia clínica social winnicottiana. In Aiello-Vaisberg T. e Ambrosio FF. (orgs) Trajetos do Sofrimento: Rupturas e (Re) Criações de Sentido. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003:6-16.

140- Aiello-Vaisberg TMJ, Granato TMM & Felice M. Tricotando para o bebê que se espera: a arteterapia para gestantes na clínica winnicottiana. In: Mudanças nos 15. São Paulo: Metodista. 2001; 9: 63-76.

141- Aiello-Vaisberg TMJ, Machado MC, Ayouch T, Caron R & Beaune D. Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In D. Beaune. (org.). Psychanalise, Philosophie, Art: Dialogues. Paris: L´Harmattan, 2009; 1: 39-52.

142- Aiello-Vaisberg TMJ, Corrêa YB, Ambrosio FF & Sales RS. Encontros brincantes: o uso de fantoches em consultas terapêuticas. anais do terceiro congresso europeu de psicopatologia infanto-juvenil. Lisboa, 2001.

143- Mencarelli VL. Compaixão na contratransferência: cuidado emocional a jovens HIV+(s). [Tese de Doutorado].São Paulo (SP). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2010.

144- Mijolla-Mellor S. La recherche em psychanalyse à l'Université. Recherche em psychanalyse. 2004; 1: 27-47.

145- Safra G. Pesquisando com material clínico. Psicanálise e Universidade. 1994; 1: 52, 72.

146- Winnicott DW. O conceito de indivíduo saudável. 1967. In: Winnicott DW. Tudo começa em casa. 5ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005; 3-22.

147- Neri C. La notion élargie de champ. Psychothérapies. 2007; 27(1): 19-30.

148- Stolorow RD & Atwood GE. Three realms of the unconscious. In: Stolorow RD, Atwood GE.(Orgs.). Contexts of being: the intersubjective foundations of psychological life. Hil sdale: The Analytic press, Inc. 1992: 29-40.

149- Herrmann L. Campo transferencial: nos rastros de uma teoria para a clínica. Percurso, 2007; 38: 23-30.

150- Winnicott DW. Vivendo de modo criativo. 1970. In: Winnicott DW. Tudo começa em casa. 5ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005; 23-39.

151- Schafer R. Retelling a Life: Narration and Dialogue im Psychoanalysis. New YorK: Basic Books. 1992; 327p.

152- Winnicott DW. (1978). Desenvolvimento emocional primitivo. Em D. W. Winnicott (Org.), Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise (2ª ed. pp. 269-285). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1945)

153- Barus-Michel J. O sujeito e o destino. Psicologia em Revista versão impressa. Belo Horizonte. 2008;14 (1).

154- Winnicott DW. A criança e as outras pessoas. In D. Winnicott (1982/1964), A criança e seu mundo (pp. 116-124). Rio de Janeiro: Guanabara Koogans. 1982; pp.116 -124 [Trabalho original publicado em 1949].

155- Winnicott DW. A moralidade inata do bebê. In D. Winnicott (1982/1964a), A criança e seu mundo (pp. 104-109). Rio de Janeiro: Guanabara Koogans. 1982; pp. 104-109. [Trabalho original publicado em 1949].

156- Silva DCGG da. Análise cronológica dos textos de Winnicott. Winnicott e-prints. São Paulo; 2006; 1(2).

157- Piaget J. O juízo moral na criança. E Leonardon, Trad. 2a ed. São Paulo: Summus. 1994 - Original publicado em 1932.394p.

158- Borges LS. Moralidade e homicídio: um estudo sobre a ação do transgressor. Paideia. 2009; 19 (44): 293-302.

159- Borges LS & Alencar HM de. Moralidade e Homicídio: Um Estudo sobre a Motivação do Transgressor. Psicologia: Reflexão e Crítica. 2006; 19 (3): 451-459.

160- Zaluar A. Da revolta ao crime. São Paulo: Moderna. 1996; 196 p.

161- Ades L. Em nome da honra: Reações a uma situação de humilhação. [Dissertação de mestrado não-publicada].Universidade de São Paulo, São Paulo.1999.

162- García JCR. Aproximacion a la personalidad del homicida a traves del psicodiagnostico de Rorschach. Psicologia: Teoria e Prática. 1999; 1(2): 27-32.

163- Roberts AR, Zgoba KM & Shahidullah SM. Recidivism among four types of homicide offenders: An exploratory analysis of 336 homicide offenders in New Jersey. 2007 12(5): 493-507.

164- Bowlby J. Cuidados maternos e saúde mental. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 1995; 313p.

VIII. Anexos

ANEXO 1 – Homologação do Comitê de ética

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

CEP, 03/05/11.
(PARECER CEP; Nº 264/2009)

2ª VIA

PARECER

I - IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: **"O OLHAR DO HOMICÍDA SOBRE A FINITUDE: UM ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MORTE COM HOMICÍDAS E NÃO HOMICÍDAS DO CENTRO DE RESSOCIALIZAÇÃO DE MOGI MIRIM".**

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Danielle Truffi Lima Davanço

II - PARECER DO CEP.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP tomou ciência e aprovou a emenda que altera o título para **"UM ESTUDO SOBRE O IMAGINÁRIO COLETIVO DE HOMICIDAS SOBRE A MORTE O MORRER E O MATAR"**; inclusão de sujeitos que cometeram o delito homicídia; inclusão do Procedimento Desenhos-Estórias com Tema e o novo objetivo geral, referente ao protocolo de pesquisa supracitado.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

III DATA DA REUNIÃO.

Homologado na V Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 25 de maio de 2010.

Prof. Dr. Carlos Eduardo Steiner
PRESIDENTE do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13083-887 Campinas – SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187

ANEXO 2 - Cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Um estudo sobre o Imaginário Coletivo de homicidas acerca do matar

Eu, Danielle Truffi Lima Davanço, responsabilizo-me por esta pesquisa, e pela apresentação deste Termo de consentimento Livre e Esclarecido, assim como, pela obtenção da assinatura de todos os sujeitos recrutados.

Justifico a importância desta pesquisa, por acreditar que este estudo será útil no campo de pesquisas sobre imaginário coletivo.

O objetivo principal deste projeto será a investigação psicanalítica do imaginário coletivo de homicidas sobre o ato de matar.

Farei uma análise de prontuários criminológicos para encontrar os indivíduos que já cumpriram ou estejam cumprindo pena por homicídio.

Para coleta de dados o sujeito deverá fazer um desenho sobre o tema: "uma pessoa que leva uma vida boa", e em seguida deverá contar uma estória que será anotada por mim. Os encontros não serão gravados. A partir das entrevistas, narrativas transferenciais sobre o acontecer clínico serão confeccionadas.

Sua identidade será devidamente preservada e sua produção será identificada por pseudônimos. Informações confidenciais e sigilosas serão mantidas em segredo, utilizarei apenas os conteúdos pertinentes à pesquisa.

A participação é voluntária com total liberdade para se negar a participar desta pesquisa, ou até de desistir no decorrer do processo, caso isto aconteça nenhum dado será utilizado para análise. O Senhor não será beneficiado de maneira nenhuma como forma de pagamento pela colaboração. Não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que com a participação na pesquisa, não terá nenhum gasto. Pretende-se beneficiar todos os envolvidos na pesquisa, no entanto, sabe-se que, o maior beneficiado será o pesquisador responsável.

Sentimentos podem surgir durante a entrevista, para tanto, estarei prontamente disposta a acolher e dar suporte psicológico.

Para realização desta pesquisa, não percebo outros desconfortos ou riscos previsíveis ou passíveis de prevenção. Todo e qualquer dano não previsível será reparado por mim, caso não possa resolvê-lo, farei os devidos encaminhamentos.

Coloco-me a disposição para qualquer tipo de dúvidas e esclarecimentos futuros. Quando necessário, se permitir, eu pessoalmente entrarei em contato com o senhor.

Eu e o senhor assinaremos duas vias deste Termo de Consentimento, sendo que uma ficará sob os meus cuidados e outra lhe será entregue.

Mogi Mirim, _____ de _____ de_____.

Nome do participante: _____

Assinatura participante:_____

Assinatura do pesquisador: _____

Danielle Truffi Lima Davanço

CRP: 79286

Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria

Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"

13083-887 - Campinas - SP - Brasil

Fone: 19 3521.7206

E-mail: dtruffi@terra.com.br

Comitê de Ética:

Endereço: Rua: Tessália Vierira de Camargo, 126 – Caixa Postal 611113083-887

Campinas /S.P.

Fona: 19 35218936 Fax: 19 35217178

e-mail: cep@fcm.unicamp.br